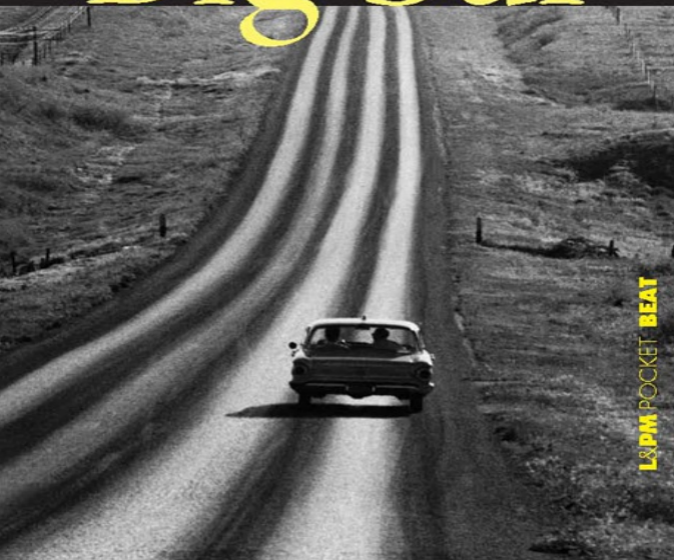


"Cada livro de Jack Kerouac é uma peça única, um diamante telepático." ALLEN GINSBERG

Jack KEROUAC Big Sur



L&PM POCKET BEAT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Jack Kerouac

BIG SUR

Tradução de GUILHERME DA SILVA BRAGA

www.lpm.com.br

L&PM POCKET



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

“Cada livro de Jack Kerouac é único, um diamante telepático. Com a prosa incrustada no centro da mente, ele revela a própria consciência em toda a sua elaboração sintática, detalhando o vazio luminoso de sua própria confusão paranoica. Esta escrita natural e rica não tem igual na segunda metade do século XX, uma síntese de Proust, Céline, Thomas Wolfe, Hemingway, Genet, Thelonious Monk, Bashô, Charlie Parker e das próprias visões atléticas sagradas de Kerouac.

Big Sur é um relato humano e preciso dos efeitos extraordinários do delirium tremens alcoólico em Kerouac, um romancista superior que teve forças para completar sua narrativa poética, um feito raro entre os escribas que sofrem deste mal – outros sucumbem. Aqui encontramos os poetas de São Francisco & reconhecemos o herói Dean Moriarty dez anos após *On the Road*. Jack Kerouac era um ‘escritor’, como diz seu grande amigo W.S. Burroughs, e aqui, no alto de seu humorístico gênio sofredor ele escreveu ao longo de toda a desgraça para encerrar com ‘Mar’, um brilhante poema sobre os Sons alucinatórios do Oceano Pacífico em *Big Sur*.”

Allen Ginsberg

Minha obra encerra um livro de vastas proporções como o de Proust, com a diferença que as minhas memórias são escritas na corrida em vez de mais tarde doente numa cama. Por conta das objeções das minhas editoras eu não pude usar o mesmo nome para o mesmo personagem em obras diferentes. On the Road, Os subterrâneos, Os vagabundos iluminados, Doctor Sax, Maggie Cassidy, Tristessa, Desolation Angels, Visões de Cody e os outros, incluindo este Big Sur, são apenas capítulos na grande obra que eu chamo de A lenda de Duluoz. Na minha velhice, pretendo juntar toda a minha obra e reinserir meu panteão de nomes regulares, encher a prateleira de livros e morrer feliz. Tudo isso forma uma enorme comédia vista pelos olhos do pobre Ti Jean (eu), também conhecido como Jack Duluoz, o mundo de ação frenética e loucura e também de gentil doçura visto pela fechadura de seu olho.

JACK KEROUAC

PREFÁCIO

Aram Saroyan [III](#)

JACK KEROUAC ERA O BELO ás do futebol americano em Lowell, Massachusetts, que fez um *touchdown* e chamou a atenção de Lou Little, o famoso técnico da Columbia University, que lhe ofereceu uma bolsa para que jogasse em sua universidade.

Kerouac vinha de uma família franco-canadense do proletariado – seu pai era tipógrafo –, e a viagem de Lowell a Morningside Heights marcou uma nova fase em sua vida. Um dia o típico garoto americano, que logo se desentendeu com Little, estava sentado no West End Bar de frente para o colega universitário Allen Ginsberg, recém-saído de Nova Jersey, e os dois, acompanhados por William Burroughs, um pouco mais velho e formado em Harvard, posaram para a mesma fotografia – “agindo”, segundo o relato de Ginsberg, “como se fôssemos Devassos Internacionais como nos livros de Gide”.

Surge então Neal Cassady, o motorista lendário, o famoso “garanhão e Adônis de Denver”, que chegou a Nova York com a namorada Luanne determinado a aprender tudo sobre escrever com Allen, Jacke Bill, em troca do que lhes contaria tudo sobre sua vida no Oeste, e a Geração Beat estava pronta para estourar. Na verdade, Kerouac escreveu *On the Road* nos primeiros anos após a chegada de Neal, mas levou outros sete para conseguir publicar o livro, e foram estes os anos que viram o escritor, com uma pasta de manuscritos cada vez mais pesada, como o verdadeiro nômade literário da época. Então, quando *On the Road* foi publicado em 1957 e fez a fama de Kerouac, a pasta foi aberta de vez e todos os livros foram publicados um atrás do outro.

Tristessa, talvez a sutil homenagem de Kerouac a *Bom dia, tristeza* (que fez a fama de Françoise Sagan da noite para o dia em 1955), trata de seu relacionamento com uma prostituta na Cidade do México e saiu em formato brochura pela Avon. *Visões de Cody* é um segundo olhar sobre o herói de *On the Road*, desta vez incorporando conversas entre Jack e Neal gravadas em fita (no mínimo uma década antes da técnica à la Warhol e da “biografia oral”).

Em *Big Sur* temos as tristes porém grandiosas consequências: o “Rei dos Beatniks” atravessa o país na cabine de um pullman para mais uma farra com os garotos e as garotas antes de voltar para o estúdio, a garrafa e a máquina de escrever, e então, em 1969, por causa de uma hemorragia severa causada pela bebida, encontra a morte. Ele tinha 47 anos.

Jack Kerouac foi o herói americano modelo que ousou ter uma série de longas e ternas crises nervosas na prosa dos livros que escreveu. Os melhores momentos de sua obra trouxeram um pouco dos prazeres luminosos dos impressionistas franceses para a literatura americana, e um pouco também do sombrio mecanismo sintático de Proust. Acima de tudo, Kerouac foi um escritor terno. Seria difícil encontrar uma palavra mal-intencionada a respeito de qualquer pessoa em toda a sua obra.

OS SINOS DA IGREJA SOAM uma triste “Kathleen” que o vento sopra até os barracos do skid row enquanto eu acordo todo lamentoso e gosmento, gemendo por conta de mais uma bebedeira e gemendo acima de tudo porque eu arruinei o meu “retorno secreto” a São Francisco tomando todas enquanto me escondia pelos becos com vagabundos e depois fazendo uma entrada triunfal em North Beach para ver todo mundo embora eu e Lorenz Monsanto tivéssemos trocado cartas enormes planejando que eu ia chegar de mansinho, ligar para ele usando um nome tipo Adam Yulch ou Lalagy Pulvertaft (também escritores) e aí ele ia me levar escondido até a cabana dele nos bosques de Big Sur onde eu ficaria sozinho sem que ninguém me incomodasse por seis semanas só cortando lenha, buscando água, escrevendo, dormindo, caminhando etc. etc. – Mas em vez disso eu apareci bêbado na livraria City Lights no horário de pico sábado à noite, todo mundo me reconheceu (mesmo que eu estivesse usando um chapéu de pescador e calças impermeáveis para disfarçar) e tudo acaba numa bebedeira do cacete por todos os bares famosos o maldito “Rei dos Beatniks” está de volta pagando rodadas para todo mundo – Dois dias assim, incluindo sábado o dia que Lorenzo vai me buscar no meu hotel “secreto” no skid row (o Mars na 4th com a Howard) mas quando ele me chama ninguém responde, ele pede para o balconista abrir a porta e o que ele vê senão eu atirado no chão entre as garrafas, Ben Fagan esticado meio embaixo da cama e Robert Browning o pintor beatnik na cama, roncando – Então ele diz para si mesmo “Eu vou pegar ele no fim de semana que vem, acho que ele tá a fim de passar uma semana bebendo na cidade (como sempre, aliás)” e aí ele pega o carro e vai até a cabana em Big Sur sem mim achando que está fazendo a coisa certa mas meu Deus quando eu acordo e vejo que Ben e Browning já foram embora, sei lá como eles me puseram na cama, e mais uma vez eu ouço aquele “I’ll Take You Home Again Kathleen” badalando triste nos sinos por cima dos telhados da velha Frisco misteriosa de ressaca, uau, eu cheguei até o fundo do poço e não consigo nem arrastar o meu corpo para um refúgio no bosque quanto menos parar de pé na cidade por alguns instantes – É a primeira vez que estou saindo de casa (da casa da minha mãe) desde a publicação de *Road* o livro que “me deixou famoso” e na verdade tão famoso que passei três anos enlouquecido com os inúmeros telegramas, telefonemas, pedidos, correspondências, visitas, repórteres, xeretas (um vozeirão grita pela janela do meu porão enquanto me preparo para escrever: – VOCÊ ESTÁ OCUPADO?) ou a vez que um repórter subiu correndo as escadas até o meu quarto enquanto eu estava lá sentado de pijama tentando escrever um sonho – Adolescentes pulando a cerca de dois metros que eu construí em volta do pátio para ter mais privacidade – Grupos com garrafas berrando na janela do meu estúdio “Para de trabalhar um pouco e vem beber com a gente!” – Uma mulher vindo até a minha porta e dizendo “Não vou perguntar se você é Jack Duluoze porque eu sei que ele tem barba, mas você sabe me dizer onde eu encontro ele, eu quero um Beatnik de verdade na minha festa anual!” – Visitantes bêbados vomitando no meu estúdio, roubando livros e até mesmo lápis – Gente que não

foi convidada ficando vários dias por causa das camas limpas e da boa comida que a minha mãe preparava – Eu bêbado praticamente o tempo todo para me passar por jovem e não ficar para trás mas no fim percebendo que eu estava cercado e em inferioridade numérica e tinha que fugir para a solidão ou morrer – Então Lorenzo Monsanto escreveu e disse “Vem pra minha cabana, ninguém vai ficar sabendo” etc. e aí eu vim para São Francisco assim, viajando 5000 quilômetros de trem desde a minha casa em Long Island (Northport) em uma confortável cabine no California Zephyr vendo a América desfilando no outro lado da minha janela, feliz de verdade pela primeira vez em três anos, passando os três dias e as três noites inteiras com o meu café instantâneo e os meus sanduíches – Subindo o Hudson Valley e atravessando o estado de Nova York até Chicago e de lá para as Planícies, as montanhas, o deserto, as últimas montanhas da Califórnia, tudo muito fácil e quase um sonho comparado às árduas caronas dos velhos tempos quando eu não tinha dinheiro suficiente para viajar em trens transcontinentais (por toda a América os jovens nas escolas e nas universidades pensam “O Jack Dulooz tem 26 anos e passa o tempo todo na estrada pegando carona” enquanto na verdade estou quase nos 40, de saco cheio e exausto na cabine de um vagão-leito estrondando por uma Planície Salgada) – Mas de qualquer jeito um começo maravilhoso para o meu retiro gentilmente oferecido pelo bom e velho Monsanto só que em vez de pegar leve eu acordo bêbado, cansado, enjoado, assustado, na verdade aterrorizado por aquela canção triste acima dos telhados que se mistura aos gritos lacrimosos de um Exército da Salvação na esquina lá embaixo “*Satanás* é a causa do seu alcoolismo, *Satanás* é a causa da sua imoralidade, *Satanás* está em *toda parte* trabalhando para destruir você a não ser que você se arrependa *agora*” e pior do que o som dos velhos bêbados vomitando nos quartos vizinhos, os estalos dos degraus no corredor, os gemidos por toda parte – Inclusive o gemido que me acordou, o meu próprio gemido na cama estropiada, um gemido causado por um enorme Ruu Ruu ensurdecedor na minha cabeça que me fez pular do travesseiro que nem um fantasma.

E EU OLHEI AO REDOR DAQUELE QUARTO TRISTE, lá estava a minha mochila esperançosa toda arrumada com tudo o que é necessário para viver nos bosques, inclusive um estojo de primeiros socorros completíssimo e detalhes sobre a alimentação e até uma pequena caixa de costura reforçada pela minha boa mãe (com joaninhas extras, botões, agulhas especiais, uma tesourinha de alumínio) – Até a esperançosa medalha de São Cristóvão que ela costurou na mochila – Os itens necessários para a sobrevivência todos lá até o último blusão de sobrevivência e o lenço e os tênis (para as caminhadas) – Mas a mochila repousa cheia de esperança em meio a uma baderna de garrafas vazias, pobres garrafas vazias de vinho do porto branco, bitucas de cigarro, lixo, horror – “Tenho que fazer alguma coisa senão eu já era”, eu percebo, seguindo o caminho dos últimos três anos de desesperança bêbada que é um tipo de desesperança metafísica e espiritual que você não aprende na escola não importa quantos livros de existencialismo ou pessimismo você lê, ou quantos goles de Ayahuasca visionário você bebe, ou Mescalina toma, ou no Peiote pira – Aquela sensação quando você acorda com delirium tremens sentindo o *medo* da morte sinistra que pinga das suas orelhas como as teias pesadas especiais que as aranhas fiam nos países quentes, a sensação de ser um monstro de lama corcunda gemendo sob a terra na lama escaldante arrastando um fardo quente sem saber para onde, a sensação de estar até os tornozelos em sangue de porco fervido, ugh, de estar até a cintura numa panela gigante de água de lavar louça marrom engordurada sem o menor sinal de espuma – O seu próprio rosto que você vê no espelho com uma expressão de angústia insuportável tão terrível e tão desfigurado pela tristeza que você não consegue nem chorar por uma coisa tão feia, tão perdida, sem nenhuma ligação com a perfeição dos velhos tempos e portanto sem nada que remeta a lágrimas ou ao que quer que seja: é como o “Estranho” de William Seward Burroughs de repente aparecendo em seu lugar no espelho – Chega! “Tenho que fazer alguma coisa senão eu já era” então eu dou um pulo, primeiro planto bananeira para bombear o sangue de volta para o meu cérebro desajustado, tomo um banho no corredor, camiseta e meia e cuecas novas, faço as malas com vontade, levanto a mochila e saio correndo atirando a chave em cima do balcão e chego até a rua fria e caminho depressa até a quitanda mais próxima para comprar comida para dois dias, enfiando tudo na mochila, ando por becos perdidos de uma tristeza russa onde os vagabundos ficam sentados com a cabeça nos joelhos em vãos de porta enevoados na sinistra noite gosmenta da cidade eu preciso escapar ou morrer, e então até o terminal de ônibus – Em meia hora no assento do ônibus, nele está escrito “Monterey” e lá vamos nós pela autoestrada livre cheia de neons e eu durmo a viagem inteira, acordo surpreso e bem outra vez sentindo cheiro de maresia o motorista me chacoalhando “Fim da linha, Monterey”. – E por Deus é Monterey mesmo, caindo de sono às duas da manhã eu fico vendo os pequenos mastros vagos dos navios pesqueiros no outro lado da rua. Agora tudo o que preciso fazer para completar a minha fuga é descer 22 quilômetros pela costa até a ponte do Raton

Canyon e depois caminhar.

“PRECISO FAZER ALGUMA COISA SENÃO EU JÁ ERA” então torro \$8 num táxi que me leva até a orla, é uma noite enevoada mas às vezes dá para ver estrelas no céu à direita onde fica o mar, mas você não vê o mar você só consegue ouvir os comentários do taxista – “Como é a paisagem por aqui? Eu nunca vi.”

“Bem, hoje não dá para ver – você falou no Raton Canyon, é melhor tomar cuidado ao caminhar à noite por lá.”

“Por quê?”

“Ah, é só usar a sua lanterna como você disse –”

Dito e feito: assim que ele me deixa na ponte do Raton Canyon e conta o dinheiro eu sinto que alguma coisa está errada, ouço os terríveis rugidos do mar mas eles não estão vindo da direção certa, você esperaria que viessem “de lá” mas eles estão vindo “lá de baixo” – Eu vejo a ponte mas não vejo nada embaixo dela – A ponte continua a autoestrada de uma escarpa até a outra, é uma ponte branca com mureta branca e tem uma linha branca que corre pelo meio familiar e estradeira mas alguma coisa está errada – Além disso os faróis do táxi disparam por cima de uns arbustos até o espaço vazio na direção onde supostamente fica o cânion, é como estar flutuando em algum lugar mas eu vejo a estrada de chão a nossos pés e um amontoado de terra ao lado – “Que porra é essa?” – Memorizei todo o caminho a partir de um mapinha que Monsanto me enviou pelo correio mas na minha imaginação quando eu estava sonhando com esse grandioso refúgio ainda em casa havia algo despreocupado, bucólico, eram bosques familiares e alegria em vez desse mistério que ruge no escuro – Portanto quando o táxi vai embora eu ligo a minha lanterna ferroviária para dar uma espiada tímida mas o facho dela se perde que nem os faróis do táxi no vazio e para dizer a verdade a pilha está fraca e eu mal consigo ver a escarpa à minha esquerda – Quanto à ponte eu não consigo mais ver ela exceto por uma série gradual de olhos de gato que avançam em direção aos graves rugidos do mar – O rugido do mar já é ruim o bastante mas ainda por cima ele continua ladrando e latindo para mim como um cachorro na névoa lá embaixo, às vezes ele sacode a terra mas meu Deus onde foi parar a terra e como o mar pode estar por baixo dela! – “A única coisa a fazer”, engulo em seco, “é pôr o facho da lanterna bem na frente dos teus pés, garotão, e seguir a lanterna e cuidar pra que ela ilumine os sulcos da estrada e esperar e rezar pra que ela brilhe em um chão que ainda esteja lá quando estiver brilhando”, em outras palavras eu tenho medo que até com a minha lanterna eu possa me perder se eu ousar levantar o facho por um instante que seja dos sulcos na estrada – A única satisfação que tiro desse horror que ruge nas alturas é que a lanterna projeta enormes sombras escuras das pequenas presilhas laterais na escarpa sobranceira à esquerda da estrada, porque à direita (onde os arbustos se retorcem com o vento do mar) não se vê sombra nenhuma porque lá nenhuma luz consegue – Então começo a caminhar meio de arrasto, de mochila nas costas, com a cabeça baixa seguindo o facho da lanterna, com a cabeça baixa mas os olhos desconfiados olhando meio para cima, como

um homem na presença de um idiota perigoso que ele não quer perturbar – A estrada sobe um pouco, faz uma curva para a direita, desce um pouco, de repente sobe outra vez e continua subindo – Agora o rugido do mar ficou mais para trás e num certo ponto eu paro e olho para trás mas não enxergo nada – “Vou desligar a lanterna e ver o que dá pra ver” digo fincado nos meus pés onde eles se fincam na estrada – Mas grande bosta, quando eu apago a lanterna eu não vejo nada além da areia sombria aos meus pés.

Seguindo aos tropeços e me afastando cada vez mais do rugido do mar eu começo a me sentir mais confiante mas de repente eu chego até uma coisa assustadora na estrada, eu paro e estendo a mão, avanço um pouco, é só um mata-burro (barras de ferro ao longo da estrada) mas ao mesmo tempo uma forte rajada de vento sopra da esquerda onde a escarpa deveria estar e eu olho para lá e não vejo nada. “Que diabo está acontecendo!” “Siga a estrada”, diz a outra voz tentando me acalmar então eu sigo mas no instante seguinte eu ouço um chacoalhar à minha direita, viro a lanterna para lá, não vejo nada além de arbustos secos e caindo aos pedaços se retorcendo e bem daquele tipo de arbusto que dá nas encostas altas dos cânions, próprio para as cascavéis – (e era isso mesmo, as cascavéis não gostam de ser acordadas no meio da noite por um monstro corcunda andando com uma lanterna.)

Mas agora a estrada está descendo outra vez, a escarpa tranquilizadora reaparece à minha esquerda, e em breve segundo as minhas recordações do mapa de Lorry lá está ele, o córrego, escuto os marulhos e os resmungos dele lá embaixo no fundo da escuridão onde enfim eu estarei no chão e livre dos ares ribombantes nas alturas – Mas o quanto mais perto eu chego do córrego à medida que a estrada faz um declive acentuado, de repente, quase me pondo a correr, mais alto ele ruge, eu começo a achar que vou cair lá dentro antes mesmo que alguém perceba – O córrego está gritando logo abaixo de mim como um rio em fúria na época das chuvas – Além do mais lá embaixo está *ainda mais escuro* do que em qualquer outra parte! Tem umas clareiras lá embaixo, samambaias de horror e troncos escorregadios, musgos, chapinhares perigosos, névoas úmidas erguem-se frias como o sopro da morte, grandes árvores perigosas começam a se inclinar por cima da minha cabeça e roçam na minha mochila – Tem um barulho que eu sei que só pode aumentar enquanto eu desço e por medo do quão alto ele pode ficar eu paro e escuto, o barulho sobe estrondando cheio de mistério desde aquela batalha ferrenha entre coisas escuras, madeira ou rocha ou alguma coisa quebrada, tudo destruído, tudo o perigo da terra úmida preta afundada – Estou *apavorado* com a ideia de descer até lá – no sentido antigo de *paor*, que remetia à agitação, e nesse caso à agitação das águas – Um clamor de dragão verde gosmento no arbusto – Uma guerra furiosa que não quer nenhum intrometido por aqui – Está aqui há um milhão de anos e não quer saber de nenhuma escuridão a enfrentá-la – Vem rosnando desde mil fissuras e raízes monstruosas de sequeias por todo o mapa da criação – É um clangor escuro na floresta úmida e não quer que nenhum vagabundo do skid row carregue o mar o que já é ruim o suficiente e esperando lá atrás – Eu quase sinto o mar puxando aquele esquema nas árvores mas aqui está a minha lanterna então só o que eu

preciso fazer é seguir a adorável estrada de areia que vai descendo e descendo numa carnificina cada vez maior e de repente um trecho plano, uma visão de pontes rústicas, lá está a mureta da ponte, lá está o córrego só um metro e meio abaixo, atravessa a ponte seu vagabundo desperto e vê o que tem do outro lado. Dá uma olhada rápida na água ao passar, só água sobre as rochas, um córrego pequeno ainda por cima.

E agora à minha frente está um prado com um bom e velho portão de curral e uma cerca de arame farpado a estrada segue bem à esquerda mas enfim é por aqui que eu fico. Então passo debaixo do arame farpado e me vejo caminhando por uma adorável estradinha de areia que serpenteia bem no meio de urzes secas perfumadas como se eu tivesse acabado de sair do inferno para o velho e conhecido Paraíso na Terra, graças a Deus (embora um minuto mais tarde o coração me suba à boca outra vez porque eu vejo coisas pretas na areia branca mais à frente mas são apenas montes de bosta do bom e velho Burro Sagrado).

E PELA MANHÃ (depois de dormir à margem do córrego na areia branca) eu finalmente vejo o que havia de tão assustador na minha caminhada pela estrada do cânion – A estrada fica uns trezentos metros acima da encosta e às vezes tem uns precipícios, em especial no mata-burro, lá no alto, onde uma falha na escarpa mostra a neblina escorrendo de outro lugar do mar além, o que já é bem assustador de qualquer jeito como se um buraco aberto ao mar não fosse o bastante – Mas o pior mesmo é a ponte! Eu vou caminhando em direção ao mar pelo caminho ao longo do córrego e vejo a terrível linha branca da ponte uns mil suspiros intranponíveis de altura acima do pequeno bosque onde eu estou caminhando, você simplesmente não acredita, e para o horror fazer seu coração disparar de vez você chega até uma curva no que a essas alturas é apenas uma trilha e lá estão as ondas ribombantes vindo em sua direção com as cristas brancas quebrando na areia como se elas fossem mais altas do que o lugar onde você está, igual ao mundo de uma onda súbita de maremoto suficiente para fazer você dar um passo atrás ou correr para as montanhas – E não é só isso, o mar azul por trás das ondas altas que quebram é cheio de enormes rochas pretas que se erguem como antigos castelos ógricos pingando gosma viscosa, um bilhão de anos de sofrimento bem ali, o grande baque múgrico bem ali com os lábios escravistas de espuma na base – Então você sai das estradinhas agradáveis no bosque com um talo de capim entre os dentes e logo deixa ele cair para encarar o seu destino – E você olha para aquela ponte inacreditavelmente alta e sente a morte se aproximando e por um bom motivo: porque embaixo da ponte, na areia bem ao lado da encosta junto mar, *hump*, o seu coração afunda ao ver: o carro que atravessou a mureta da ponte dez anos atrás e caiu 300 metros abaixo e parou de cabeça para baixo, ainda está lá, um chassi enferrujado de cabeça para baixo em uma mixórdia de pneus comidos pelo mar, raios velhos, assentos velhos com a palha à vista, uma bomba de gasolina triste e mais ninguém –

Grandes cotovelos de Rocha se erguendo por toda parte, cavernas marítimas lá dentro, mares ploloquizando por tudo dentro delas soltando velhas espumas, o estrondo e a pancada na areia, a areia sumindo depressa (sem essa de Malibu Beach) – Só que você se vira e enxerga o agradável bosque serpenteando córrego acima que nem uma foto de Vermont – Mas você olha para cima em direção ao céu, se inclina bem para trás, meu Deus você para bem embaixo da ponte elevada com a fina linha branca que corre da pedra à pedra e os carros insanos correndo lá em cima como sonhos! Da pedra à pedra! Até chegar na costa enfurecida! Então mais tarde quando eu ouço as pessoas dizendo “Ah Big Sur deve ser lindo!” Eu engulo em seco e imagino por que o lugar tem fama de ser lindo apesar e a despeito do *terror*, dos gemidos agônicos blakeanos de Criação da rocha ríspida, daqueles panoramas quando você dirige ao longo da costa em um dia ensolarado abrindo os olhos por vários quilômetros daquele terrível rebenta-quebra.

CHEGAVA A SER ASSUSTADOR NO LADO MAIS TRANQUILO do Raton Canyon, o lado leste, onde Alf o burro de estimação dos colonos locais à noite dormia sonos muito sonolentos debaixo de umas árvores exóticas e depois se levantava de manhã para pastar na grama e depois aos poucos dava um jeito de cobrir toda a distância até a orla onde você via ele parado junto às ondas como um antigo personagem mitológico sagrado imóvel na areia – Alf o Burro Sagrado eu chamei ele mais tarde – A coisa mais assustadora era a montanha que se erguia no lado leste, uma misteriosa montanha birmanesa com socacos e terraços mal-humorados e um estranho chapéu de arrozal no topo que eu fiquei olhando com o coração contristado mesmo no início quando eu era saudável e me sentia bem (e eu acabaria enlouquecendo nesse cânion dentro de seis semanas na noite de lua cheia de 3 de setembro) – A montanha me fazia lembrar dos meus recentes pesadelos recorrentes em Nova York sobre a “Montanha de Mien Mo” com os enxames de cavalos voadores enluarados panejando capas sobre os ombros enquanto voavam ao redor do pico “a mil e quinhentos quilômetros de altura” (era o que eu ouvia no sonho) e no alto da montanha num pesadelo assombrado eu tinha visto os gigantescos bancos de pedra vazios tão silenciosos no luar daquele mundo nas alturas como que outrora habitado por deuses ou algum tipo de gigantes mas abandonado há muito tempo então eles estavam muito empoeirados e com teias de aranha e o mal ficava à espreita em algum lugar no interior da pirâmide lá perto onde também havia um monstro com um grande coração palpitante mas também, e ainda mais sinistros, simples fazendeiros sórdidos mas embarrados cozinhando em pequenas fogueiras – Buracos estreitos empoeirados por onde eu já tinha tentado passar com uns tomateiros amarrados em volta do pescoço – Sonhos – Pesadelos de bebida – Uma série recorrente deles rodando por toda aquela montanha, vistos pela primeira vez como belos mas de algum modo um pico horrivelmente esverdejante envolto pela neblina se erguendo em meio ao terreno verde tropical no “México” por assim dizer mas além dele havia pirâmides, rios secos, outros países cheios de infantarias inimigas mas o maior perigo eram apenas os vândalos atirando pedras aos domingos – Assim a visão daquela simples montanha triste, junto com a ponte e aquele carro que tinha capotado umas duas vezes e se arrebatado na areia já sem nenhum sinal de cotovelos humanos ou gravatas rasgadas (como um poema assustador sobre a América que você podia escrever), agh, HU HU das Corujas que vivem nas velhas árvores ocas maléficas naquela parte neblinosa emaranhada um pouco mais adiante no cânion onde afinal eu sempre tinha medo de ir – Aquele penhasco inescalável íngreme emaranhado na base de Mien Mo se erguendo até árvores mortas destrambelhadas em meio a arbustos muito densos e até as urzes só Deus sabe o quão profundas com cavernas ocultas que ninguém acho que nem os índios do século X explorou – E aquelas grandes samambaias gosmosas da floresta úmida em meio a coníferas arrasadas pelos raios bem ao lado de súbitas faces de rocha com trepadeiras pretas se erguendo bem ao seu lado enquanto você anda pelo caminho tranquilo – E como eu digo o oceano vindo na sua direção mais alto do

que você está que nem os portos das xilogravuras antigas são sempre mais altos do que as cidades (como Rimbaud percebeu tremendo) – Tantas combinações maléficas inclusive o morcego que mais tarde viria até mim enquanto eu dormia na caminha dobrável ao ar livre na varanda da cabana de Lorenzo para voar em torno da minha cabeça dando às vezes uns rasantes que me enchiam com o tradicional medo que ele se enredasse nos meus cabelos, e com asas tão silenciosas, que tal você acordar no meio da noite e ver as asas silenciosas batendo acima da sua cabeça e você se pergunta “Será que eu acredito mesmo em Vampiros?” – Na verdade, voando em silêncio em volta da minha cabana iluminada às 3 da manhã enquanto leio (imagine só) (calafrio) *O médico e o monstro* – Talvez não seja nenhuma surpresa dizer que eu mesmo fui da serenidade de Jekyll à histeria de Hyde no breve intervalo de seis semanas, perdendo totalmente o controle dos mecanismos de paz da minha mente pela primeira vez na vida.

Mas Ah, no início eu tive dias e noites agradáveis, logo depois que Monsanto me deu carona de ida e volta até Monterey com duas caixas cheias de rango e me deixou lá sozinho por três semanas de solidão, como a gente tinha combinado – Tão destemido e feliz que até cheguei a ver a poderosa lanterna dele no alto da ponte na primeira noite, o dedo sinistro varando a neblina e alcançando o fundo pálido daquela monstruosidade vertical, e até a ver ela mais adiante na superfície do mar amorfo enquanto eu estava sentado junto às cavernas na escuridão tonitruante com minha roupa de pescador escrevendo o que o mar dizia – E pior de tudo vendo ela lá no alto naqueles penhascos doidos enredados onde as corujas arrulhavam uralu – Me ambientando e engolindo medos e me ajustando à vida na cabaninha com o brilho quente do fogão a lenha e do lampião a querosene e os fantasmas que esvoaçassem o rabo deles se quisessem – A casa do Bhikku no bosque, ele só quer paz, paz ele terá – Mas por que depois de três semanas de perfeita felicidade e adaptação a esse estranho bosque a minha alma foi ralo abaixo quando eu voltei com Dave Wain e Romana e a minha garota Billie e o filho dela, isso eu nunca vou saber – Só vale a pena contar se eu cavar fundo em tudo o que aconteceu.

Tudo foi muito bonito no início, até o fato do meu saco de dormir ter sofrido uma erupção de penas no meio da noite quando eu me virei para continuar dormindo, e aí eu solto um palavrão e preciso me levantar e costurar à luz do lampião ou na manhã seguinte ele pode estar vazio de penas – E quando eu inclino a minha pobre cabeça sobre a agulha e costuro na cabana, ao pé do fogo e à luz do lampião, lá vêm aquelas malditas asas pretas silenciosas batendo e projetando sombras por todo o meu pequeno lar, o maldito morcego entrou na minha casa – Tentando costurar um pobre remendo no meu velho saco de dormir caindo aos pedaços (em boa parte arruinado quando tive de suar dentro dele para curar uma febre na Cidade do México em 1957 logo depois do enorme terremoto por lá), o nylon quase todo podre daquele suor velho, mas ainda macio, só que tão macio que eu preciso cortar um pedaço de uma camisa velha para remendar o rasgo – Lembro de olhar para cima no meu afazer noturno e de falar num tom desesperançoso “Sim, existem morcegos no vale de Mien Mo” –

Mas o fogo crepita, o remendo é costurado, o córrego gorgoleja e estrondeia lá fora – É impressionante que um córrego tenha tantas vozes, desde os bumbumps profundos de tímpano nas bacias até os gorgolejantes estalidos femininos por cima das pedras rasas, corais súbitos de outros cantores e vozes da barragem de troncos, splash splash o dia inteiro e a noite inteira as vozes do córrego me entretendo muito no início mas depois no horror daquela loucura a noite se transformou em balbucios e vociferações de anjos maus na minha cabeça – Então sem me importar com o morcego ou o rasgo enfim, ao acabar não durmo porque estou muito aceso e são 3 da manhã então reavivo o fogo e me acomodo e leio todo o romance *O médico e o monstro* na maravilhosa ediçãozinha encadernada em couro deixada lá pelo grande Monsanto que também deve ter lido o livro com os olhos arregalados numa noite assim – Acabando as últimas frases elegantes ao amanhecer, hora de levantar e buscar água do córrego gorgolejante e começar o café com panquecas e xarope – E dizendo para mim mesmo “Pra que se lamentar quando alguma coisa dá errado como o seu saco de dormir estourando no meio da noite, use a autoconfiança” – “Fodam-se os morcegos” acrescento.

Incrível momento de abertura de fato na primeira tarde que eu passo sozinho na cabana e faço a minha primeira refeição, lavo os meus primeiros pratos, tiro um cochilo e acordo para ouvir o extasiante ressoar do silêncio ou do Paraíso mesmo por dentro e através dos gorgolejos do córrego – Quando você diz EU ESTOU SOZINHO e a cabana de repente é o seu lar porque você fez uma refeição e lavou os pratos da sua primeira refeição – Então a noite cai, a religiosa luz vestal do belo lampião de querosene depois da lavagem cuidadosa da camisa dele no córrego e da secagem cuidadosa com papel higiênico, que estraga a camisa deixando nela uns pontinhos brancos então você lava ela de novo no córrego e dessa vez põe ela a secar no sol, no sol do fim de tarde que desaparece muito rápido atrás das enormes paredes íngremes do cânion – A noite cai, o lampião irradia um brilho na cabana, eu saio e cato umas samambaias como as da Escritura de Lankavatara, aquelas samambaias que nem redes de cabelo, “Vejam, senhores, uma bela rede de cabelo!” – No fim da tarde a névoa cai sobre as paredes do cânion, desliza, encobre o sol, a temperatura cai, até as moscas na varanda ficam tristes como a névoa nos picos – Enquanto o dia vai embora as moscas vão embora como as moscas comportadas de Emily Dickinson e quando escurece elas estão todas dormindo nas árvores ou em outro lugar – Ao meio-dia elas estão com você na cabana mas chegando cada vez mais perto da soleira da porta à medida que a tarde cai, uma estranha graça – Tem o zunzum das abelhas a dois quarteirões uma barulheira que você podia achar que aquilo vinha de cima do telhado, quando o zangão rodopia cada vez mais perto (engulo em seco outra vez) você se recolhe para dentro da cabana e espera, talvez elas tenham uma mensagem para fazer uma visita a você duas mil de uma vez só – Mas finalmente estou me acostumando ao zunzum das abelhas que parece acontecer igual uma festança uma vez por semana – Então no fim tudo maravilhoso.

Mesmo a primeira noite assustadora na praia enevoadada com o meu caderno e o meu lápis, sentado lá de pernas cruzadas na areia encarando a fúria da

Pacífico batendo em rochas que se erguem como torres marítimas amortalhadas a partir da enseada, a enseada bingbang com cavernas de mar ribombando por dentro e escorrendo para fora, as cidades de alga marinha flutuando para cima e para baixo você pode ver as caretas sombrias delas na luz noturna fosforescente da praia – Aquela primeira noite eu fico sentado ali e só o que eu sei, quando olho para cima, é que a luz da cozinha está acesa, no penhasco, à direita, onde alguém acaba de construir uma cabana que sobranceia o terrível Sur, alguém lá no alto comendo um jantar simples e terno é só isso o que eu sei – As luzes da cozinha na cabana lá em cima se apagam como o facho débil de um farolzinho e ela acaba suspensa trezentos metros acima da orla ribombante – Quem iria construir uma cabana lá no alto se não um homem de saco cheio mas um velho arquiteto grisalho aventureiro talvez tenha se cansado de concorrer às eleições no congresso e qualquer dia desses uma grande tragédia de Orson Welles com fantasmas gritando uma mulher de camisola branca vai despencar daquele precipício – Mas na verdade na minha imaginação o que eu vejo mesmo são as luzes da cozinha daquele jantar simples e terno e talvez até romântico lá no alto, com toda a neblina uivante, e aqui estou eu bem embaixo na própria Forja de Vulcano olhando para cima com os olhos tristes – Apagando meu cigarrinho Camel numa rocha de um bilhão de anos que se ergue atrás da minha cabeça a uma altura inacreditável – A luz da cozinha no penhasco está lá alto, atrás dela os ombros do enorme cão marítimo do penhasco vão se erguendo e se afastando e subindo cada vez mais alto em direção à terra e eu me engasgo ao pensar “Parece um cachorro deitado, os ombros enormes pra caralho do filho da puta!” – Ergue-se e move-se e instila horror nos homens mas o que é a morte afinal em meio a tanta água e rocha.

Arrumo a minha mochila na varanda da cabana mas às 2 da manhã a neblina começa a pingar de tão molhada então eu vou para dentro de casa com o saco de dormir molhado mas quem não dormiria como uma pedra numa cabaninha solitária no bosque, você acorda de manhã cedo muito descansado e percebe o universo de maneira infável: o universo é um Anjo – Mas é fácil dizer isso quando você fugiu da cidade gosmosa e deu uma dentro – E é finalmente no bosque que você pode sentir alguma nostalgia pelas “cidades” enfim, você sonha com longas jornadas cinzentas até cidades onde as noites caem suaves como em Paris mas sem nunca perceber como aquilo vai ser enjoativo por causa da inocência primordial do bem-estar e do silêncio na mata – Então eu digo a mim mesmo “Seja sábio”.

MESMO QUE A CABANA DE MONSANTO TENHA DEFEITOS como não ter janelas teladas para manter as moscas longe durante o dia só janelas grandes de madeira, assim nos dias úmidos de névoa se você deixa elas abertas esfria demais, se você deixa elas fechadas você não enxerga nada e precisa acender o lampião ao meio-dia – Mas e afora isso não tem mais nenhum defeito – Tudo é maravilhoso – E no início é tão incrível poder aproveitar os urzais das tardes sonhadoras no outro extremo do cânion e caminhando menos de um quilômetro você também pode de repente admirar a costa sombria, ou se estiver cansado de fazer as duas coisas você pode simplesmente sentar junto ao córrego numa clareira e sonhar entre as árvores – No bosque é tão fácil sonhar acordado e rezar para os espíritos locais e dizer “Me deixem ficar aqui, eu só quero paz” e aqueles picos nublados respondem em silêncio Sim – E dizer para você mesmo (se você tem preocupações teológicas como eu) (ao menos naquela época, antes de enlouquecer eu ainda tinha muitas preocupações) “Deus que é tudo possui o olho do despertar, é como sonhar um longo sonho de uma tarefa impossível e acordar de repente, oops, Tarefa Nenhuma, acabou e sumiu” – E na empolgação dos primeiros dias de alegria eu digo a mim mesmo (sem imaginar o que vou estar fazendo em três semanas) “chega dessa vida desregrada, é hora de observar o mundo em silêncio e até de aproveitar as coisas, primeiro num bosque como esse, depois caminhar e falar tranquilamente com as pessoas mundo afora, sem bebida, sem drogas, sem bebedeiras, sem farras com beatniks e bêbados e junkies e sem ninguém, não vou mais me perguntar *Ó, por que Deus me tortura desse jeito*, é isso aí, vou ser um solitário, viajar, falar só com garçons, é sério, em Milão, em Paris, só falar com garçons, dar uma volta, chega de agonias autoimpostas... é hora de refletir e observar e de se manter concentrado no fato de que afinal toda a superfície do mundo que nós conhecemos vai acabar soterrada pela poeira de um bilhão de anos... Sim, mais solidão então” – “Volta à tua infância, come só maçãs e estuda o catecismo – sinta no cordão da calçada, para o inferno com as luzes quentes de Hollywood” (lembrando aquela ocasião horrível apenas um ano atrás quando eu tive que ensaiar a leitura do meu livro pela terceira vez sob as luzes quentes do Steve Allen Show no estúdio Burbank, cem técnicos esperando que eu começasse a ler, Steve Allen me olhando ansioso enquanto atacava o piano, eu fico lá sentado no banco de castigo como um burro e me recuso a ler uma palavra ou mesmo a abrir a boca, “Eu não preciso ENSAIAR pelo amor de Deus Steve!” – “Vamos lá, nós só queremos pegar o tom da sua voz, só mais uma vez, eu dispense você do ensaio final” e eu fico lá sentado suando sem dizer uma palavra por um minuto inteiro enquanto todo mundo olha, no fim eu digo “Não não dá” e saio para a rua para me embebedar) (mas deixo todo mundo surpreso na noite do programa lendo muito bem, o que deixa os produtores surpresos então eles me levam a passear com uma estrela de Hollywood que no fim é uma chata de galocha e fica tentando ler os poemas dela para mim e não fala de amor porque em Hollywood o amor é uma mercadoria) – Então mesmo essas lembranças longas, maravilhosas da vida todo

o tempo do mundo só para ficar lá sentado ou deitado ou caminhar devagar recordando todos os detalhes da vida que agora passados milhões de anos-luz ganharam o aspecto (como deve ter acontecido a Proust em seu quarto hermético) de agradáveis filmes mentais evocados e projetados ao meu bel-prazer para o estudo – E para o prazer – Como eu imagino que Deus esteja fazendo nesse exato momento, assistindo ao filme dele, que somos nós. Mesmo uma noite quando eu estou muito feliz suspirando para me virar e continuar dormindo mas um rato de repente corre por cima da minha cabeça, é maravilhoso porque depois eu pego a cama dobrável e coloco uma enorme tábua em cima dela que tapa os dois lados, para eu não afundar na lona, e ponho dois sacos de dormir velhos em cima da chapa, depois o meu por cima, eu tenho a cama mais maravilhosa e mais à prova de ratos e na verdade boa para as costas do mundo.

Também faço passeios curiosos para ver o que eu encontro indo em direção à terra, subindo alguns quilômetros pela estrada de chão batido que segue até ranchos isolados e acampamentos de lenhadores – Chego até vales gigantes tristes silenciosos onde você vê sequoias de 50 metros de altura com às vezes um passarinho no graveto mais alto que aponta para cima – O passarinho se equilibra enquanto examina a neblina e as árvores enormes – Você só enxerga uma única flor balançando no outro lado do penhasco, ou um nó enorme no tronco de uma sequoia que parece o rosto de Zeus, ou algumas das criaturinhas doidas de Deus nas poças do córrego (insetos ziguezague), ou uma placa em uma cerca solitária que diz “M.P. Passey, Propriedade Particular”, ou terraços de samambaias na sombra gotejante das sequoias, e você pensa “É bem distante da geração beat, essa floresta úmida” – Então desço outra vez até o meu lar no cânion e desço o caminho deixando a cabana para trás até o mar onde o burro está na margem, mastigando debaixo daquela ponte a trezentos metros de altura ou às vezes só parado me encarando com seus grandes olhos marrons de Jardim do Éden – O burro é o bicho de estimação de uma das famílias que têm cabana no cânion e ele, que como eu disse se chama Alf, fica só andando do lado do cânion onde fica a cerca do curral até o outro onde começa o mar mas um estranho burro gauguinesco quando você vê ele pela primeira vez, deixando a bosta preta na perfeita brancura da areia, um burro imortal e primeiro que é dono do vale inteiro – Mais tarde eu descubro até onde Alf dorme e é num arvoredor sagrado naquele urzal que sonha – Então ofereço a Alf a minha última maçã que ele recebe com os grandes dentes longínquos em sua boca dentro do focinho macio e peludo, sem morder, só pegando a maçã da palma da minha mão esticada e mastigando triste, virando-se para esfregar a bunda numa árvore com um amplo movimento erótico que vai ficando cada vez pior até que no fim ele fica lá com uma piroca ereta que assustaria até a Puta da Babilônia quanto mais eu.

Todo o tipo de coisas estranhas e maravilhosas como a estranha situação estilo Acredite se Quiser de uma enorme árvore que caiu por cima de um córrego talvez 500 anos atrás e assim se transformou numa ponte, o outro lado do tronco agora está enterrado em uns três metros de sedimento e folhas, é bem estranho mas da metade do tronco sobre a água se ergue uma outra sequoia como se estivesse plantada no tronco, ou enfiada ali pela mão de Deus, eu não

consegui entender e fico olhando enquanto mastigo amendoins com a fúria de um universitário – (e poucas semanas antes eu tinha caído de cabeça na Bowery) – Mesmo quando o carro de um rancheiro passa eu sonho acordado tendo ideias como, lá vem Fanner Jones e suas duas filhas e aqui estou eu com uma seqüoia de 20 metros de baixo do braço caminhando devagar enquanto trago ela de arrasto, eles ficam surpresos e assustados, “Estamos sonhando? Será que alguém pode ter tanta força?” eles perguntam e minha grande resposta Zen é “Vocês só pensam que eu sou forte” e sigo pela estrada carregando a minha árvore – Por conta disso eu fico horas rindo num campo de trevos – Passo por uma vaca que se vira para me olhar enquanto solta um grande cagalhão sonhador – De volta à cabana acendo o fogo e me sento aos suspiros e as folhas estão deslizando no telhado de zinco, é agosto em Big Sur – Adormeço na cadeira e quando acordo eu dou de cara com o bosquezinho denso emaranhado lá fora do outro lado da porta e de repente lembro dele em outra época, lembro das moitas, galho a galho, do jeito como se torciam, como um antigo lar, mas bem quando eu estou me perguntando o que significa essa confusão, blam, o vento fecha a porta na minha cara! – Então concluo “Eu vejo até onde as portas permitem, abertas ou fechadas” – Acrescentando, ao levantar, com uma voz de lorde inglês que de qualquer jeito ninguém pode ouvir, “Assunto tratado é assunto liquidado, senhor”, caprichando na entonação – E fico rindo disso por todo o jantar – Com batatas enroladas em papel-alumínio e atiradas no fogo, e café, e nacos de apresuntado assados no espeto, e purê de maçã e queijo – E quando acendo o lampião para a leitura pós-jantar, logo chega a mariposa noturna para a morte noturna no lampião – Depois que eu apago o lampião por um tempo, lá está a mariposa dormindo na parede sem notar que eu acendi outra vez.

Entretanto a propósito e contudo, os dias são frios e nublados, ou úmidos, não frios como no Oeste, e as noites são pura neblina: não há nenhuma estrela no céu – Mas logo descubro que isso também acaba sendo uma circunstância maravilhosa, é a “estação úmida” e os outros moradores (que aparecem nos fins de semana) do cânion não aparecem nos fins de semana, fico absolutamente sozinho por semanas a fio (porque mais tarde em agosto quando o sol venceu a neblina de repente eu fui surpreendido ao ouvir risadas e barulhos ecoando por todo o vale que tinha sido meu e só meu, e quando eu quis ir até a praia me sentar e escrever descobri famílias inteiras fazendo passeios, algumas delas um pessoal mais novo que simplesmente tinha estacionado os carros na escarpa junto à ponte e descido) (outros eram de fato um bando de arruaceiros) – Então a neblina do verão na floresta úmida foi grandiosa e além do mais quando o sol venceu em agosto houve um terrível desdobramento, enormes rajadas assustadoras como as de um vendaval sopraram pelo cânion fazendo as árvores rugirem com uma intensidade assustadora que às vezes se transformava em uma guerra retumbante entre as árvores que sacudia a cabana e me acordava – E foi na verdade uma das coisas que mais contribuíram para o meu acesso de loucura.

Mas o dia mais maravilhoso de todos foi quando eu esqueci completamente quem eu era onde eu estava ou que horas eram um dia inteiro só com as calças dobradas acima dos joelhos andando dentro do córrego rearrumando as pedras e alguns dos troncos submersos para que a água onde eu me abaixei (perto da orla

arenosa) para pegar uns jarros, em vez de simplesmente passar devagar e rasa por cima do barro cheio de insetos, corresse num fluxo puro gorgolejante e profundo – Cavei na areia branca e arrumei as pedras submersas para que eu pudesse pôr um jarro lá e virar o gargalo em direção à correnteza e ele se enchesse na mesma hora com água potável da correnteza limpa sem insetos – Costumam chamar isso de regueira – E como a água corria muito depressa e profunda bem onde eu tinha me abaixado na areia eu precisei construir uma espécie de molhe de pedras contra a correnteza para que o fluxo não erodisse a margem – Reforcei o exterior do molhe com pedras menores e no fim ao pôr do sol com a cabeça inclinada por cima dos meus esforços ofegantes (que nem as crianças ofegam depois de brincar um dia inteiro) comecei a enfiar pedrinhas minúsculas nos espaços entre as pedras para que nenhuma água conseguisse passar e erodir a margem, nem o mais microscópico grão de areia, um molhe perfeito, que eu rematei com uma tábua onde todo mundo pode se ajoelhar quando vier pegar sua água benta – Olhando para o trabalho de um dia inteiro, do nascer ao pôr do sol, surpreso ao ver onde eu estava, quem eu era, o que eu tinha feito – A inocência absoluta de um índio construindo uma canoa sozinho na mata – E como eu disse poucas semanas atrás eu tinha caído de cara no chão na Bowery e todo mundo achou que eu tinha me machucado – Então eu preparo o jantar cantando uma canção alegre e saio para o luar enevoadado (os raios da lua atravessavam a neblina) e me admiro ao ver a nova água límpida gorgolejante correr com reflexos claros de luz – “E quando a neblina passar a noite estenderá seu véu e as estrelas e a lua surgirão no céu.”

E essas coisas – uma confusão de pequenas alegrias como essa me impressionando quando voltei no horror de mais tarde e vi como tudo estava mudado e sinistro, até a minha pobre plataforma de tábua e a regueira quando meus olhos e meu estômago nauseados e a minha alma gritando mil palavras balbuciantes, ah – É difícil explicar e a melhor coisa a fazer é ser sincero.

PORQUE NO QUARTO DIA EU COMECEI A FICAR DE SACO CHEIO e anotei surpresa no meu diário “Já de saco cheio?” – Mesmo que as belas palavras de Emerson conseguissem afastar esse sentimento quando ele diz (num daqueles livrinhos encadernados em couro vermelho, no ensaio sobre “Autoconfiança” um homem “sente-se aliviado e alegre quando pôs o coração no trabalho e fez o melhor que podia”) (o que se aplica tanto à construção de pequenas regueiras bobas quanto à escrita de grandes histórias cretinas como essa) – Palavras daquela trombeta matinal da América, Emerson, ele que anunciou Whitman e também disse “A infância não se dobra a ninguém” – A infância da simplicidade de apenas ser feliz num bosque, sem se dobrar às ideias de ninguém sobre o que fazer, o que deve ser feito – “A vida não é uma apologia” – E quando um abolicionista filantrópico maldoso acusou ele de ser cego aos assuntos da escravidão ele disse “O teu amor ao longe é desprezo em casa” (talvez o filantropo usasse negros afinal de contas) – Então eu volto a ser Ti Jean o Garotinho, brincando, costurando remendos, cozinhando jantares, lavando pratos (sempre deixava a chaleira fervendo no fogo e quando tenho que lavar os pratos eu só derramo água quente na panela com sabão Tide e enxáguo eles bem e então seco depois de esfregar com umas palhas de aço 5-&-10) – Longas noites simplesmente pensando sobre a utilidade daquela pequena palha de aço, daquelas coisinhas amarelas de cobre que você compra no supermercado por 10 centavos, para mim tudo é infinitamente mais interessante do que o estúpido e absurdo romance *O lobo da estepe* na cabana que eu leio com um encolher de ombros, esse velho caquético refletindo a “conformidade” de hoje e o tempo todo ele achava que era um grande Nietzsche, um velho imitador de Dostoiévski 50 anos atrasado (ele se sente atormentado em um “inferno particular” porque não gosta do que as outras pessoas gostam!) – Melhor ficar olhando o laranja e o preto de Princeton nas asas de uma borboleta ao meio-dia – Melhor sair para escutar os sons do mar à noite na orla. Mas talvez eu não devesse ter saído e me assustado ou me aborrecido ou trabalhado até não aguentar mais tantas vezes naquela praia à noite que assustaria qualquer mortal comum – Todas as noites pelas oito horas depois do jantar eu vestia o meu casacão de pescador e pegava o caderno, o lápis e o lampião e começava a descer a trilha (cruzando às vezes com o fantasmagórico Alf no caminho) e ia para baixo daquela terrível ponte nas alturas e via através da neblina escura à minha frente as bocas brancas do oceano vindo na minha direção – Mas conhecendo o terreno onde eu iria pisar, pular o córrego da praia e ir até o meu canto junto ao penhasco não muito longe de uma das cavernas e sentar lá feito um idiota escrevendo o som das ondas na página do meu caderno (caderno de secretária) que eu conseguia ver brancas na escuridão e sem o auxílio do lampião continuar rabiscando – Eu tinha receio de acender o lampião por medo de assustar as pessoas no alto da escarpa comendo seus ternos jantares noturnos – (mais tarde eu descobri que não tinha ninguém lá em cima comendo jantares ternos, eram todos carpinteiros fazendo hora extra para terminar a obra) – E eu ficava com medo da maré alta com ondas de cinco

metros mas sentado lá no alto do penhasco esperando de todo o coração que o Havai não tivesse mandado nenhuma onda de maremoto que me passasse despercebida na escuridão vinda de lugares longínquos alta como Groomus – Mas uma noite eu fiquei assustado então me sentei no alto de um rochedo de 3 metros no pé da escarpa e as ondas “Cru, ele cruzou o portão cru” – “Rude ruuuge” – “Crach” – o jeito que as ondas soam especialmente à noite – O mar não fala em frases mas em linhas curtas: “Qual deles? ...o plochado? ...o mesmo, ah Bum...” Anotando de verdade essas inanidades fantásticas mas eu precisava fazer aquilo porque James Joyce não ia mais fazer ele tinha morrido (e pensando “Ano que vem vou escrever os sons diferentes do Atlântico rebentando digamos nas costas noturnas da Cornualha, ou o som macio do Oceano Índico quebrando na foz do Ganges quem sabe”) – E fico lá sentado escutando as ondas quebrarem em diferentes tons de voz “Ka blum, carploch, ah lontra cordosa coberta de cracas, croch, são corda os anjos pelo mar?” e tal^[2] – Olhando para cima de vez em quando para ver uns poucos carros atravessando a ponte alta e pensando no que eles veriam nessa triste noite enevoada se soubessem que havia um louco trezentos metros abaixo naquela fúria ventosa sentado no escuro escrevendo no escuro – Uma espécie de beatnik marinho, mas se alguém quiser me chamar de beatnik por ISSO é melhor pensar duas vezes – A enorme rocha escura parece se mover – A terrível solidão inóspita, nenhum homem com um seria capaz é o que eu estou dizendo – *Eu sou um breião!* Eu grito e a escuridão responde “*Les poissons de la mer parlent Breton*” (os peixes do mar falam breião) – Mesmo assim eu vou lá todas as noites mesmo quando não estou a fim, é o meu dever (e provavelmente a causa da minha loucura), e escrevo os sons do mar, e todo o poema insano “Mar”.

Sempre tão maravilhoso na verdade sair daquilo e voltar para o bosque mais humano e chegar à cabana onde o fogo ainda está aceso e você pode ver o lampião do Bodhisattva, o copo com as samambaias na mesa, a caixa de chá de jasmim por perto, tudo tão delicado e humano após o dilúvio de rocha lá fora – Então eu faço uma deliciosa panelada de muffins e digo para mim mesmo “Abençoado é o homem que pode fazer seu próprio pão” – Assim, as três semanas inteiras, felicidade – E eu também enrolo meus próprios cigarros – E como eu digo às vezes eu medito sobre o uso incrível maravilhoso que eu fiz de pequenos artigos baratos como a palha de aço, mas dessa vez estou pensando nos maravilhosos pertences na minha mochila como o meu shaker de plástico de 25 centavos que acabei de usar para fazer a massa do muffin mas também usei ele no passado para tomar chá quente, vinho, café, uísque e até guardei guardanapos nele quando viajei – A tampa do shaker, meu cálice sagrado, e tenho ele já faz cinco anos – E outros pertences tão valiosos comparados à inutilidade de coisas caras que comprei e nunca usei – Como a minha blusa de dormir preta macia também cinco anos que eu estava usando agora no verão úmido de Sur dia e noite, por cima de uma camisa de flanela no frio, e só a blusa para a noite de sono no saco – O uso e a virtude intermináveis dela! – E porque as coisas caras tiveram pouco uso, como as calças chiques que eu comprei para umas gravações recentes em Nova Yorke e outras aparições na tevê e nunca mais vesti, coisas

inúteis como uma capa de chuva de \$40 que eu nunca usei porque ela sequer tinha aberturas nos bolsos laterais (você paga pela etiqueta e pela suposta “exclusividade”) – Também uma jaqueta cara de tweed comprada para a tevê que nunca mais usei – Duas camisas polo idiotas compradas para Hollywood que eu nunca mais usei e foram 9 mangos cada! – E quase choro ao me dar conta e lembrar da velha camiseta verde que eu achei, preste atenção, oito anos atrás, no LIXO em Watsonville Califórnia preste atenção, que me proporcionou um uso e um conforto incríveis – Como trabalhar para fazer aquele novo fluxo no córrego passar pela nova regueira funda conveniente próxima à plataforma de madeira na margem, e me perdendo naquilo como um garoto entretido com uma brincadeira, é como as pequenas coisas que contam (clichês são truismos e todos os truismos são verdadeiros) – No meu leito de morte eu poderia me lembrar daquele dia no córrego e esquecer do dia em que a MGM comprou o meu livro, ou poderia estar lembrando da velha camiseta verde perdida do lixo e esquecendo dos roupões com safira – Talvez o melhor jeito de ir para o Céu. Volto até a praia durante o dia para escrever o meu “Mar”, fico de pés descalços perto d’água parando para coçar um tornozelo com o dedão do outro pé, escuto o ritmo daquelas ondas, e de repente elas dizem “Virgem cê quer me sondar” – Volto para fazer um bule de chá.

Tarde de verão –
Mastigo impaciente
A folha de jasmim

Ao meio-dia o sol enfim sempre aparece, forte, batendo na varanda alta onde estou sentado com livros e café e à tarde eu pensei nos antigos índios que devem ter habitado esse cânion por milhares de anos, em como no século X esse vale devia ter o mesmo aspecto, só com árvores diferentes: esses índios antigos simplesmente os ancestrais dos índios mais recentes digamos de 1860 – Como todos morreram e em silêncio enterraram seus ressentimentos e expectativas – Como o córrego podia ser alguns centímetros mais fundo já que a atividade madeireira dos últimos 60 anos prejudicou um pouco as vertentes – Como as mulheres pilavam as bolotas, bolotas ou bolopts, até que enfim achei as nozes naturais do vale e elas tinham um gosto doce – E os homens caçavam veados – Na verdade só Deus sabe o que eles faziam porque eu não estava aqui – Mas o mesmo vale, mil anos de pó mais ou menos por cima das pegadas deles de 960 d.C. – E até onde eu vejo o mundo é velho demais para que possamos falar sobre ele com as nossas palavras tão novas – Vamos passar tão quietos pela vida (passando, passando) como o povo do século X aqui nesse vale só que com um pouco mais de barulho e algumas pontes e barragens e bombas que sequer vão durar um milhão de anos – Sendo que o mundo é apenas o que é, se movendo e passando, na verdade tudo bem a longo prazo e nada do que reclamar – Até as rochas do vale tinham ancestrais rochosos, um bilhão de bilhões de anos atrás, não deixaram nenhum uivo de queixume – Nem as abelhas, ou os primeiros ouriços do mar, ou a amêijoia, ou a pata cortada – Tudo a visão É-A-Vida do mundo, bem diante do meu nariz enquanto eu olho, – E olhando para aquele vale

na verdade eu percebo que tenho que preparar o almoço e não vai ser diferente do almoço daqueles homens antigos e ainda por cima gostoso – Tudo é a mesma coisa, a neblina diz “Nós somos neblina e voamos nos dissolvendo como coisas efêmeras”, e as folhas dizem “Nós somos folhas e tremelicamos ao vento, nada mais, chegamos e partimos, crescemos e caímos” – Até os sacos de papel no lixo dizem “Nós somos sacos de papel feitos de polpa de madeira pelos homens, temos um certo orgulho de ser sacos enquanto isso for possível, mas depois voltaremos a ser polpa de madeira com nossas irmãs folhas quando chegar a época das chuvas” – Os tocos de árvore dizem “Nós somos tocos de árvores arrancadas do solo pelos homens, às vezes pelo vento, temos grandes tendões cheios de terra que bebem do solo” – Os homens dizem “Nós somos homens, arrancamos árvores, fazemos sacos de papel, achamos que temos boas ideias, fazemos o almoço, olhamos em volta, fazemos um grande esforço para perceber que tudo é a mesma coisa” – Enquanto a areia diz “Nós somos areia, nós já sabemos”, e o mar diz “Nós sempre vamos e voltamos, caímos e ploch” – O grande azul vazio do céu diz “Tudo isso volta para mim, então parte outra vez, e volta outra vez, então parte outra vez, e eu não estou nem aí, de um jeito ou de outro tudo me pertence” – O céu azul acrescenta “Não me chame de eternidade, me chame de Deus se você quiser, todos vocês tagarelas estão no paraíso: a folha é o paraíso, o toco de árvore é o paraíso, o saco de papel é o paraíso, o homem é o paraíso, a areia é o paraíso, o mar é o paraíso, o homem é o paraíso, a neblina é o paraíso” – Você consegue imaginar que um homem com insights maravilhosos como esses pode enlouquecer em um mês? (porque você tem que admitir que os sacos de papel e as areias falantes estavam dizendo a verdade) – Mas eu lembro de ver uma massa de folhas de repente se agitar com o vento, depois flutuar depressa pelo córrego em direção ao mar, fazendo com que eu sentisse um horror inefável na mesma hora “Ah meu Deus, estamos todos sendo arrastados pro mar não importa o que a gente diga ou faça” – E um pássaro que estava num galho torto some de repente sem eu escutar nada.

TEM A NOITE ENLUARADA, as flores da chama no fogão – Tem a maçã para o burro, seus grandes lábios segurando – Tem o gaio-azul bebendo meu leite enlatado jogando a cabeça para trás com um filete de leite no bico – Tem os arranhões do guaxinim ou do rato lá fora, à noite – Tem o pobre ratinho comendo o jantar noturno no humilde canto onde pus um pratinho de mimos cheio de queijo e chocolate (pois meus dias de matar ratos chegaram ao fim) – Tem o guaxinim em sua neblina, o homem ao lado do fogo, e os dois sozinhos perante Deus – Tem eu voltando de um passeio noturno à praia como um velho Bhikku balbuciante tropeçando pelo caminho – Tem eu jogando o facho da lanterna em cima de um guaxinim que escala uma árvore o coraçãozinho dele palpitando de medo mas eu grito em francês “Olá meu bom homenzinho” (*allo ti bon-homme*) – Tem o vidro de azeitonas, 49¢, importado, pimentões, eu como elas uma por uma me questionando sobre os fins de tarde nas encostas da Grécia – E tem o meu espaguete com molho de tomate e a minha salada com azeite e vinagre e o meu *relish* de maçã meu caro e o meu café preto e queijo Roquefort e as nozes depois do jantar, meu caro, tudo no bosque – (Mastigar dez azeitonas delicadas vagorosamente à meia-noite é algo que ninguém nunca fez em restaurantes chiques) – Tem o momento presente cheio de bosques emaranhados – Tem o pássaro que silencia de repente no galho enquanto a esposa olha para ele – Tem a graça de um machado tão bom como o balê de Eglevsky – Tem a “Montanha Mien Mo” na neblina lunar de agosto iluminada pela névoa entre outros picos belíssimos e enevoados se erguendo em fileiras cada vez mais difusas de algum modo rosadas na noite como as pinturas clássicas em seda da China e do Japão – Tem um inseto, um pobre insetinho sem asas se afogando em uma lata d’água, eu tiro ele dali e ele anda de um lado para o outro e fica de boqueira na varanda até que eu me encho de olhar – Tem a aranha na latrina cuidando de sua vida – Tem o meu pedaço de bacon pendurado em um gancho no teto da cabana – Tem a risada da mobelha à sombra da lua – Tem uma coruja arrulhando nas estranhas árvores de Bodhidharma – Tem flores e achas de sequoia – Tem o simples fogo das toras e sua alimentação cuidadosa mas distraída que é uma atividade que como todas as atividades é uma não-atividade (*Wu Wei*) mas uma meditação em si mesma especialmente porque todos os fogos, como os flocos de neve, são diferentes entre si – Sim, tem a purificação resinosa de uma acha de sequoia envolto pelas chamas – Sim a acha de sequoia serrada na transversal vira carvão e parece uma Cidade dos Gandharvas ou um morro no Oeste ao pôr do sol – Tem a vassoura do bhikku, a chaleira – Tem a renda macia por sobre a areia, o mar – Tem todos esses preparativos ávidos para um sono decente como a noite em que estou procurando as minhas meias de dormir (para não sujar o saco de dormir por dentro) e me pego cantando “A donde es me sockboos?” – Sim, e lá no fundo do vale tem o meu burro, Alf, o único ser vivo à vista – Tem no meio do sono a lua que aparece – Tem uma substância universal que é uma substância divina porque onde mais ela poderia estar? – Tem a família de veados na estrada de chão ao anoitecer – Tem o córrego tossindo pela clareira – Tem a

mosca no meu polegar esfregando o nariz depois andando até a página do meu livro – Tem o beija-flor balançando a cabeça de um lado para o outro como um vagabundo – Tem tudo isso, e todos os meus bons pensamentos, até a cançõeta que escrevi para o mar “Eu fiz xixi, ó, mar, em ti, ácido ao ácido, daqui para ai” mas eu fiquei louco em três semanas.

Pois quem poderia ficar louco estando assim tão relaxado: mas espere: tem também os avisos de que algo está errado.

O PRIMEIRO AVISO veio depois daquele dia maravilhoso em que eu subi a estrada do cânion até chegar na ponte da autoestrada onde tinha uma caixa-postal rancheira onde eu podia deixar as minhas correspondências (uma carta para a minha mãe e dizendo manda um beijo para Tyke, o meu gato, e uma carta para o velho amigo Julien endereçada para Coaly Hustnut de Runty Onenut) e enquanto caminhava até lá em cima eu enxerguei o telhado tranquilo da minha cabana lá embaixo a uns oitocentos metros de distância em meio às velhas árvores, enxerguei a varanda, a cama dobrável onde eu dormia e o meu lenço vermelho no banco ao lado da cama (uma visãozinha modesta: do meu lenço a oitocentos metros me fazendo indescritivelmente feliz) – E no caminho de volta parando para meditar no arvoredo onde Alf o Burro Sagrado dormia e vendo as rosas inatas nas minhas pálpebras fechadas com a mesma clareza que eu tinha visto o lenço vermelho e também as minhas pegadas na areia à beira mar lá de cima na ponte, vi, ou escutei, as palavras “Rosas Inatas” enquanto eu estava sentado com perna de índio na areia macia, ouvindo aquele terrível silêncio no coração da vida, mas me senti meio estranho, para baixo, como se a premonição do dia seguinte – Quando fui para o mar à tarde e de repente tomei um enorme fôlego Yóguico gigante para pôr todo aquele excelente ar marítimo para dentro do meu corpo mas por algum motivo só tive uma overdose de iodo, ou de maldade, talvez as cavernas marítimas, talvez as cidades de algas, alguma coisa, o meu coração palpitando de repente – Achando que eu ia captar as vibrações locais em vez disso aqui estou eu quase desmaiando só que não é um desmaio de êxtase como o de S. Francisco, ele me apanha como o horror de uma eterna mortalidade doentia em mim – Em mim e em todo mundo – Me senti completamente despedido de todos os artificios protetores como pensamentos sobre a vida ou meditações debaixo da copa das árvores e o “supremo” e essa merda toda, na verdade os outros artificios ridículos como fazer o jantar ou dizer “O que vou fazer agora? Cortar lenha?” – Me vejo condenado, é lamentável – Uma percepção terrível de que eu venho me enganando a vida inteira achando que havia uma certa próxima coisa a fazer para não perder o embalo e na verdade eu sou apenas um palhaço doente assim como todo mundo – Todo o todo, lamentável como é, nem ao menos um tipo de esforço animado do senso comum para aliviar a alma nessa horrível condição sinistra (de desesperança mortal) então só me resta ficar lá sentado na areia depois de ter quase desmaiado e observar as ondas que de repente não são mais ondas, com o que eu acho que deve ter sido a expressão mais gosmenta e abatida do mundo que Deus se Ele existe deve ter visto em toda a carreira cinematográfica Dele – *Éh vache*, odeio escrever – Todos os meus truques revelados, até a percepção de que eles foram revelados revelada como um monte de asneiras – O mar parece berrar para mim VÁ ATRÁS DO SEU DESEJO NÃO FIQUE AQUI – Porque afinal o mar deve ser como Deus, Deus não pede que a gente fique parado sofrendo sentado à beira mar no frio à meia-noite para escrever sons inúteis, afinal ele nos deu as ferramentas da autoconfiança para a gente enfrentar a mortalidade dessa vida

horrível rumo ao Paraíso eu espero – Mas alguns desgraçados como eu nem ao menos sabem disso e quando a gente descobre ficamos encantados – Ah, a vida é um portal, um caminho, uma estrada até o Paraíso, enfim, por que não viver pela diversão e pela alegria e pelo amor ou então por uma garota junto ao fogo, por que não ir atrás do seu desejo e RIR... mas eu fugi daquela orla e nunca mais voltei sem o conhecimento secreto: de que lá eu não era bem-vindo, de que eu era um cretino por ter sentado lá para início de conversa, o mar tem as ondas dele, o homem tem seu fogo, ponto.

Foi essa a primeira indicação do surto mais tarde – Mas também no dia de deixar a cabana para pegar carona até Frisco e ver todo o pessoal e a essa altura eu estou enjoado da minha comida (esqueci de trazer gelatina, você precisa de gelatina depois de todo aquele bacon e todo aquele fubá no bosque, todo bosquímano precisa de gelatina) (ou coca-cola) (ou alguma coisa) – Mas é hora de partir, estou tão assustado com aquela rajada de iodo à beira mar e com o tédio da cabana que deixo 20 dólares de alimentos perecíveis espalhados em uma enorme tábua na varanda da cabana para os gaios-azuis e os guaxinins e os ratos e todo mundo, faço as malas e vou embora – Mas antes de ir eu lembro que essa não é a minha cabana (eis aqui o segundo aviso da minha loucura), não tenho o direito de esconder o veneno para rato de Monsanto como eu venho fazendo, alimentando os ratos em vez disso, como eu falei – Então como um hóspede zeloso na cabana alheia eu abro a tampa do veneno para rato mas faço um meio-termo simplesmente deixando a caixa na prateleira de cima, para ninguém reclamar – E saio assim – Mas durante a minha ausência, mas – Você vai ver.

COM A MENTE SERENA E EQUILIBRADA e sem pensar em nada, como diria Hui Neng, saio dançando como um idiota do meu doce refúgio, de mochila nas costas, depois de apenas três semanas e na verdade depois de só uns 3 ou 4 dias de tédio, e vou para a cidade cheio de saudade – “Você sai na alegria e na tristeza retorna”, diz Tomás de Kempis ao falar sobre os idiotas que saem em busca de prazer como colegiais no sábado à noite correndo pelas calçadas até o carro ajustando as gravatas e esfregando as mãos antecipando as conquistas só para acabar gemendo na manhã de domingo em camas exaustas que de qualquer jeito Mamãe tem que arrumar – Está um dia lindo quando saio da estrada fantasmagórica do cânion e ponho o pé na autoestrada costeira, quase na ponte do Raton Canyon, e lá estão eles, milhares e milhares de turistas dirigindo devagar nas curvas altas cheios de ahs e ohs com todo aquele vasto panorama azul de mares se agitando e assolando a costa da Califórnia – Imagino que vai ser moleza conseguir uma carona até Monterey e de lá pegar o ônibus e chegar em Frisco ao cair da noite para uma grande farra de gritaria etílica com o pessoal, na verdade acho que Dave Wain deve estar de volta a essa altura, ou Cody vai estar pronto para cair na farra, e vamos ter garotas, e isso e aquilo, esquecendo completamente que só três semanas atrás eu fugi correndo dos horrores daquela cidade gosmosa – Mas o mar não tinha dito para eu fugir de volta à minha realidade?

Mas o mais bonito é olhar para o Norte e ver uma enorme extensão da orla curva com montanhas sonhando debaixo das nuvens vagarosas, como uma cena da antiga Espanha, ou mais propriamente como uma cena da Califórnia espanhola na essência, a velha costa dos piratas de Monterey logo ali, você vê o que os espanhóis devem ter pensado quando dobraram a curva naqueles navios magníficos deles e viram toda aquela terra gorda sonhando além da espuma branca da orla como um tapete de boas-vindas – Como a terra do ouro – A velha mágica de Monterey e Big Sur e Santa Cruz – Então eu ajusto as alças da minha mochila cheio de confiança e começo a descer a estrada olhando por cima do ombro para esticar o dedão.

Essa é a primeira vez que peço carona nos últimos anos e logo começo a ver que as coisas mudaram na América, você não consegue mais carona (mas claro em especial numa estrada exclusiva de turistas como essa autoestrada costeira sem caminhões nem negócios) – Caminhonetes lustrosas passam suaves uma atrás da outra, todas as cores do arco-íris e ainda por cima em tons pastéis, rosa, azul, branco, o marido no banco do motorista com um chapéu comprido ridículo de férias com uma longa viseira de beisebol que dá a ele uma aparência cretina e estúpida – Ao lado dele a patroa, a chefe da América, usando óculos escuros e dando um sorriso debochado, mesmo que ele quisesse me pegar ou pegar qualquer outra pessoa ela não deixaria – Mas nos dois bancos de trás fundos estão as crianças, crianças, milhões de crianças, de todas as idades, elas estão brigando e gritando por causa de um sorvete, estão derramando baunilha por tudo em cima das capas dos bancos – De qualquer jeito não tem espaço mesmo para um caroneiro, embora dê para imaginar que o pobre coitado

pudesse ir como um atirador fracote ou como um assassino silencioso na própria traseira da caminhonete, mas não, ai de mim!, lá estão dez mil ternos lavados a seco e engomados à perfeição e vestidos de todos os tamanhos para a família parecer milionária cada vez que pararem numa espelunca qualquer na beira da estrada para comer bacon e ovos – Cada vez que as calças do homem começam a se amarfanhar um pouco na frente ele é obrigado a pegar um outro par na bagagem e a seguir adiante, assim, sem nenhuma esperança, mesmo que em segredo ele possa ter desejado só uma simples viagem de pesca sozinho como nos velhos tempos ou com os amigos para as férias desse ano – Mas agora a Associação de Pais e Mestres venceu todos os desejos dele, anos 60, não é mais hora de pensar no Big Two Hearted River e nas velhas calças desbotadas e nos peixes pendurados na barraca, nem na fogueira com bourbon à noite – É hora de parar em motéis, em drive-ins na beira da estrada, de levar guardanapos para a turminha no carro, de mandar lavar o carro antes da viagem de volta – E se ele acha que tem vontade de explorar qualquer uma das silenciosas estradas secretas da América sem chance, a senhora debochada com os óculos escuros agora assumiu o posto do navegador e fica lá sentada debochando com o mapa marcado em tinta azul distribuído por executivos felizes de gravata aos turistas da América que também estariam de gravata (após virem de tão longe) mas a moda nas férias é camisa polo, longos chapéus com viseiras, óculos escuros, calças bem passadas e os primeiros sapatinhos do bebê banhados a ouro pendurados no painel – Então aqui estou eu de pé nessa estrada com a minha grande mochila trágica mas também provavelmente com aquela expressão de horror no rosto depois de todas as noites sentado lá à beira mar sob os gigantescos penhascos negros, em mim eles veem o oposto apoteótico de seus sonhos de férias e claro seguem viagem – Naquela tarde eu diria uns 5 mil carros ou provavelmente 3 mil passaram por mim sem nem sonhar em parar – O que de qualquer modo não me aborreceu porque ao ver a linda costa até Monterey eu pensei “Bom então eu vou caminhar, são só 22 quilômetros, não vai ser difícil” – E no caminho igual aparece todo tipo de coisa interessante para ver como as focas ladrando nos rochedos lá embaixo, ou as velhas fazendas tranquilas feitas de troncos nos morros da estrada, ou acalives repentinos que acompanham os sonhadores campos à beira mar onde as vacas passam e pastam com o panorama azul do Pacífico infinito – Mas como eu estou usando botas de deserto com solas finas, e o sol está batendo forte no asfalto, o calor acaba atravessando as solas e eu começo a sentir as bolhas dentro das meias – Sigo mancando enquanto tento imaginar qual é o meu problema quando percebo que estou cheio de bolhas – Sento na beira da estrada e olho – Tiro o meu kit de primeiros socorros da mochila e passo unguentos e ponho protetores de calos e sigo adiante – Mas a combinação da mochila pesada e do calor na estrada aumenta a dor das bolhas até que eu percebo que preciso arranjar uma carona ou não vou chegar nunca a Monterey.

Mas os turistas que não me levem a mal, eles não têm como saber, só acham que estou fazendo uma bela caminhada com a minha mochila e seguem viagem, mesmo que eu estique o dedão – Entro em desespero porque agora fiquei enclachado e depois de caminhar onze quilômetros ainda faltam mais outros

onze mas eu não consigo dar mais nem um passo – Também estou com sede e não tem nenhum posto de gasolina nem coisa nenhuma pelo caminho – Meus pés estão arruinados e cheios de bolhas, o dia se transforma em uma tortura absoluta, das nove da manhã até as quatro da tarde eu dou um jeito naqueles quinze quilômetros mais ou menos até que finalmente eu tenho que parar e me sentar e limpar o sangue nos meus pés – E então quando eu arrumo os meus pés e ponho as meias de volta, para continuar andando, só consigo dar uns passinhos pequenos na ponta dos pés que nem Babe Ruth, torcendo os pés em todas as direções imagináveis para não pisar forte demais em nenhuma das bolhas – E agora os turistas (cada vez em menor número já que o sol começou a se pôr) podem ver claramente que tem um homem mancando na autoestrada com uma mochila enorme e pedindo carona, mas ainda assim eles têm medo que ele possa ser o caroneiro de Hollywood com a arma escondida e além disso ele tem uma mochila nas costas como se tivesse escapado agora mesmo da guerra em Cuba – Ou então tivesse corpos desmembrados na mochila – Mas como eu estava dizendo não é culpa deles.

Um único carro a passar que podia ter me dado uma carona está andando no sentido contrário, em direção a Sur, e é algum carro chacoalhante com um grande cantor folk barbado de “South Coast Is the Lonely Coast” dentro acenando para mim mas finalmente um pequeno caminhão para e me espera 50 metros adiante e eu mancorro até lá com adagas nos pés – É um cara com um cachorro – Ele vai me deixar no próximo posto de gasolina e depois dobrar – Mas quando fica sabendo dos meus pés ele me leva direto até o terminal de ônibus em Monterey – Só como um gesto de pura bondade – Sem nenhuma razão especial, e eu não fiz nenhum apelo relativo aos meus pés, só comentei.

Me ofereço para pagar uma cerveja para ele mas ele está indo para casa jantar então eu entro no terminal de ônibus e me limpo e troco de roupa e deixo as coisas por lá, ponho a mochila num guarda-volumes, compro a passagem e saio mancando em silêncio pelas ruas azuis enevoadas da noite de Monterey me sentindo leve com uma pluma e feliz como um milionário – A última vez que peguei carona na vida – e NADA DE CARONAS um aviso.

O AVISO SEGUINTE É EM FRISCO onde depois de uma noite de sono tranquilo num velho quarto de hotel no skid row eu vou ver Monsanto na livraria City Lights dele e ele está sorrindo e feliz de me ver, diz “A gente ia te fazer uma visita fim de semana que vem você devia ter esperado”, mas tem mais alguma coisa na expressão dele – Quando ficamos a sós ele diz “A sua mãe escreveu dizendo que o seu gato morreu”.

Em geral a morte de um gato tem pouca importância para a maioria dos homens, muita para uns poucos, mas para mim, e aquele gato, era exatamente e sem mentira e sério mesmo como a morte do meu irmãozinho – Eu amava Tyke com todo o meu coração, ele era o meu bebê que ainda filhote dormia na palma da minha mão pendurando a cabecinha para baixo, ou só ronronando, por horas, enquanto eu segurasse ele daquele jeito, andando ou sentado – Era um enfeite felpudo ao redor do meu pulso, era só eu torcer ele em volta do pulso ou colocar ele e ele ronronava e ronronava e até quando ele cresceu eu ainda segurava ele desse jeito, eu conseguia segurar aquele gato grande nas duas mãos com os braços esticados acima da cabeça e ele só ronronava, ele tinha total confiança em mim – E quando eu saí de Nova York para vir ao meu refúgio no bosque eu dei um beijo nele e pedi que me esperasse, “*Attends pour mué kititingoo*” – Mas a minha mãe disse na carta que ele morreu NA NOITE DEPOIS QUE EU SAÍ! – Mas talvez você me entenda melhor lendo você mesmo a carta: –

“Domingo, 20 de julho de 1960 Querido filho, Acho que você não vai gostar da minha carta porque tenho notícias tristes a lhe dar. Realmente não sei como dizer mas é melhor você sentar Querido. Estou vivendo um pesadelo. Nosso pequeno Tyke *se foi*. Sábado ele passou o dia bem e parecia estar se recuperando, mas de noite eu estava assistindo na TV um filme bem tarde. Pela 1:30 da manhã quando ele começou a ter espasmos e vomitar. Fui ver o que estava acontecendo e tentei ajudar mas não consegui. Ele tremia como se estivesse passando frio então inrolei-o num Cobertor e logo ele começou a vomitar em cima de mim. E ali ele se finou. Nem preciso dizer como estou me sentindo e o baque que isso foi para mim. Fiquei de pé ‘até o dia raiar’ e fiz tudo o que eu podia para ajudar mas não adiantou. Pelas 4 horas notei que ele estava morto então eu o enroli bem num cobertor limpo – E às 7 da manhã saí para cavar uma sepultura. Em toda a minha vida eu nunca tinha feito nada tão triste quanto enterrar o meu querido Tyke que era tão humano quanto eu e você. Enterrei-o debaixo das madressilvas, no canto, da cerca. Perdi o sono e o apetite. Fico olhando e esperando que ele saia da porta do porão dizendo *Mauau*. Estou doente e uma coisa muito estranha aconteceu quando eu enterrei Tyke, todos os Melros que alimentei durante o inverno pareciam saber o que estava acontecendo. Sério Filho isso não é história. Muitos e muitos deles ficaram voando acima da minha cabeça e chilreando, pousando na cerca, por uma hora inteira antes que Tyke finalmente descansasse é uma coisa que não vou esquecer nunca – Como eu queria ter uma câmera na hora mas Eu e Deus sabemos que eu vi. Sei que isso vai ser duro Querido mas eu tinha de contar para você... Estou

muito doente não o meu corpo mas a minha alma... Não consigo acreditar que meu Tykinho Lindo se foi – E que não vou mais vê-lo sair do ‘Barraquinho’ dele ou Caminhar pelo gramado... P.S. Desmonte o barraquinho do Tyke, eu simplesmente não conseguia sair de casa e vê-lo vazio – como agora está. Bem Querido, escreva logo e se cuide. Reze para o verdadeiro ‘Deus’ – Abraços de sua velha Mamãe.”

Então quando Monsanto me deu a notícia e eu estava lá sentado *sorrindo* de felicidade do jeito que todo mundo sorri quando sai de um longo período de solidão em um bosque ou em uma cama de hospital, blam, meu coração afundou, na verdade afundou com a mesma impotência idiota de quando eu tomei o meu fôlego gigante à beira mar – Todas as premonições se encaixando.

Monsanto vê que estou terrivelmente triste, vê o meu sorrisinho (o sorriso que me veio em Monterey todo feliz de estar de volta ao mundo depois das solidões e eu caminhei pelas ruas só monalizando distraído por cada coisa que eu via) – Agora ele vê como aquele sorriso se converte em uma máscara de dor – Claro que ele não tem como saber já que eu não contei para ele nem quero contar nada agora, que o meu relacionamento com o gato e com os outros gatos antes dele sempre foi meio doido: alguma espécie de identificação psicológica dos gatos com o meu falecido irmão Gerard que me ensinou a amar os gatos quando eu tinha 3 e 4 anos e a gente costumava deitar no chão de barriga para baixo e olhar os bichanos tomando leite – De fato a morte do “irmãozinho” Tyke – Monsanto ao me ver tão lúgubre diz “Talvez fosse uma boa você ficar na cabana mais umas semanas – senão você vai encher a cara outra vez” – “Vou encher a cara sim” – Porque afinal tem tanta coisa para acontecer, todo mundo está esperando, sonhei com mil festas doidas lá no bosque – Na verdade foi sorte eu ter ficado sabendo da morte de Tyke na minha cidade empolgante favorita de São Francisco, se eu estivesse em casa quando ele morreu eu podia ter pirado de outro jeito mas mesmo que eu tenha saído correndo para encher a cara com o pessoal e ainda de vez em quando aquele sorrisinho gozado de alegria voltasse enquanto eu bebia, e desaparecesse outra vez porque agora o sorriso era um lembrete da morte, mesmo assim a notícia me fez pirar ao fim das três semanas de bebedeira, me pegou de jeito naquele terrível dia de Sta. Carolina À Beira Mar como eu costumava dizer – Tudo, tudo é confuso até eu explicar.

Enquanto isso de qualquer jeito Monsanto é um homem de letras que quer curtir grandes trocas de notícias comigo sobre escrever e sobre o que todo mundo está fazendo, e então Fagan entra na loja (descendo as escadas até a velha escrivaniinha com tampo retrátil de Monsanto fazendo eu sentir um grande constrangimento porque sempre foi a ambição da minha juventude virar algum tipo de negociante literário com uma escrivaniinha de tampo retrátil, combinando a imagem do meu pai com a imagem de mim mesmo como escritor, o que Monsanto sem nem pensar a respeito conseguiu fazer com as mãos nas costas) – Monsanto com os ombros fortes, os grandes olhos azuis, a pele rosa reluzente, aquele sorriso perpétuo dele que rendeu o apelido de Sorridente na universidade e um sorriso que muitas vezes deixava você pensando “Será que é real?” até você perceber que se Monsanto algum dia parasse de estampar aquele sorriso como é que o mundo ia continuar – Era o tipo de sorriso inseparável demais dele para

que fosse autorizado a desaparecer – Palavras palavras palavras mas ele é um grande cara como eu vou mostrar e agora com uma legítima solidariedade masculina ele achava mesmo que eu não devia inventar grandes bebedeiras se eu estava me sentindo tão mal, “Afina!”, disse ele, “você pode voltar mais tarde, né?” – “Beleza Lorry” – “Você escreveu alguma coisa?” – “Eu escrevi os sons do mar, vou te contar – Foram as três semanas mais felizes de toda a minha vida caralho e agora me acontece uma coisa dessas, pobrezinho do Tyke – Você tinha que ter visto ele um lindo gato persa amarelo que chamam de calico” – “Ah você ainda tem o meu cachorro Homer, e como estava o Alf por lá?” – “Alf o Burro Sagrado, haha, de tarde ele fica pelos arvoredos de repente você vê ele e quase toma um susto, mas eu dei umas maçãs para ele e flocos de trigo e tudo mais” (e os animais são tão tristes e tão pacientes eu pensei enquanto lembrava dos olhos de Tyke e dos olhos de Alf, ah morte, e pensar que essa estranha morte escandalosa também vem para os seres humanos, sim até para o Sorridente, pobre Sorridente, e para o pobre Homer o cachorro dele, e para todos nós) – Também estou deprimido porque sei o quão mal a minha mãe deve estar se sentindo sozinha sem o amiguinho dela em casa a 5 mil quilômetros de distância (e de fato meu Deus mais tarde aconteceu que alguns beatniks idiotas que queriam me ver quebraram o vidro da porta de entrada e assustaram ela de tal forma que ela usou a mobília para fazer uma barricada na porta durante todo o resto do verão).

Mas lá está o velho Ben Fagan pitando o cachimbo e dando risadinhas então porra, para que aborrecer homens adultos e ainda por cima poetas com os seus problemas – Então eu e Ben e Jonesy o amigo dele também um cachimbista risadístico vamos ao bar (Mike’s Place) e tomamos umas cervejas, no início eu juro que não vou me embriagar, nós até vamos ao parque para ter uma longa conversa no sol quente que sempre vira um anoitecer frio enevoado delicioso na cidade das cidades – Estamos sentados no parque da grande igreja italiana branca olhando as crianças brincarem e as pessoas passarem, por algum motivo me distraio olhando uma loira andando apressada “Onde ela tá indo? Será que ela tem um namorado secreto que é marinheiro? Será que ela só vai fazer hora extra como datilógrafa no escritório? Ben e se a gente soubesse pra onde cada uma das pessoas que passa tá indo, pra uma porta, um restaurante, um romance secreto” – “Parece que você guardou bastante energia e interesse lá no bosque” – E Ben sabe muito bem porque ele também passou meses no mato sozinho – O velho Ben, muito mais magro do que costumava ser nos nossos dias mais loucos de Vagabundos Iluminados 5 anos atrás, de fato até um pouco esquelético, mas ainda o mesmo velho Ben que fica acordado até tarde dando risadinhas enquanto lê a Escritura de Lankavatara e escrevendo poemas sobre pingos de chuva – E ele me conhece muito bem, sabe que eu vou encher a cara hoje à noite e por semanas a fio só pelos princípios gerais e que em algumas semanas vai chegar o dia em que eu vou estar tão exausto que não vou conseguir sequer falar com ninguém e ele vai me fazer uma visita e quieto do meu lado pitar o cachimbo dele, enquanto eu durmo – O tipo de cara que ele é – Eu tentando falar sobre Tyke com ele mas algumas pessoas adoram gatos e outras não, embora Ben sempre tenha um gatinho em casa – O apartamento dele em geral tem um tapete de palha no chão,

com uma almofada em cima onde ele senta de pernas cruzadas, com um bule de chá quente ao lado, as estantes cheias de livros de Stein e Pound e Wallace Stevens – Um poeta estranho quieto que mal estava começando a ser reconhecido como um grande sábio secreto rosado (um dos versos dele “Quando deixo a cidade os meus amigos vão tomar birita”) – E agora mesmo eu estou a caminho da birita.

De qualquer jeito como o velho Dave Wain está de volta e eu e Dave vemos ele esfregando as mãos empolgado com a ideia de mais uma puta bebedeira ensandecida comigo igual à que a gente promoveu no ano passado quando ele me levou da costa oeste de volta a Nova York com George Baso o pequeno hipster japa mestre zen sentado em posição de lótus no tapete traseiro do jipe de Dave (Willie o Jipe), uma viagem incrível por Las Vegas, St. Louis, parando em motéis caros e bebendo uísque do bom e do melhor direto do gargalo o caminho inteiro – E que melhor jeito de voltar a Nova York, eu podia ter torrado 190 dólares num avião – E Dave nunca encontrou o grande Cody e logo vai estar ansioso para fazer isso – Então eu e Ben saímos do parque e andamos devagar até o bar na Columbus Street e eu peço o meu primeiro bourbon duplo e ginegale.

As luzes continuam piscando lá fora naquela fantástica rua de brinquedo, eu sinto a alegria se erguer na minha alma – Agora lembro de Big Sur com um amor puro penetrante e agonia e até a morte de Tyke se encaixa no todo mas eu não percebo a grandeza do que está por vir – Ligamos para Dave Wain que voltou de Reno e ele vem todo choroso para o bar no jipe dele dirigindo daquele jeito incrível (Dave já foi taxista) falando sem parar e sem nunca fazer nenhum erro, na verdade um motorista tão bom quando Cody embora eu não consiga imaginar ninguém tão bom e perguntei a Cody no dia seguinte – Mas velhos motoristas ciumentos sempre apontam as falhas e reclamam, “Ah só mas esse teu Dave Wain não faz as curvas direito, ele desacelera e às vezes chega a frear um pouco em vez de só fazer o traçado curvo aumentando a potência, cara cê tem que *trabalhar* as curvas” – A essas alturas já é óbvio, a propósito e fazendo um parêntese, que tenho muita coisa a dizer sobre as três semanas fatídicas que se seguiram parece impossível encontrar um ponto de onde começar. Como na vida, a propósito – E como tudo é tão múltiplo! – “E o que aconteceu com o velho George Baso, meu chapa?” – “O velho George Baso tá provavelmente morrendo de tuberculose num hospital perto de Tulare” – “Pô, Dave, a gente precisa ir ver ele” – “Sim senhor, podemos ir amanhã” – Como sempre Dave não tem um tostão furado mas isso não me incomoda nem um pouco, eu tenho o suficiente, eu saio no dia seguinte e troco 500 dólares de travelers checks só para me divertir com o velho Dave – Dave gosta de boa comida e de boa bebida e eu também – Mas tem esse carinha que ele trouxe de Reno chamado Ron Blake que é um adolescente bonito com cabelo loiro que quer ser um novo cantor Chet Baker sensacional e vem com aquela abordagem hipster aborrecida que era natural 5 ou 10 e até 25 anos atrás mas agora em 1960 é só uma pose, na verdade eu curti ele como um golpista aplicando um golpe em Dave (para quê, não sei) – Mas Dave Wain aquele galês magro corcunda ruivo que curte sair no Willie para pescar no Rogue River lá no Oregon onde ele conhece um campo minado

abandonado, ou correr pelas estradas desertas, reaparecer de repente na cidade para encher a cara, e além disso um poeta maravilhoso, tem aquela coisa especial que os hipsters jovens provavelmente querem imitar – Para começar ele é um dos melhores conversadores do mundo, e também engraçado – Isso logo vai ficar claro – Foram ele e George Baso que descobriram a verdade incrivelmente simples de que todo mundo na América estava andando por aí com o traseiro sujo, porque o antigo ritual de se lavar com água depois de ir ao banheiro não passou pela cabeça da assepsia moderna – Dave diz que “As pessoas na América têm todo esse monte de roupas lavadas a seco que nem você diz nas viagens, elas espalham água-de-colônia por todo corpo, usam Ban e Aid ou seja lá o que for no sovaco, ficam desoladas de ver uma mancha numa camisa ou num vestido, provavelmente trocam a meia e a roupa de baixo talvez duas vezes por dia, saem por aí metidas e insolentes se achando as pessoas mais limpas na face da Terra mas elas estão andando com o cu sujo – Não é incrível? Me dá um gole disso aí?” diz ele estendendo a mão para o meu copo então eu peço mais duas bebidas, estou entretido, Dave pode pedir todas as bebidas que quiser a hora que ele quiser, “O Presidente dos Estados Unidos da América, os grandes ministros de estado, os grandes bispos e bliptblopts e fodões por toda parte, até o mais reles trabalhador de fábrica com o peito estufado de orgulho, estrelas de cinema, executivos e grandes engenheiros e presidentes de firmas advocatícias e de empresas de publicidade com camisas de seda e gravatas e enormes malas caras onde eles guardam esse monte de pentes ingleses importados e aparelhos de barbear e pomadas e perfumes todos estão andando por aí com o cu sujo! E tudo o que você precisa fazer é se lavar com água e sabão! E ninguém em toda a América se deu conta! É uma das coisas mais engraçadas que você já ouviu na vida! Você não acha maravilhoso que nos chamem de beatniks imundos mas a gente é os únicos a andar por aí de cu limpo?” – Esse lance do cu limpo se espalhou bem depressa e todo mundo que eu conhecia e que Dave conhecia de uma costa a outra tinha embarcado nessa grande cruzada que devo dizer é uma cruzada do bem – Na verdade em Big Sur eu tinha instituído uma estante na latrina de Monsanto para guardar o sabão e todo mundo tinha que levar um balde d’água a cada viagem – Monsanto ainda não sabia disso, “Você percebe que enquanto a gente não disser pro Monsanto o grande escritor que ele está andando por aí com o cu sujo é isso mesmo que ele vai estar fazendo?” – “Vamos contar pra ele agora!” – “Claro se a gente esperar mais um segundo... e além do mais você sabe o que *acontece* com as pessoas que andam por aí com o cu sujo? Elas sentem uma enorme culpa que não conseguem compreender o dia inteiro, vão trabalhar limpinhas pela manhã e você pode sentir o cheiro de roupa recém-lavada e água-de-colônia no trem mas tem algo corroendo elas, alguma coisa está errada, elas sabem que alguma coisa está errada só não sabem o quê!” – Saímos correndo para contar a Monsanto na livraria dobrando a esquina.

A essas alturas começamos a nos sentir ótimos – Fagan saiu fora dizendo como sempre “Beleza vão e encham a cara, eu tô indo pra casa passar uma noite tranquila numa banheira quente com um livro” – A “casa” também é onde Dave Wain e Ron Blake moram – É uma velha casa de quatro andares perto do distrito

negro de São Francisco onde Dave, Ben, Jonesy, um pintor chamado Lanny Meadows, um beerrão franco-canadense louco chamado Pascal e um negro chamado Johnson moram cada um no seu quarto com amontoados de mochilas e colchões no chão e livros e apetrechos, cada um saindo um dia da semana para fazer as compras e voltar e preparar um grande jantar comunitário na cozinha – Todos os dez ou doze dividem o aluguel, e com a rotação do jantar eles acabam levando uma vida confortável com festas doidas e garotas correndo para lá, gente trazendo garrafas, tudo por um mínimo de sete dólares por semana digamos – É um lugar incrível mas ao mesmo tempo um pouco enlouquecedor, na verdade bastante enlouquecedor porque o pintor Lanny Meadows adora música e ele instalou uns alto-falantes de alta fidelidade na cozinha mesmo que o toca-discos fique num quartinho dos fundos então o cozinheiro do dia pode estar concentrado num cozido Mulligan e de repente os dinossauros de Stravinski começam a jantar acima da sua cabeça – E à noite rolam umas festas com quebra-quebra de garrafas geralmente supervisionadas pelo louco do Pascal que é um garoto doce mas quando bebe – Um lunático de fato e também a imagem exata do que os jornalistas querem dizer sobre a Geração Beat mesmo assim um esquema inofensivo e agradável para jovens solteiros e uma boa ideia a longo prazo – Porque você pode entrar em qualquer quarto e encontrar um especialista, por exemplo no quarto de Ben e perguntar “Cara o que foi que o Bodhidharma disse pro Segundo Patriarca?” – “Ele disse vai tomar no teu cu, faz a tua cabeça que nem uma parede, não corre atrás das atividades ao ar livre e não me enche com os teus planos” – “Não quem disse isso foi o Fubar” – Ou então você entra correndo no quarto de Dave Wain e lá está ele sentado de pernas cruzadas em um colchãozinho no chão lendo Jane Austen, e perguntar “Qual é o melhor jeito de fazer um estrogonofe?” – “Estrogonofe de carne não tem nenhum segredo, é só uma carne bem cozida que você deixa esfriar e depois põe uns cogumelos e um monte de creme de leite, eu posso descer e mostrar pra você assim que eu acabar esse capítulo desse romance incrível, eu quero descobrir o que vai acontecer” – Ou você vai até o quarto do Negro e pergunta se pode pegar emprestado o gravador dele porque naquele exato instante está rolando um papo engraçado entre Duluo e McLearn e Monsanto e um jornalista qualquer – Porque a cozinha também era o principal lugar dos bate-papos onde todo mundo sentava em meio aos pratos e cinzeiros e onde aparecia todo tipo de visita – Um ano antes tinha aparecido uma garota japonesa de 16 anos só para me entrevistar, por exemplo, mas ciceroneada por um pintor chinês – O telefone não parava de tocar – Até os negros bacanas lá da esquina chegavam com garrafas (Edward Kool e vários outros) – A gente tinha Zen, jazz, birita, erva e tudo mais mas por algum motivo tudo era suplantado (como uma ideia supostamente degenerada) pela visão de um “beatnik” pintando as paredes do quarto com todo o cuidado e branco com umas bordas vermelhas bacanas em volta da porta e das janelas – Ou de alguém varrendo a sujeira da sala para a rua. Visitantes apenas de passagem como eu ou Ron Blake sempre tinham colchões extras para dormir neles.

MAS DAVE ESTÁ ANSIOSO E EU TAMBÉM para ver o grande Cody que é sempre o meu maior motivo para vir até a costa oeste então a gente liga para ele em Los Gatos a 80 quilômetros de distância descendo o Santa Clara Valley e eu ouço a querida voz triste dele dizendo “Eu já tava te esperando, cê tem que vir agora para cá meu velho, mas eu saio pra trabalhar à meia-noite então te apressa e cê pode me visitar no trabalho o filho do chefe sai pelas duas e eu vou te mostrar o meu novo trabalho de recapar pneus e vê se cê não pode trazer alguma coisinha ou uma garota ou alguma outra coisa, tô brincando, chega aí, cara —”

Então lá está o velho Willie esperando por nós na rua estacionado em frente à agradável lojinha japonesa de bebidas alcoólicas para onde como sempre, segundo o nosso ritual, eu saio correndo para comprar Pernod ou uísque escocês ou qualquer coisa boa enquanto Dave dá a volta para me pegar na porta, e eu sento no banco do carona perto de Dave onde é o meu lugar o tempo todo como um velho e Honrado Samuel Johnson enquanto todo o resto do pessoal que quer vir junto tem que se amontoar lá atrás no colchão (é um colchão mesmo, os bancos foram arrancados fora) e se agachar ou se deitar lá e também em geral ficar quieto porque quando Dave está com a direção do Willie na mão dele e eu com uma garrafa na minha e caímos na estrada toda a conversa vem da frente — “Caralho” berra Dave todo feliz outra vez “é que nem nos velhos tempos Jack, nossa o velho Willie sentiu a sua falta enquanto esperava você voltar — Então agora eu vou mostrar pra você como o velho Willie só melhorou com a idade, ele foi recondicionado em Reno mês passado, lá vamos nós, está pronto Willie?” e lá vamos nós e a beleza de tudo isso nesse verão em particular é que o assento da frente está quebrado e fica balançado um pouquinho para frente e para trás com cada movimento de Dave ao volante — É como estar sentado numa cadeira de balanço em uma varanda só que é uma varanda móvel e ainda por cima uma varanda para bater papo — E em vez de ficar olhando os velhos atirarem ferraduras da nossa animada varanda tudo se resume àquela linha branca bem-definida no meio da estrada e nós vamos voando como pássaros pelas encostas de Harrison e tal que Dave sempre usa para sair de Frisco na maior rapidez e fugir do trânsito — Logo estamos avançando reto em direção à linda Bayshore Highway de quatro pistas até o lindo Santa Clara Valley — Mas eu fico surpreso de ver que só uns poucos anos depois aquela porra não tem mais ameixeiras nem enormes plantações de beterraba como em Lawrence quando eu era guarda-freios na Southern Pacific e até mesmo depois, é uma longa fileira de casas por todos os 80 quilômetros até San Jose como uma enorme Los Angeles monstruosa começando a crescer no sul de Frisco.

No início é bonito ficar olhando aquela linha branca sumindo debaixo do focinho do Willie mas quando eu começo a olhar ao redor para fora da janela só vejo casas populares e fábricas azuis por toda parte — Dave diz “É isso aí, a explosão demográfica ainda vai tapar cada centímetro de terra batida em toda a América algum dia na verdade vão ter até que começar a empilhar a porra das casas umas em cima das outras que nem na sua cidadeCIDADE até as casas alcançarem cento e cinquenta quilômetros de altura em todas as direções

do mapa e as pessoas olhando a Terra de outro planeta com supertelescópios só vão ver uma bola cheia de espinhos flutuando no espaço – É tipo muito horrível quando você para pra pensar, até a gente com essas nossas conversas, que merda cara são milhões de pessoas e de acontecimentos se empilhando a alturas quase impossíveis de imaginar, vamos acabar como babuínos delirantes empilhados uns em cima dos outros ou uns por cima dos outros ou sei lá como se diz – Centenas de milhões de bocas famintas ávidas por mais mais mais – E o mais triste é que o mundo não tem nenhuma chance de produzir digamos um escritor com uma vida que pudesse mesmo de verdade tocar em todos os detalhes dessa vida como você sempre diz, um escritor que pudesse fazer você atravessar chorando os berços a porra dos berços lunares para ver tudo até o mais infimo detalhe sangrento do deprimente roubo de um coração ao amanhecer quando ninguém dá a mínima que nem o Sinatra canta” (“When no one cares”, ele canta num barítono grave mas continua): – “Um varredor inveterado que varresse tudo, como o desconsolo incrível que eu senti Jack quando Céline acabou o *Viagem ao fundo da noite* mijando no rio Sena ao amanhecer lá estou eu pensando meu Deus é provável que tenha alguém mijando no rio Trenton ao amanhecer agora mesmo, no Danúbio, no Ganges, nas águas congeladas do Ob, no Amarelo, no Paraná, no Willamette, no Merrimac no Missouri também, no próprio rio Missouri, no Magdalena, no Amazonas, no Tâmsa, no Pó, no isso e aquilo, é interminável é que nem os poemas interminável por toda parte e ninguém sabe disso melhor que o velho Buda você sabe quando ele diz que ‘Existem incontáveis estrelas nos éons nebulosos de universos mais numerosos do que os grãos de areia em todas as galáxias, multiplicados por um bilhão de anos-luz da multiplicação, na verdade se eu fosse continuar você ficaria apavorado e não conseguiria entender e você ficaria tão desesperado que cairia morto’ é isso o que mais ou menos ele disse num daqueles sutras – Macrocosmos e microcosmos e chilicosmos e micróbios até que no fim você tem todos esses livros maravilhosos que ninguém nem tem tempo pra ler todos eles, o que você vai fazer nesse mundo já todo empilhado quando você pensa no Livro dos Cantares, Faulkner, César Biotteau, Shakespeare, Satíricos, Dantes, todas essas histórias longas que o pessoal conta nos bares, os próprios sutras, Sir Philip Sidney, Sterne, Ibn El-Arabi, o prolixo Lope de Vega e improprio Cervantes do caralho, pfui, e além disso todos aqueles Catulos e Davis e sábios escutando rádio no skid row para conversar porque eles têm um milhão de histórias também e você também Ron Blake cala a boca aí no banco de trás! e tudo que é tanta coisa que se torna necessário você não acha, hein?” (expressando exatamente o que eu sinto, claro).

E para corroborar tudo sobre a exageralidade do mundo, Stanley Popovich também está sentado no colchão traseiro ao lado de Ron, Stanley Popovich de Nova York que chegou de repente em São Francisco com Jamie sua linda garota italiana mas ele vai acabar terminando com ela em poucos dias para ir trabalhar num circo, um garotão iugoslavo forte que tocava a Seven Arts Gallery de Nova York com grandes leituras de beatniks barbados mas agora vem o circo e um grande on the road para ele – É muita coisa, na verdade nesse exato instante ele está nos contando sobre o trabalho no circo – E ainda por cima o velho Cody está logo adiante com as mil histórias DELE – Todo mundo concorda que tudo é

grande demais para a gente acompanhar, que estamos cercados pela vida, que nunca vamos entender, então a gente se concentra em tomar uísque do gargalo e quando a garrafa esvazia eu saio correndo do carro e compro outra, ponto.

MAS NO CAMINHO ATÉ A CASA DE CODY A MINHA LOUCURA JÁ COMEÇOU A SE MANIFESTAR de um jeito mais estranho, mais um daqueles avisos de alguma coisa errada que mencionei lá atrás: Achei que eu tinha visto um disco-voador no céu de Los Gatos – A oito quilômetros de distância – Olho e vejo aquela coisa voando e digo para o Dave que dá uma olhada e diz “Ah é só o topo duma antena de rádio” – Me lembro da vez que tomei uma pilula de mescalina e achei que um avião era um disco-voador (uma história estranha essa, seja como for só um louco para escrever a respeito).

Mas lá está o velho Cody na sala da casa em seu ranchito sentado com um tabuleiro de xadrez meditando sobre um problema e bem do lado do fogo recém-aceso na lareira que a esposa dele acaba de acender porque ela sabe que eu adoro lareiras – Ela também é uma grande amiga minha – As crianças estão brincando nos fundos, são umas onze horas, e o bom e velho Cody aperta a minha mão outra vez – Eu não vejo ele há vários anos porque em suma ele passou dois anos em San Quentin por causa de uma acusação estúpida de posse de maconha – Ele estava a caminho do serviço na ferrovia uma noite e meio atrasado e a carteira de motorista dele já tinha sido suspensa por excesso de velocidade então ele viu dois beatniks de jeans estacionados, ofereceu para eles duas bombas em troca de uma carona até o trabalho na estação ferroviária, os dois toparam e prenderam ele – Eram policiais à paisana – Por esse grande crime ele passou dois anos em San Quentin na mesma cela que um atirador assassino – O trabalho dele era varrer a sala da tecelaria – Me preparo para encontrar ele todo amargurado e fora de si por causa disso mas é uma coisa estranha e magnífica ele está mais quieto, mais radiante, mais paciente, másculo, mais amigo até – E embora os rompantes loucos dos velhos dias na estrada comigo tenham se acalmado ele ainda tem o mesmo rosto teso ávido e músculos firmes e parece que ele está pronto para o que der e vier – Mas na verdade ele adora a casa dele (comprada com o seguro da ferrovia quando ele quebrou a perna tentando evitar que um vagão de carga batesse), adora a esposa dele do jeito dele mesmo que os dois briguem um pouco, adora as crianças e em especial o filhinho dele Timmy John que em parte foi batizado com o meu nome – O pobre Cody, o bom e velho Cody lá sentado com um tabuleiro de xadrez quer na mesma hora desafiar alguém para uma partida mas só tem uma hora para falar com a gente antes de sair para o trabalho para sustentar a família correndo e descendo as quietas ruas suburbanas de Los Gatos no Nash Rambler, pulando para dentro, ligando o motor, na verdade a única reclamação dele é que o Nash não pega sem um empurrãozinho – Nenhuma reclamação amarga a respeito da sociedade desse homem grandioso e ideal que me ama de verdade ademais como se eu merecesse, mas eu não me aguento de vontade de contar tudo para ele, nem tanto sobre Big Sur mas sobre os últimos vários anos, mas não tem como com todo mundo tagarelado ao mesmo tempo – E na verdade eu vejo nos olhos de Cody que ele vê nos meus olhos o remorso que nós dois sentimos porque recentemente a gente não teve nenhuma chance de conversar sobre qualquer coisa que fosse, como a gente costumava fazer dirigindo de um

lado para o outro da América e depois voltando nos velhos dias de estrada, agora pessoas demais querem falar com a gente e contar as histórias *delas*, nós fomos cercados encurralados e estamos em menor número – O cerco se fechou em torno dos velhos heróis da noite – Mas ele diz “Vocês aí rapaziada, deem um jeito de pintar por aí uma outra hora qualquer dessas quando o chefe sair e me vejam trabalhar e me façam um pouco de companhia antes de voltar para a Cidade” – Vejo que Dave Wain adora ele já de cara, e Stanley Popovich também ele que fez toda essa viagem para conhecer o lendário “Dean Moriarty” – O nome que eu dei para Cody em *On the Road* – Mas Ah, me parte o coração ver que ele perdeu o trabalho que ele tanto adorava na ferrovia e depois da senioridade que ele tinha acumulado desde 1948 e agora está reduzido a recapar pneus e a visitas lúgubres de condicional – Tudo por dois cigarros de uma erva doida que cresce sozinha no Texas porque Deus quis –

E logo ali na estante de livros está a velha foto de mim e de Cody de braços dados nos velhos tempos em uma rua ensolarada – Me apresso em contar a Cody o que aconteceu no ano anterior quando o conselheiro religioso dele na prisão me convidou para ir a San Quentin dar uma palestra para a turma de religião – Era para Dave Wain me levar até lá e esperar do lado de fora do muro porque eu ia entrar sozinho, provavelmente com uma garrafinha para me animar escondida no casaco (ao menos era o que eu esperava) e eu seria escutado por guardas enormes até o auditório da prisão e lá estariam sentados uns cem apenas mais ou menos incluindo Cody provavelmente todo orgulhoso na primeira fila – E eu começaria dizendo para eles que eu também já tinha estado na prisão uma vez e que portanto eu não tinha direito algum a dar uma palestra sobre religião – Mas eles são todos prisioneiros solitários e não estão nem aí para o que eu vou falar desde que eu fale – Todo o esquema arranjado, enfim, e na grande manhã em vez disso eu acordo podre de bêbado no chão, já é meio-dia e tarde demais, Dave Wain também está no chão, o Willie está parado lá fora esperando para levar a gente até San Quentin mas é tarde demais – Mas Cody agora diz “Beleza cara eu entendo” – Mas o nosso amigo Irwin conseguiu, ele deu uma palestra lá, mas Irwin consegue fazer todo tipo de coisas assim por ser mais sociável do que eu e capaz de entrar lá do jeito que ele entrou e de ler os poemas mais loucos dele que fizeram o pátio da cadeia explodir de empolgação embora eu ache que no fim ele não devia ter feito nada disso porque eu acho que aparecer numa prisão por qualquer motivo que não seja fazer uma visita ainda é SIGNIFICAR – E digo isso para Cody que medita sobre um problema de xadrez e diz “Cê tá bebendo outra vez, hein?” (se tem algo que ele odeia é me ver beber).

A gente ajuda ele a empurrar o Nash rua abaixo, depois bebemos um pouco e conversamos com Evelyn uma linda mulher loira que Ron Blake deseja e que até Dave Wain deseja mas ela está pensando em outra coisa e cuidando das crianças que precisam ir para a escola e para as aulas de dança pela manhã e de qualquer jeito ela mal consegue dizer uma palavra enquanto a gente tagarela e grita como idiotas para impressionar ela mesmo que tudo o que ela quer de verdade seja ficar sozinha comigo para falar sobre Cody e a nova alma dele.

O que inclui falar sobre Billie Dabney a amante dele que ameaçou afastar Cody de Evelyn de uma vez por todas, como vou contar mais tarde.

Então pegamos a autoestrada de San Jose para ver Cody recapar pneus – Lá está ele usando os óculos de proteção trabalhando como Vulcano na forja, atirando pneus para tudo que é lado com uma força incrível, os bons ele põe numa pilha, “Esse aqui não presta” em cima dum outro, bing, bang, falando sem parar uma longa aula incrível sobre recapagem de pneus que deixa Dave Wain pasmo – (“Meu Deus ele consegue fazer tudo aquilo e ainda falar ao mesmo tempo”) – Mas em relação a isso eu só digo que agora Dave Wain sabe por que eu sempre amei Cody – Esperando encontrar um ex-presidiário amargurado mas em vez disso ele vê um mártir da Noite Americana com óculos de proteção numa borracharia lúgubre às 2 da manhã fazendo os amigos rirem mas ao mesmo tempo executando à risca todo o trabalho que estão pagando ele – Correndo e arrancando pneus de rodas de carro com um jiclo, clang, atirando eles na máquina, levantando enormes vapores ruidosos mas berrando explicações a respeito, agindo, dobrando, atirando, voando, até Dave Wain dizer que ele achou que ia morrer de tanto rir ou de tanto chorar lá mesmo.

Depois a gente volta até a cidade e vai para a pensão louca beber mais um pouco e eu caio desmaiado de bêbado no chão como sempre naquela casa, acordo pela manhã resmungando longe da minha caminha limpa na varanda em Big Sur – Sem gaios-azuis tagarelando para me acordar, sem córrego gorgolejante, estou de volta à cidade grucosa e encurralado.

EM VEZ DISSO TEM O SOM DAS GARRAFAS QUEBRANDO NA SALA onde o pobre Lex Pascal continua berrando, me lembro de uma vez um ano atrás quando a futura esposa de Jarry Wagner ficou brava com Lex e atirou meio galão de tokay para o outro lado da sala e acertou ele em cheio no olho, indo em seguida de navio até o Japão para casar com Jarry numa grande cerimônia Zen que apareceu nos jornais de uma costa à outra mas tudo o que o velho Lex tem é um corte que eu tento enfaixar no banheiro de cima dizendo “Ah, o corte já parou de sangrar, você vai ficar legal Lex” – “Eu também sou franco-canadense” diz ele todo orgulhoso e quando eu e Dave e George Baso estamos prestes a viajar para Nova York ele me dá uma medalha de São Cristóvão como presente de despedida – Lex o tipo de cara que não devia estar morando nessa pensão louca caindo aos pedaços, devia se esconder em um rancho sei lá onde, poderoso, bonito, cheio de um desejo louco pelas mulheres e pelas bebidas e nunca se farta de nenhuma das duas – Então as garrafas quebram mais uma vez e os alto-falantes estão tocando a Missa Solene de Beethoven eu durmo no chão.

Acordo pela manhã resmungando claro, mas esse é o grande dia em que vamos visitar o pobre George Baso no hospital de tuberculosos no vale – Dave me faz despertar em seguida trazendo café ou vinho opcional – Não sei como eu fui parar no chão de Ben Fagan, ao que tudo indica eu fiquei vociferando com ele até de manhã sobre Budismo – algum Budista.

Já é complicado mas agora de repente surge Joey Rosenberg um garoto estranho do Oregon com uma barba cerrada e cabelo comprido até o pescoço que nem Raul Castro, o outrora campeão de salto em altura da California High School que só média uns um e setenta mas deu um salto incrível de dois metros e cinco por cima da trave! E também mostra o talento para o salto em altura na leveza dos pés quando dança – Um estranho atleta que de repente decidiu em vez disso virar uma espécie de Jesus beat e na verdade você vê a pureza e a sinceridade perfeita nos jovens olhos azuis dele – Na verdade os olhos deles são tão puros que você nem percebe o cabelo desgrenhado e a barba, e ele também está usando roupas puidas mas de uma estranha elegância (“Um dos primeiros Dândis Beat da nova geração”, McLearn me disse uns dias mais tarde, “cê ainda não ouviu nada a respeito? Tem um novo grupo underground estranho de beatniks ou sei lá o que que usam roupas especiais de dândi mesmo que seja só uma jaqueta de brim com calças de sarja eles sempre usam algum sapato bonito estranho ou uma camisa, ou invertem e usam calças chiques e vincadas claro mas com tênis em frangalhos”) – Joey está usando algo como roupas marrons macias tipo uma túnica ou algo assim e os sapatos dele parecem os sapatos esporte de Las Vegas – Assim que ele vê os tênis azuis surrados que eu usava em Big Sur quando machucava os pés, ou melhor caso eu machucasse os pés numa caminhada pela rocha, ele quer os tênis para ele, quer trocar o sapato esporte de Las Vegas (couro claro, liso) pelos meus estúpidos tenisinhos justos mas perfeitos que na verdade eu estava usando porque as bolhas da caminhada em Monterey ainda estavam doendo – Então nós trocamos – E eu pergunto a Dave Wain sobre ele: Dave diz: “Ele é um dos garotos realmente mais estranhos e doces que eu já

conheci, dizem que ele apareceu há uma semana atrás, perguntaram pra ele o que ele quer fazer mas ele nunca responde, só dá um sorriso – Ele meio que só quer curtir tudo e só ficar olhando e curtindo sem dizer nada em especial – Se alguém dissesse para ele ‘Vamos pegar o carro e ir pra Nova York’ ele ia topa na hora sem dizer uma palavra – Uma espécie de peregrinação, saca, com toda aquela juventude, nós velhos brochas temos mais fé que seguir o exemplo dele, na fé também, ele tem fé, dá para ver a fé nos olhos dele, ele tem fé em qualquer caminho que ele escolher com quem ele quiser que nem Cristo eu acho.”

É estranho que num devaneio depois disso eu me imaginei atravessando um campo para encontrar o estranho grupo de peregrinos no Arkansas e Dave Wain estava lá sentado dizendo “Pssst, Ele tá dormindo”, sendo que “Ele” era Joey e todos os discípulos estão seguindo ele em uma marcha até Nova York depois do que eles esperam seguir caminhando por cima da água até a outra margem – Mas claro (ainda no meu devaneio) eu debocho e não acredito (um tipo de sonho acordado que eu tenho com bastante frequência) mas pela manhã quando eu olho nos olhos de Joey Rosenberg eu percebo na hora que É Ele, Jesus, porque qualquer um (segundo as leis do meu devaneio) que olhar naqueles olhos fica instantaneamente convencido e convertido – Então o devaneio continua com uma história longa exagerada que acaba com máquinas pensantes da IBM tentando acabar com esse “Retorno” etc. (mas de fato alguns meses mais tarde eu toquei os sapatos dele no lixo lá em casa porque achei que eles me davam azar e lamentei ter me desfeito dos meus tênis azuis com buracos no dedão!).

Mas enfim a gente pega Joey e Ron Blake que está sempre atrás de Dave e saímos para ver Monsanto na loja, nosso ritual de sempre, depois na outra esquina até o Mike’s Place onde começamos às 10 da manhã com comida, bebida e umas partidas de sinuca nas mesas do bar – Joey ganha o jogo e um estranho craque que você nunca viu antes com um longo cabelo bíblico se inclina para deslizar o taco na maior suavidade pelos dedos posicionados com total profissionalismo e mete na caçapa umas bolas distantes em linha reta, igual a Jesus jogando sinuca é claro – E enquanto isso toda a comida que aqueles garotos esfomeados põem na bagagem e comem! – Não é todo dia que eles têm um romancista bêbado com centenas de dólares para torrar com eles, eles pedem tudo, espagete, depois Hambúrgueses Jumbo, depois sorvetes e tortas e pudins, igual Dave Wain tem um apetite enorme mas acrescenta Manhattans e Martinis ao lado do prato – Eu estou apenas virando as minhas velhas doses duplas fatais de Bourbon e gingerale e vou estar arrependido em alguns dias.

Qualquer bêbado sabe como o processo funciona: no primeiro dia que você se embebeda tudo bem, a manhã seguinte significa uma puta dor de cabeça mas isso é fácil de resolver com mais algumas doses e uma refeição, mas se você pula a refeição e vai para mais uma noite de bebedeira, e acorda disposto a continuar a farra, e segue até o quarto dia, vai chegar uma hora em que as bebidas já não fazem mais efeito porque você está sobrecarregado de produtos químicos e você vai ter que dormir para passar mas você não consegue mais dormir porque foi o próprio álcool que fez você dormir nas cinco últimas noites, e aí começa o delírio – Insônia, suador, tremedeira, um sentimento gemebundo de fraqueza que faz os seus braços ficarem amortecidos e inúteis, pesadelos

(pesadelos com a morte)... bom, tem mais sobre isso depois.

Pelo meio-dia que a essa altura é para mim o auge de um novo dia ensolarado difuso pegamos Romana Swartz a garota de Dave uma grande monstra romana de beleza típica não sei de onde (quer dizer com aqueles grandes olhos púrpura e muito alta e grande mas grande estilo Mae West), Dave me cochicha no ouvido “Você tem que ver ela andando por aquela Casa Orientalista Zen com calcinhas roxas, mais nada, tem um cara casado morando lá que pira cada vez que ela passa no corredor mas eu não culpo ele, você culparia? Ela não está tentando provocar ele nem ninguém ela simplesmente é nudista, ela acredita no nudismo e por Deus ela leva isso muito a sério!” (a Casa Zen é um outro tipo de pensão mas essa para todo tipo de pessoas casadas e solteiras e algumas pequenas famílias boêmias de todas as raças estudando Subud ou algo assim, eu nunca estive lá) – Seja como for ela é uma morena linda do tipo que você poderia imaginar para qualquer viciado em sexo cheio de tesão do mundo mas também inteligente, culta, escreve poesia, estuda o Zen, sabe tudo, na verdade é só uma grande Judia Romana saudável que quer casar com um bom homem robusto e ir morar em uma fazenda no vale, só isso –

O hospital para tuberculosos fica a umas duas horas de carro passando por Tracy e descendo o San Joaquin Valley, Dave dirige de maneira incrível com Romana entre nós e eu segurando a garrafa outra vez, o lindo sol da Califórnia e os pomares de ameixeiras passando lá fora – É sempre divertido ter um bom motorista e uma garrafa e óculos escuros numa bela tarde ensolarada para ir a algum lugar interessante, e todas as boas conversas como eu disse – Ron e Joey estão no colchão traseiro sentados de perna cruzada que nem o pobre George Baso sentou naquela viagem ano passado de Frisco a Nova York.

Mas a principal coisa que eu gostei de cara naquele japinha foi o que ele me disse na primeira noite que nos vimos naquela cozinha maluca da casa na Buchanan Street: da meia-noite às 6 da manhã com aquela voz lenta metódica ele me contou a versão incrível dele sobre a vida de Buda começando pela infância e até o fim – A teoria de George (ele tem um monte de teorias e chegou até a dar aulas de meditação com sinos, igual a um jovem budista leigo sério do Budismo japonês em última instância) é que Buda não rejeitou a vivência amorosa com a esposa dele e com as garotas de seu harém porque não se interessava por sexo mas pelo contrário aprendeu as mais sublimes artes do amor e do erotismo imagináveis na Índia daquele tempo, quando grandes livros como o Kama Sutra estavam se desenvolvendo, livros que dão a você instruções para cada ato, faceta, abordagem, momento, truque, dica, lambida, agarrada, bing e bang e slurp de como fazer amor com outro ser humano “homem ou mulher” insistiu George: “Ele sabia tudo que se pode saber sobre todo tipo de sexo então quando ele abandonou o mundo dos prazeres para ser um asceta na floresta todo mundo claro sabia que ele não tava deixando tudo de lado por ignorância – Aquilo serviu pra fazer as pessoas da época terem respeito pelos ensinamentos dele – E o Buda não era só um simples Casanova com alguns casos frígidos ao longo dos anos, cara ele fez de tudo, ele teve ministros e eunucos especiais e mulheres especiais que ensinaram ele a fazer amor, traziam virgens especiais pra ele, ele conhecia cada aspecto da perversidade e da não perversidade e

como você sabe ele também era um grande arqueiro, cavaleiro, era um cara treinado em todas as artes da vida por ordem do pai porque o pai dele queria garantir que ele NUNCA saísse do palácio – Usaram todos os truques que você pode imaginar pra seduzir ele a uma vida de prazer e como você sabe conseguiram até que ele tivesse um casamento feliz com uma linda garota chamada Yasodhara e ele teve com ela um filho Rahula e também tinha um harém que incluía garotos dançarinos e tudo que você pode imaginar” então George começava a entrar nos detalhes desse conhecimento, tipo “Ele sabia que o falo é segurado com a mão e movimentado dentro da vagina com um movimento rotatório, mas essa foi só a primeira de muitas variações onde também aparece o rebaixamento do quadril da garota para que a vulva saca vá para trás e o falo entre com um movimento rápido como a picada de uma vespa, ou senão a vulva se protraí quando ela levanta o quadril lá no alto e aí o membro se enterra depressa até a base, ou então ele pode tirar pra fora de um jeito provocante, ou se concentrar no lado esquerdo ou direito – E então ele conhecia todos os gestos, palavras, expressões, o que fazer com uma flor, o que não fazer com uma flor, como sorver os lábios de todas as maneiras possíveis ou como dar um beijo avassalador ou um beijo de leve, cara ele era um *gênio* no início...” e assim por diante, George ficou me contando sobre essas coisas até às 6 da manhã esse foi um dos mais incríveis *Buddhacharitas* que eu escutei na minha vida que acabou com George fazendo a entoação perfeita da lei dos Doze Nirdanas segundo a qual Buda simplesmente desfez as conexões lógicas de toda a criação e a expôs como ela é, sob a Árvore Bo, uma sequência de ilusões – E na viagem a Nova York com Dave e eu falando na frente o tempo inteiro o pobre George só ficou lá sentado no colchão a maior parte do tempo em silêncio e ele disse para a gente que estava fazendo aquela viagem para descobrir se ELE estava viajando para Nova York ou se só o CARRO (Willie o jipe) estava viajando para Nova York ou se só as RODAS estavam girando, ou os pneus, ou o quê – Um tipo de problema Zen – Então quando a gente ia ver os elevadores de grãos nas Planícies de Oklahoma George dizia em voz baixa “Bom parece que o elevador de grãos tá meio que esperando que eu me aproxime” ou então dizia de repente “Enquanto vocês ficavam aí conversando agora mesmo sobre como fazer um bom Martíni de Pernod eu acabei de ver um cavalo branco de pé na frente de um armazém abandonado” – Em Las Vegas pegamos um ótimo quarto de motel e saímos para jogar roleta, em St. Louis fomos ver as barriguinhas dos clubes noturnos em East St. Louis onde três garotas maravilhosas dançaram sorrindo direto para nós como se soubessem tudo a respeito de George e das teorias dele sobre o Buda erógeno (lá está o monarca sentado olhando as danzarinas) e como se também soubessem tudo a respeito de Dave Wain que sempre que vê uma garota bonita diz lambendo os lábios “Nham-nham”...

Mas agora George está com tuberculose e me disseram que ele pode até morrer – O que deixa os meus pensamentos ainda mais sombrios, todas essas MORTES se amontoando de repente – Mas eu não consigo acreditar que o velho Mestre Zen George vai deixar o corpo dele morrer agora embora pareça que sim quando atravessamos o gramado e chegamos a uma ala cheia de camas e

vemos ele sentado triste na beira da cama com o cabelo caindo por cima da testa quando antes estava sempre penteado para trás – Ele está usando um roupão e olha para a gente quase contrariado (mas todo mundo se sente contrariado com visitas repentinas de amigos ou parentes num hospital) – Ninguém quer ser surpreendido numa cama de hospital – Ele suspira e sai com a gente para o gramado e a expressão no rosto dele diz “Bem ah então vocês vieram me ver porque eu tô doente mas o que vocês querem de verdade?” como se toda a velha coragem bem-humorada do ano passado agora tivesse dado lugar a um profundo ceticismo japonês como o de um samurai num acesso de depressão suicida (que me surpreende com a expressão facial funesta).

QUER DIZER FOI A MINHA PRIMEIRA PERCEPÇÃO ASSUSTADA DO QUE SER JAPONÊS REALMENTE QUERIA DIZER – Ser japonês e não acreditar mais na vida e ser sombrio como Beethoven mas ser um japonês sombrio, sombrio como Bashô por trás de tudo aquilo, a enorme careta tonitruante de Issa ou de Shikí, ajoelhados no chão congelado de cabeça baixa que nem o esquecimento de cabeça baixa de todos os velhos cavalos da poeira do Japão.

Ele fica lá sentado em um banco na grama olhando para baixo e quando Dave pergunta “E aí você vai ficar bom logo George” ele diz apenas “Não sei” – Na verdade ele quer dizer “Não me importa” – E sempre caloroso e cortês comigo ele agora mal presta atenção em mim – Está um pouco nervoso porque os outros pacientes, militares veteranos, vão ver que ele recebeu a visita de um bando de beatniks maltrapilhos incluindo Joey Rosenberg que está saltitando pelo gramado olhando as flores com aquele sorriso sincero distraído – Mas o pequeno George, elegante em seu metro e sessenta e cinco e uns poucos quilos além disso e limpíssimo, o cabelo esvoaçante como o das crianças, as mãos delicadas, ele só olha para o chão – As respostas vêm como as de um velho (ele só tem 30 anos) – “Acho que toda aquela história do Dharma sobre tudo ser nada está meio que se entranhando nos meus ossos”, admite ele, o que me faz estremecer – (No caminho Dave veio dizendo para a gente se preparar porque George estava mudado) – Mas eu tentava manter a conversa rolando, “Você lembra daquelas dançarinas em St. Louis?” – “Só, presente de puta” (ele está se referindo a um pedaço perfumado de algodão que uma das garotas atirou em nós enquanto dançava, que mais tarde a gente prendeu numa cruz de acidente na beira da estrada que tínhamos arrancado do chão durante um pôr do sol vermelho no Arizona, prendendo esse lindo algodão perfumado bem onde estava a cabeça de Cristo mas George ficava dizendo que lindo que a gente tinha feito tudo aquilo de maneira subconsciente porque o resultado prático foi que todos os hipsters de Greenwich Village que vinham nos ver metiam a cara (o nariz) nela) – Mas George não se importa mais – E afinal é hora de ir embora.

Mas ah, quando estamos saindo e abanamos para ele e ele se vira para voltar ao hospital eu fico para trás e me viro umas quantas vezes para abanar de novo – No fim faço daquilo uma piada, me escondo num canto e espio para abanar de novo – Ele se esconde atrás de um arbusto e abana de volta – Eu corro até um arbusto e espio – De repente somos dois sábios loucos incorrigíveis pirando no gramado – No fim à medida que a gente vai se afastando cada vez mais e ele chega mais perto da porta estamos fazendo gestos elaborados e até os mais infinitesimais como quando ele atravessa a porta eu espero até ver ele espichar um dedo – Aí do meu canto eu espicho o sapato – Aí da porta dele ele espicha um olho – Então do meu canto eu não espicho nada mas só grito “Vu!” – Aí da porta dele ele não espicha nada e não diz nada – Aí eu me escondo no canto e não digo nada – Mas de repente eu saio correndo e lá está ELE correndo e nós fazemos giros ondulantes e voltamos a nos enfiar em nossos esconderijos – Então apronto uma das boas simplesmente fugindo depressa mas

de repente eu me viro e abano outra vez – Ele caminhando de costas e abanando – O quanto mais longe eu vou agora também caminhando de costas mais eu abano – No fim estamos tão longes a uns 100 metros um do outro que a brincadeira é quase impossível mas damos um jeito de continuar – No fim vejo um abaninho Zen triste distante – Pulo no ar e arroteio os dois braços – Ele faz a mesma coisa – Ele entra no hospital mas no momento seguinte está me espiando dessa vez pela janela da enfermaria! – Eu estou atrás de um tronco de árvore fazendo fiau para ele – Na verdade aquilo não acaba – As outras crianças estão todas no carro se perguntando qual é o motivo da minha demora – O motivo da minha demora é que eu sei que George vai melhorar e viver e ensinar a verdade alegre e George sabe e eu também sei disso, é por isso que ele está brincando comigo, a brincadeira mágica da liberdade alegre que em última instância é o que o Zen ou mesmo a alma japonesa significa eu digo, “E algum dia eu ainda vou pro Japão com o George” eu digo para mim mesmo depois do último abano porque eu escutei o sino do jantar e vi os outros pacientes fazerem fila para o rango e conhecendo o apetite fantástico de George contido naquele corpinho frágil eu não quero fazer com que ele se atrase embora mesmo assim ele apronte um último truque: Ele atira um copo d’água pela janela num grande splash d’água e depois disso não nos vemos mais.

“O quequelequis com isso?” Volto para o carro coçando a cabeça.

PARA COMPLETAR ESSE DIA LOUCO às 3 da manhã aqui estou eu sentado num carro sendo dirigido a 160 quilômetros por hora pelas ruas adormecidas e colinas e zona portuária de São Francisco, Dave foi para a cama com Romana e os outros estão desmaiados e esse vizinho louco da porta ao lado da pensão (ele é boêmio mas também trabalhador, um pintor de casas que chega de volta com grandes botas embarradas e tem o filhinho morando com ele a esposa morreu) – Eu estive no apartamento dele escutando o jazz de Stan Getz no último volume e por acaso eu disse que achava que Dave Wain e Cody Pomeray eram os dois maiores motoristas do mundo – “O quê?” gritou ele, um garotão loiro forte com um estranho sorriso fixo “cara eu era motorista de assalto! Vem eu vou te mostrar!” – Então quase de manhã e lá vamos nós passando riscado pela Buchanan e dobrando a esquina cantando os pneus e ele voa em direção ao semáforo vermelho então dobra à esquerda com outra cantada e sobe uma colina a toda, quando chegamos lá no alto da colina eu imagino que ele vai parar um pouco para curtir a vista mas ele pisa ainda mais fundo e praticamente levanta voo e nós descemos todas aquelas ruas incrivelmente íngremes de Frisco com o nariz apontado para as águas da Baía e ele põe o pé na tábua! Deslizamos a 160 km/h até o pé da colina onde tem um cruzamento por sorte com o semáforo no verde e passamos batido por ele só com um solavanquinho onde as pistas se cruzam e um outro solavanco onde a rua embica outra vez para descer a colina – Descemos até a zona portuária e guinamos à direita – No instante seguinte estamos disparando pelas rampas perto da entrada da ponte e antes que eu possa entornar um ou dois goles da minha última garrafa já estamos outra vez estacionados do lado de fora do apartamento na Buchanan – O maior motorista do mundo fosse ele quem fosse e eu nunca vi ele outra vez – Bruce não sei das quantas – Que fuga.

ACABO GEMENDO BÊBADO NO CHÃO dessa vez ao lado do colchão de Dave esquecendo que ele nem ao menos está lá.

Mas uma coisa estranha aconteceu naquela manhã que eu lembro agora: antes de Cody telefonar lá do vale: Mais uma vez estou sentindo uma depressão desesperançosa idiota gemendo ao lembrar que Tyke morreu e lembrando daquela praia mas no lado do aquecedor no banheiro está um exemplar do Johnson de Boswell que a gente vinha discutindo com tanta alegria no carro: Eu abro em uma página qualquer e começo a ler a partir do alto à esquerda e de repente estou num mundo perfeito outra vez: o velho doutor Johnson e Boswell estão visitando um castelo na Escócia que pertence a um falecido amigo chamado Rorie More, eles estão bebendo xerez junto da grande lareira olhando o retrato de Rorie na parede, a viúva de Rorie está lá, Johnson de repente diz “Senhor, eis aqui o que eu faria para lidar com a espada de Rorie More” (o retrato mostra o velho Rorie fazendo a dança escocesa da vitória) “Eu o trespassaria com uma adaga e seguiria desferindo golpes a meu bel-prazer como se ele fosse um animal” e exausto com a ressaca eu percebo que se havia algum jeito de Johnson expressar a tristeza que sentia à viúva de Rorie More na desafortunada ocasião de sua morte, era esse – Digno de pena, irracional, mas perfeito – Vou correndo até a cozinha onde Dave Wain e alguns outros já estão tomando o café da manhã e começo a ler tudo aquilo para eles – Jonesy me lança um olhar de esguelha por eu ser tão literato já de manhã cedo mas eu não estou sendo nem um pouco literato – Outra vez eu vejo a morte, a morte de Rorie More, mas a reação de Johnson à morte é ideal e tão ideal que eu desejo que o velho Johnson estivesse sentado na cozinha agora (Socorro! Estou pensando).

De Los Gatos chega o telefonema de Cody que ele perdeu o emprego recapando pneus – “Foi porque a gente apareceu aí noite passada?” – “Não não uma coisa totalmente diferente, ele teve que cortar umas cabeças porque a hipoteca está consumindo ele e coisa e tal e uma garota está tentando processar ele por falsificar um cheque e coisa e tal, então cara eu tenho que achar outro emprego mas eu preciso pagar o aluguel e tá tudo fodido por aqui, Ah meu velho que tal, será que cê poderia, peço ou não peço, ou honestamente, Jack, ah, cê teria como me emprestar cem dólares?” – “Meu Deus Cody eu vou ir até aí e te DAR cem dólares” – “Cê tem certeza que cê quer fazer isso mesmo, escuta só me emprestar já tá legal mas se cê insiste hm” – (batendo os cílios ao telefone porque eu sei que é para valer) “seu manhoso, mas aí como é que cê vai vir até aqui e me dar o dinheiro filho e fazer o meu velho coração feliz” – “Eu vou pedir para o Dave me levar” – “Beleza eu vou pagar o aluguel na mesma hora e como hoje é sexta, ah, ou quinta ou sei lá, quinta, isso mesmo, ah eu não tenho que sair procurando outro emprego de segunda então cê pode ficar aqui para a gente passar um longo fim de semana de bobeira e conversando meu chapa que nem a gente costumava fazer, eu posso te destruir no xadrez ou a gente pode assistir uma partida de beisebol” e a meia-voz “e podemos dar um pulo na Cidade para ver a minha gata” – Então eu peço para Dave Wain e sim ele está pronto para ir quando eu quiser, ele só está me seguindo como eu mesmo

costumo seguir os outros, e então lá vamos nós outra vez. E no caminho a gente para para ver Monsanto na livraria e de repente surge a ideia de eu e Dave e Cody irmos juntos para a cabana passar um grande fim de semana tranquilo doido (como?) mas quando Monsanto ouve a ideia ele quer ir também, na verdade ele vai levar o amiguinho chinês dele Arthur Ma e a gente vai pegar McLearn em Santa Cruz e visitar Henry Miller e de repente começa mais uma farra das boas.

Então lá está o Willie esperando na rua, eu vou até a loja, compro a garrafa, Dave dá a volta no Willie, Ron Blake e agora Ben Fagan estão no colchão traseiro, eu estou sentado no assento de balanço na frente e agora bem no meio da tarde saímos mais uma vez a toda pela autoestrada de Bay Shore para ver o velho Cody e Monsanto está atrás da gente no jipe dele com Arthur Ma, dois jipes agora, e mais dois prestes a chegar como eu vou mostrar em seguida – Chegando à casa de Cody no meio da tarde, a casa dele já literalmente cheia de visitas (literatos locais de Los Gatos e todo tipo de gente o telefone tocando sem parar também) e Cody diz para Evelyn “Só vou passar uns dias com Jacke o pessoal como nos velhos tempos e procurar um trabalho na segunda” – “Aham” – Então nós todos vamos para uma pizzaria maravilhosa em Los Gatos onde as pizzas vêm com uma camada de três centímetros de cogumelos e carne e anchovas ou o que você quiser, eu troco um travelers check no supermercado, Cody pega os 100 dólares em dinheiro, dá para Evelyn no restaurante, e mais tarde naquele dia os dois jipes seguem viagem até Monterey e descem aquela maldita estrada que eu caminhei com bolhas nos pés para voltar até a terrível ponte do Raton Canyon – E eu achei que eu nunca ia ver o lugar outra vez. Mas agora eu estava voltando cheio de observadores. A visão do cânion lá embaixo enquanto a gente avançava pela estrada montanhosa me fez morder os lábios de encanto e tristeza.

TUDO É FAMILIAR COMO UM VELHO ROSTO NUMA FOTOGRAFIA ANTIGA como se fizesse um milhão de anos que eu deixei para trás aquele arbusto protegido do sol nas rochas e o azul implacável do mar quebrando branco na areia amarela, aqueles regatos de arroyo o amarelo descendo os poderosos ombros do penhasco, aqueles gramados azuis distantes, toda aquela pesada agitação gemebunda tão estranha de ver depois de passar os últimos dias olhando para o rosto e para a boca das pessoas – Como se a natureza tivesse um descomunal rosto leproso próprio com narinas amplas e enormes olheiras e uma boca grande o suficiente para engolir cinco mil jipes e dez mil Dave Wains e Cody Pomerays sem o menor suspiro de lembrança ou lamento – Lá estão os tristes contornos do meu vale, as falhas, o topo da montanha Mien Mo outra vez, os bosques sonhadores embaixo da altaestrada, de repente até a visão do pobre Alf outra vez lá longe pastando no meio da tarde perto da cerca do curral – E lá está o córrego saltitando em seu curso como se nada jamais tivesse ocorrido em outro lugar e mesmo à luz do dia parecendo um pouco escuro e faminto em meio à grama emaranhada.

Cody nunca viu esse lugar antes mesmo que agora ele seja um velho californiano, percebo que ele está impressionado e até feliz por ter saído em um passeio com a rapaziada e comigo ele está curtindo uma vista e tanto – De novo ele parece um garotinho pela primeira vez em muitos anos porque parece que ele saiu da escola, sem emprego, as contas pagas, nada a fazer senão me divertir por gratidão, os olhos dele brilhando – Na verdade desde que saiu de San Quentin ele está com uns ares meio assombrados de garoto como se os muros da prisão tivessem acabado com toda a tensão obscura da idade adulta – Na verdade todas as noites depois de jantar na cela que dividia com o atirador silencioso ele abaixava a cabeça séria para todos os dias ou ao menos um dia sim um dia não escrever uma carta cheia de devaneios religiosos e filosóficos para Billie a amante dele – E quando você está na cama na cadeia depois das luzes se apagarem e sem sono você tem muito tempo só para lembrar da doçura do mundo se for o caso (embora seja sempre doce lembrar enquanto aguarda o julgamento porém mais difícil depois da condenação, como Genet mostra) com o resultado de que ele não só se curou da amargura atroz (e claro é sempre bom ficar longe do álcool e do fumo em excesso por dois anos) (e todas aquelas noites de sono) ele parecia um garoto outra vez, mas como eu estou dizendo aquela garotice que eu acho que todos os ex-presidiários parecem ter logo depois de saírem – Na busca de penas severas a sociedade ao prender criminosos atrás de muros intransponíveis na verdade dá a eles um instrumento de força ainda maior para futuras atrocidades gloriosas e de outros tipos – “Putá que pariu” ele fica dizendo sem parar vendo as encostas e penhascos e trepadeiras e árvores mortas, “cê tá querendo dizer que passou três semanas sozinho aqui, ah, eu não teria coragem... deve ser horrível de noite... olha só aquele burro lá embaixo... cara, curte só as sequoias lá adiante... isso me lembra do velho Colorado na época que eu costumava roubar um carro por dia e dirigir até as montanhas assim com uma belezaza do ginásio” – “Nham-nham”, diz Dave Wain com ênfase marcada e do

volante nos lançando um grande olhar apatetado com aqueles grandes olhos febris brilhantes cheios de nham-nham e de num-nhum também – “Que que deu em vocês pra cês não terem planejado trazer umas colegiais com a gente pra animar as nossas conversas” diz Cody com uma voz muito relaxada e triste. Após de nós o jipe de Monsanto segue no encaço – Quando passamos por Monterey Monsanto já ligou para Pat McLearn, que está passando o verão com a esposa e a filha em Santa Cruz, McLearn nos segue por alguns quilômetros no jipe dele pela estrada – é um grande dia em Big Sur. Rodamos montanha abaixo para atravessar o córrego e na cerca do curral eu saio todo orgulhoso para abrir oficialmente o portão e dar passagem aos carros – Seguimos aos solavancos pela pista de dois sulcos que vai dar na cabana e no parque – Meu coração afunda ao ver a cabana.

Ver a cabana tão triste e quase humana esperando por mim como que para sempre, escutar o meu riachinho gorgolejante entoando uma canção só para mim, ver os mesmos gaios-azuis ainda me esperando na árvore e talvez bravos comigo agora que me veem de volta porque eu não estava lá para espalhar Cheerios no parapeito da varanda toda santa manhã – E de fato a primeira coisa que eu faço é entrar correndo e pegar um pouco de comida e espalhar para eles – Mas tantas pessoas por perto que agora eles têm medo de experimentar.

Monsanto todo elegante com suas roupas velhas e empolgado com o fim de semana regado a vinho e altas conversas na agradável cabana dele tira o grande doce machado dos pregos na parede e vai lá fora e começa a golpear um tronco enorme – A bem dizer é a metade de uma árvore que caiu anos atrás e de tempos em tempos recebeu golpes de machado mas agora ele está decidido ele vai rachar ela ao meio e depois em quatro para a gente poder desmanchar o miolo em achas enormes para a fogueira – Enquanto isso o pequeno Arthur Ma que nunca vai a parte alguma sem papel de desenho e canetas de feltro Yellowjack já está sentado na minha cadeira da varanda (agora também usando o meu chapéu) fazendo um de seus desenhos intermináveis, ele faz 25 num dia e 25 no outro dia também – Ele fala e segue desenhando – Ele tem canetas de feltro de todas as cores, vermelho, azul, amarelo, verde, preto, ele desenha glurbs subconscientes maravilhosos e também sabe fazer excelentes desenhos figurativos ou o que ele quiser até tiras – Dave está tirando a minha mochila e a mochila dele de dentro do Willie e atirando elas na cabana, Ben Fagan está zanzando perto do córrego pitando o cachimbo com o sorriso alegre de um bhikku, Ron Blake está desempacotando os bifés que compramos no caminho em Monterey e eu já estou abrindo as tampinhas das garrafas daquele jeito experiente que você só aprende com anos de bebedeiras de costa a costa.

Como sempre, a neblina sopra por cima dos paredões do cânion obscurecendo o sol mas o sol continua resistindo – O interior da cabana com o fogo enfim ardendo ainda é aquela adorável morada tão nítida em minhas lembranças agora que eu olho para ela quanto uma foto excepcionalmente bem-focada – O ramallete de samambaias ainda está num copo d’água, os livros estão lá, os mantimentos organizados nas estantes da parede – Sempre me empolgo de ficar com o pessoal mas também sinto uma tristeza secreta e que é expressa mais tarde por Monsanto quando ele diz “Esse é o tipo de lugar onde

“você deve ficar sozinho, sabe? Trazendo um grupo de pessoas aqui você meio que profana o lugar mas claro que não estou falando de nós nem de ninguém em especial? Aquelas árvores têm uma doçura triste como se a gente não devesse insultar elas com gritos ou nem mesmo conversas” – Que é bem o jeito que eu me sinto.

Em grupo nós todos percorremos o caminho em direção ao mar, passando por baixo “Daquela ponte fiada *puta*” Cody chama ela olhando aterrorizado para cima – “Aquela coisa assusta qualquer um” – Mas o pior de tudo para um motorista experiente como Cody, e Dave também, é ver o velho chassi de cabeça para baixo na areia, eles passam meia hora cutucando os destroços e balançando a cabeça – Damos umas voltas pela praia e decidimos voltar de noite com bebidas e lanternas e fazer uma enorme fogueira, agora é hora de voltar para a cabana e fazer aqueles bifes e botar para quebrar, e lá está o jipe de McLearn recém-chegado e estacionado e lá está o próprio McLearn e a linda esposa loira dele com um jeans azul apertado que faz com que Dave diga “Nham-nham” e Cody só diga “Só, é isso aí, só, é isso aí, ah, beleza, só.”

UMA BEBEDEIRA FURIOSA COMEÇA nas profundezas do cânion – O anoitecer enevoado faz o frio atravessar as janelas então todos aqueles fracotes exigem que a gente feche as janelas de madeira e assim ficamos lá sentados com um único lampião tossindo na fumaça mas eles não estão nem aí – Acham que é só a fumaça dos bifés assando – Eu estou com uma das garrafas na mão e não vou largar – McLearn é o jovem poeta bonito que acaba de escrever o poema mais incrível da América, chamado “Dark Brown”, que é cada detalhe do corpo dele e da esposa descrito numa união e numa comunhão extáticas e por dentro e por fora e por todos os lados e não é só isso ele também insiste em ler para a gente – Mas eu também quero ler o meu poema “Mar” – Mas Cody e Dave Wain estão falando alguma outra coisa e aquele abobado do Ron Blake está cantando como Chet Baker – Arthur Ma está desenhando no canto, e no geral a coisa segue assim: –

“É isso que os velhos fazem, Cody, eles dão ré bem devagar nos estacionamento do Safeway Supermarket” – “Só é isso aí, eu tava te contando daquela minha bicicleta mas é isso aí que eles fazem saca porque enquanto as velhas estão fazendo as compras na loja eles pensam em estacionar um pouquinho mais perto da entrada e aí levam meia hora planejando a grande manobra e saem devagarinho da vaga, mal conseguem se virar pra ver o que tem atrás, em geral nada, então eles dirigem devagar mesmo e tremendo até o lugar que escolheram mas de repente um cara se atravessa na frente com uma picafe e os velhos eles ficam lá coçando a cabeça falando e resmungando ‘Ahhh, essa juventude de hoje’ e tudo isso é óbvio, mas, ah, só, mas aquela minha BICICLETA em Denver escuta só ela tava torta e a roda toda bamba então eu precisei inventar um novo jeito de mexer no guidom saca –” – “Opa Cody bebe alguma coisa”, estou berrando no ouvido dele e enquanto isso McLearn está lendo: “Beije as minhas coxas no escuro o fosso das chamas” e Monsanto está contendo o riso ao dizer para Fagan: “Então essa figura bizarra desceu as escadas e pedindo um exemplar do Aleister Crowley e eu não sabia nada a respeito disso antes de você me contar aquele outro dia, então na saída eu vi ele puxar um livro da prateleira mas no lugar ele colocou um outro que ele tirou do bolso, e o livro é um romance de um cara chamado Denton Welch todo sobre um garoto na China vagando pelas ruas que nem o Truman Capote jovem romântico só que na China” e Arthur Ma de repente berra: “Parem quieto seus idiotas, eu tô com um furo no olho” e no mais uma festa como todas as outras, e assim por diante, acabando com os bifés para o jantar (eu nem ao menos provo mas só continuo bebendo), então a grande fogueira na praia que a gente vai marchando até lá de braços dados todos juntos, na minha cabeça eu tenho a ideia de que sou o líder de um grupo guerrilheiro e estou marchando à frente o tenente dando ordens, com todas as nossas lanternas e gritos e descendo pelo caminho estreito fazendo “Um dois três quatro” e desafiando o inimigo a sair do esconderijo, alguns guerrilheiros. Monsanto o velho bosquimano acende uma enorme fogueira na praia que pode ser vista a quilômetros de distância, carros atravessando a ponte lá em cima podem ver que tem uma festa rolando no buraco da noite, na verdade a

fogueira ilumina os sinistros pilares e vigas da ponte até quase lá em cima, sombras gigantes dançam na rocha – O mar se encapela mas parece mais calmo – Não é como estar sozinho naquele inferno imenso escrevendo os sons do mar.

A noite acaba com todo mundo desmaiando exausto nas camas dobráveis, nos sacos de dormir ao relento (McLear vai para casa com a esposa) mas eu e Arthur Ma ficamos ao redor da fogueira berrando perguntas e respostas espontâneas até de manhã como “Quem disse que você tava com um chapéu na cabeça?” – “A minha cabeça nunca questiona chapéus” – “Qual é o problema com o teu treinamento hepático?” – “Meu treinamento hepático se envolveu com os rins” – (e aqui outra vez mais um grande gigantesco amiguinho oriental para mim, um carinha da costa leste que nunca conheceu garotos chineses ou japoneses, na costa oeste é bem comum mas para alguém da costa leste como eu é incrível e o que dizer dos meus antigos estudos no Zen e no Chan e no Tao) – (E Arthur também um pequeno louconik gentil doce de cabelo macio e aparentemente oriental) – E entoamos frases grandiosas, um de cada vez, sem parar para pensar, é um e logo depois o outro, bing e bang, a beleza dos cânticos é que enquanto um está berrando (eu): “Hoje toda a lua do apogeu de agosto quer brilhar, a Terra com um aspecto de icterícia, e lá vêm os anjos por cima do meu telhado com os Devas espalhando flores” (a regra é dizer o que vier à cabeça) o outro tem tempo não só de pensar na frase seguinte mas também pode partir da excitação subconsciente de “anjos por cima do meu telhado” e então berrar uma resposta sem pensar quanto mais insana mais besta mais brilhante melhor “Peregrinos cagando e doces trens nemaculares sem nome do céu com jovens onipotentes trazendo mulheres-macaco que vão bater os pés de um lado a outro do palco esperando o momento em que eu vou me beliscar pra provar que um pensamento é como um toque” – Mas isso é só o começo porque agora conhecemos o processo e ficamos cada vez mais afiados até que pela manhã eu acho que lembro que estávamos de tal modo iluminados (enquanto todo mundo roncava) que os céus devem ter estremecido ao nos escutar e não só por causa das aparências: vejamos se consigo recriar pelo menos o estilo desse jogo:

ARTHUR: “Quando você vai virar o Oitavo Patriarca?”

EU: “Assim que você me der aquele velho blusão comido pelas traças”
(Mas muito melhor, esqueça disso por enquanto, porque antes eu quero falar de Arthur Ma e tentar reproduzir nossa proeza outra vez).

COMO EU DISSE MEU PRIMEIRO AMIGUINHO CHINÊS, eu fico dizendo “pequeno” George e “pequeno” Arthur mas a verdade é que eles eram pequenos mesmo – Embora George falasse devagar e fosse um pouco desligado de tudo que nem um Mestre Zen de verdade que percebe que afinal tudo é indiferente, Arthur era mais amigável, mais caloroso por assim dizer, curioso e não parava de fazer perguntas, mais ativo que George com seus eternos desenhos, e claro chinês em vez de japonês – Ele queria que eu conhecesse o pai dele nas semanas seguintes – Arthur era o melhor amigo de Monsanto na época e eles faziam uma dupla muito esquisita andando juntos na rua, o homenzarrão feliz corado com o cabelo escovinha e jaqueta de cotelê e às vezes cachimbo na boca, e o pequeno garotinho chinês de aspecto infantil que parecia tão jovem que a maioria dos bartenders se recusava a servir bebidas para ele mesmo que ele tivesse quase 30 anos – Mesmo assim filho de uma família famosa de Chinatown e Chinatown fica logo atrás das lendárias ruas beatnik de Frisco – Arthur também era um grande garanhão com uma fila de garotas lindíssimas para ele e no entanto tinha acabado de se separar da esposa, uma garota que eu nunca vi mas que Monsanto me disse que ela era a negra mais linda do mundo – Arthur vinha de uma família grande mas como pintor e boêmio a família dele desaprovava essas coisas então ele morava sozinho num velho hotel confortável em North Beach mas às vezes dava um pulo até Chinatown para visitar o pai que ficava sentado nos fundos do mercadinho chinês dele pensativo em meio aos inúmeros poemas escritos com traços chineses em pedaços de um lindo papel colorido que depois ele pendurava no teto daquele pequeno cubículo – Ele estava lá sentado, limpo, bem-arrumado, quase resplendente, pensando sobre que poema escrever a seguir mas os olhinhos atentos dele não paravam de olhar para a porta da rua para ver quem estava passando e se alguém entrasse na loja ele sabia no mesmo instante quem era e o que queria – Na verdade ele era o melhor amigo e o conselheiro de confiança de Chiang Kai-Shek na América, no duro e sem mentira – Mas o próprio Arthur era a favor dos chineses vermelhos o que era um assunto de família e um assunto chinês que eu não tinha nada a dizer a respeito e não me interessava a não ser porque me oferecia um retrato do pai e do filho em uma cultura antiga – Mas o mais importante de qualquer jeito era que ele estava andando comigo que nem George e me deixava feliz mais ou menos como George tinha feito – Um sentimento de familiaridade antiga em relação à leal presença dele me levou a pensar se alguma vez eu teria vivido uma outra vida na China ou se ele teria sido um ocidental em alguma vida passada e se envolvido com a minha vida em algum lugar que não a China – O mais triste de tudo é que eu não tenho nenhum registro do que a gente estava gritando e anunciando de um lado para o outro enquanto os pássaros acordavam lá fora mas a coisa no geral seguiu assim: –

EU: – “A não ser que alguém vomite um ferro quente no meu coração ou amontoe Carma Negativo que nem olho por olho numa pilha e tire a minha mãe da cama pra matar ela diante dos meus malditos olhos humanos –”

ARTHUR: – “E eu quebre a minha mão nas cabeças –”

EU: – “Toda vez que você atira uma pedra num gato da sua casa de vidro

you invoke for you yourself the automatic winter of Stanley Gould the black man of death after death, and each time more old –”

ARTHUR: – “Because dear those things will bite your ribs and stay cold too –”

EU: – “E o teu filho nunca vai descansar no conhecimento imperturbável de que o que ele pensa ele pensa assim como o que ele faz ele pensa assim como o que ele sente ele pensa assim como o futuro que –”

ARTHUR: – “O futuro que a minha velha guilhotina Paisan Paxá perdeu a Afiação outra vez –”

EU: – “Essa noite a lua vai testemunhar anjos se aquartelando na janela do bebê onde lá dentro ele gargareja o vômito olhando com olhos plangentes em busca da cascata da bebencosta da cachoeira da encosta do cordeiro no dia que o pastorzinho árabe abraçou o cordeirinho junto do peito enquanto a mãe bafia aos pés dele –”

ARTHUR: – “E aí Joe o estupidik não mátele não –”

EU: – “Shhhhoww graaa –”

ARTHUR: – “Vento e ignição –”

EU: – “Os anjos Devas monstros Asuras Devadattas Vedantas MagLaughlins Stones vão surgir e se insurgir no inferno se não amarem o cordeiro o cordeiro o cordeiro da costela de cordeiro do inferno –”

ARTHUR: – “Por que Scott Fitzgerald tinha um caderno?”

EU: – “Um caderno tão maravilhoso –”

ARTHUR: – “Komi denera ness pata suty amp anda wanda vesnoki shadakiroo paryoumenga sikarem nora sarkadium baron roy kellegiam myorki ayastuna haidanseetzel ampho andiam yerka yama chelmsford alya bonneavance koroom cemandá versel –”

EU: – “O 26o concerto anual da Convenção Armênia?”

A PROPÓSITO EU ESQUECI DE DIZER QUE DURANTE AS TRÊS SEMANAS SOZINHO as estrelas não apareceram, nem mesmo por um instante em nenhuma noite, era a estação das brumas, exceto na última noite quando eu estava me apressando para ir embora – Agora as estrelas apareciam toda noite, o sol brilhava por consideravelmente mais tempo mas um vento sinistro acompanhava o outono em Big Sur: parecia que todo o Oceano Pacífico estava soprando com toda a força direto para dentro do Raton Canyon e também pela grande falha do outro lado fazendo com que todas as árvores estremecessem enquanto o grande vento uivante vinha trazendo notícias e barulhos lá de baixo do cânion, quando ele chegava lá em cima fazia um ruído barulhento que eu não gostava – Parecia trazer maus agouros de algum lugar – Era muito melhor ter neblina e quietude e árvores silenciosas – Agora todo o cânion com uma rajada podia ser levado a gritar e a ondular em todas as direções numa massa tão confusa que o pessoal até ficou um pouco surpreso de presenciá-lo – Era um vento grande demais para um cânion tão pequeno. Esse desdobramento também me impedia de ouvir o murmúrio reconfortante do córrego consolador.

Uma coisa boa foi que quando os aviões quebravam a barreira do som acima de nossas cabeças o vento dispersava o estrondo do trovão vazio que eles criavam, porque durante a estação das brumas o barulho descia até o cânion, se concentrava lá e sacudia a casa como uma explosão que na primeira vez (sozinho) me fez pensar que alguém tinha explodido dinamite nas proximidades.

Enquanto eu acordava gemendo e enjoado tinha um monte de vinho bem do meu lado pronto para curar a ressaca, então beleza, mas Monsanto tinha se recolhido cedo e com uma típica ideia sensata foi dormir ao lado do córrego e agora ele estava acordado cantando mergulhando a cabeça inteira no córrego e fazendo Brrrrr e esfregando as mãos para começar mais um dia – Dave Wain preparou o café da manhã com o típico sermão “O jeito ideal de fritar os ovos é pôr uma tampa em cima para eles ficarem com aquele visual cozido em cima das gemas, assim que eu preparar essa massa de panqueca vamos passar aos ovos” – Minha lista de mantimentos inicial foi tão abrangente que agora ela estava alimentando um bando de guerrilheiros.

Um grande concurso de rachar lenha começou depois do café, alguns de nós sentados olhando na varanda e os participantes lá embaixo desferindo golpes no tronco da árvore que tinha mais de trinta centímetros de grossura – Eles estavam cortando achas de uns sessenta centímetros, não é mole – Percebi que você sempre pode estudar o caráter de um homem pelo jeito que ele racha lenha – Monsanto um velho lenhador do Maine como eu estou dizendo na verdade ele nos mostrou como organizava toda a vida dele com o jeito que dava machadadas curtas precisas em ângulos retos e tortos acabando o serviço num tempo razoavelmente curto sem suar demais – mas os golpes eram ágeis – Enquanto o velho Fagan de cachimbo na boca golpeava eu acho do jeito que ele aprendeu no Oregon e nas escolas de bombeiros do Noroeste, terminando o serviço em silêncio, sem uma palavra – Mas o fantástico caráter indomável de Cody aparecia no modo como ele golpeava o tronco com uma força terrível, quando

ele fazia o machado descer com toda a força e segurava ele à maior distância possível no fim você escutava o tronco inteiro gemendo por dentro no sentido do comprimento, runk às vezes você escutava um estalo assim ao comprido, ele é muito forte mesmo e fazia aquele machado descer com tanta força que os pés deles saíam do chão quando o golpe acertava – Ele rachou a acha dele com a fúria de um deus grego – Mesmo assim levou muito mais tempo e suou muito mais que Monsanto – “Eu fiz esse trabalho quanto tava preso no sul do Arizona” disse ele, dando mais um machadado que fez o tronco inteiro saltar do chão – Mas aquilo era um exemplo de força enorme mas sem sentido, um retrato da vida do pobre Cody e de certa forma da minha vida também – Eu também golpееi com toda a minha força e fiquei cada vez mais alucinado e fui cada vez mais rápido e cortei o tronco mas levei mais tempo que Monsanto que ficou olhando com um sorriso no rosto – Quanto então foi a vez do pequeno Arthur mas ele desistiu depois de cinco golpes – O machado parecia querer arrastar ele – Então Dave Wain demonstrou com grandes machadadas habilidosas e em dois tempos tínhamos cinco achas enormes para usar – Mas agora era hora de entrar nos carros (McLear tinha voltado) e ir em direção ao Sul pela autoestrada costeira até umas termas por lá, o que a princípio me pareceu uma boa ideia.

Porém o novo outono de Big Sur agora tinha uma cor azul-efervescente que fazia todo o terror e a enormidade da costa parecerem ainda mais claros de ver em todo aquele terrível esplendor, quilômetros e quilômetros serpenteando em direção ao Sul, os nossos três jipes guinando e virando nas curvas cada vez mais frequentes, penhascos logo ao lado, outras pontes altas fantasmagóricas a cruzar com destroços lá embaixo – Mas os rapazes não param de fazer uau – Para mim é só um hospício inóspito da Terra, eu já vi o suficiente e até engoli um pouco dele com o meu fôlego profundo – Os rapazes garantem que um banho nas termas vai me fazer bem (eles notam que estou de mau humor agora de ressaca para valer) mas quando a gente chega o meu coração afunda outra vez quando na sacada das piscinas externas McLear aponta em direção ao mar: “Vejam só ali nas algas, tem uma lontra morta flutuando!” – E sem dúvida eu acho que é uma lontra morta, um grande volume marrom pálido balançando triste com a ondulação das águas e das algas fantasmagóricas, minha lontra, minha querida lontra que eu tinha escrito poemas a respeito – “Por que ela morreu?” Pergunto a mim mesmo em desespero – “Pra que fizeram uma coisa dessas?” – “Qual o sentido de tudo isso?” – Todos os rapazes estão com a mão espalmada acima dos olhos para ver melhor o corpanzil tranquilo atormentado da lontra como se fosse algo de interesse passageiro enquanto para mim é um golpe que atravessa os olhos e afunda o coração – As piscinas de água quente soltam vapor, Fagan e Monsanto e os outros estão todos sentados tranquilos com água até o pescoço, estão todos pelados, mas também tem uma turma de bichonas lá pelados e espalhados pelas termas em várias poses que me fizeram hesitar antes de tirar a roupa só por uma questão de princípios – Na verdade Cody não se importa em fazer nada mas se deita de roupa e tudo no sol, na mesa da sacada, e fica lá fumando – Mas eu pego emprestado o calção amarelo de McLear e entro – “Pra que você tá usando calção aqui nas termas, garoto?” diz Fagan segurando uma risada – Horrorizado eu percebo espermatozoides flutuando na água quente –

Olho e vejo os outros homens (os veados) todos dando uma boa conferida em Ron Baker que está de frente para o mar com a bunda à vista de todos, para não falar de McLearn e também de Dave Wain – Mas é muito algo muito típico meu e de Cody que a gente não tire a roupa numa situação assim (porque nós dois recebemos uma educação católica?) – Supostamente os dois ganhões da nossa época, na verdade – É o que você poderia pensar – Mas a estranha combinação dos veados olhando em silêncio, e da lontra morta na água, e dos espermatozoides nas piscinas me embrulha o estômago, para não dizer que quando alguém me diz que o dono das termas é o jovem escritor Kevin Cudahy que eu conheci muito bem em Nova Yorke eu pergunto a um dos rapazes desconhecidos onde está Kevin Cudahy ele nem se digna a responder – Achando que ele não me escutou eu pergunto outra vez, sem resposta, nada, pergunto uma terceira vez, agora ele se levanta e vai indignado até o vestiário – No fim tudo é uma grande confusão que começa a se empilhar no meu cérebro beberrão surrado, os lembretes constantes da morte dentre as quais não passou batida a morte do meu amor pelo Raton Canyon agora de repente se transformando em horror.

Das termas vamos ao Nepenthe que é um belo restaurante no alto de um penhasco com um enorme pátio externo, comida excelente, garçons e atendimento excelentes, boas bebidas, tabuleiros de xadrez, cadeiras e mesas só para sentar ao sol e olhar para a grandiosa costa – Estamos aqui sentados em várias mesas e Cody começa a jogar xadrez com todo mundo que está a fim enquanto devora aqueles hambúrgueres maravilhosos chamados Heavenburgers (enormes com tudo o que tem direito) – Cody não gosta de só ficar sentado tendo uma conversa tranquila, ele é o tipo de cara que se ele vai falar ele tem que falar tudo sozinho por horas até que tudo seja explicado até o último detalhe, senão ele só quer se debruçar por cima de um tabuleiro de xadrez e dizer “Hehehe, o velho Tio Patinhas quer economizar um peão, é? Ah! Te peguei!” – Mas enquanto eu fico lá sentado discutindo literatura com McLearn e Monsanto de repente uma estranha dupla de cavalheiros encontra algum conhecido – Um deles é um garoto que se diz tenente do Exército – Na mesma hora (já bêbado no quinto Manhattan) eu começo a discutir a minha teoria do bem-estar na guerrilha baseado nas observações da noite anterior quando me ocorreu a sério que se Monsanto, Arthur, Cody, Dave, Ben, Ron Blake e eu fôssemos integrantes de uma unidade de combate (e todos levando cantis de birita no cinto) seria muito difícil o inimigo nos ferir porque, como os amigos que somos, a gente estaria sempre vigiando uns aos outros com uma atenção tão desesperada, o que eu digo ao primeiro-tenente, que chama a atenção do outro homem que admite ser um GENERAL do Exército – Tem também uns outros homossexuais numa mesa separada o que leva Dave Wain a levantar os olhos do jogo de xadrez num ponto meio sonolento da partida e anunciar com a voz seca anasalada dele “Sob vigas de sequoia, gente falando de homossexualismo e guerra... esse é o meu Haicai do Nepenthe” – “Sssó” diz Cody dando o cheque-mate “faz um haicai sobre *isso aqui* meu garoto e se cê tentar fugir eu te pego com a minha rainha, ah!”

Menciono o general só porque também tem algo de sinistro em relação ao fato de que durante essa longa bebedeira eu encontrei ele e um *outro* general,

dois estranhos gerais, e eu nunca tinha encontrado nenhum general em toda a minha vida – O primeiro general era estranho porque ele parecia educado demais só que tinha algo de sinistro no olhar impassível dele por trás dos óculos escuros idiotas – Algo de sinistro também no primeiro-tenente que adivinhou quem a gente era (os poetas de São Francisco, vários deles na verdade) e não pareceu gostar nem um pouco embora o general parecesse que estava se divertindo – Mesmo assim de um jeito sinistro o general pareceu se interessar pela minha teoria sobre unidades de amigos para a guerrilha e quando o presidente Kennedy um ano mais tarde adotou um novo esquema bem assim para as nossas forças armadas eu fiquei pensando (ainda louco na época mas por outras razões) se o general tinha roubado a minha ideia – O segundo general, ainda mais estranho, em breve, apareceu quando eu estava ainda mais louco.

Manhattans e mais Manhattans e depois quando finalmente voltamos para a cabana no fim da tarde eu estava me sentindo bem mas percebi que eu estaria acabado amanhã – Mas o pobre Ron Blake perguntou se ele poderia ficar comigo na cabana, todos os outros estavam voltando para a cidade nos três carros, eu não consegui pensar em nenhum jeito de recusar o pedido dele sem magoar então eu disse que sim – Então quando todos eles tinham ido embora de repente eu fiquei sozinho com esse garoto beatnik cantando para mim e tudo o que eu quero é dormir – Mas eu preciso fazer do limão uma limonada e não desapontar o coração esperançoso dele.

Porque afinal de contas o pobre garoto acredita mesmo que existe algo de nobre e idealista e gentil nessa parada beat, e os jornais dizem que eu sou o Rei dos Beatniks, então mas ao mesmo tempo eu estou doente e cansado de todo o eterno entusiasmo dos jovens que tentam me conhecer e despejam toda a vida deles dentro de mim para que eu fique pulando para cima e para baixo e dizendo só só é isso aí, o que eu não consigo mais fazer – O motivo que me trouxe a Big Sur no verão foi justamente fugir dessas coisas – Como aqueles cinco jovens patéticos do ginásio que foram juntos até a porta da minha casa em Long Island uma noite usando jaquetas que diziam “Vagabundos Iluminados”, todos esperando que eu tivesse 25 anos conforme o erro na sobrecapa do livro e aqui estou eu velho o bastante para ser pai deles – Mas não, Ron, o hipster cheio de groove quer curtir tudo, ir à praia, correr aprontar e cantar, conversar, escrever músicas, escrever histórias, escalar montanhas, fazer caminhadas, ver tudo, fazer tudo com todo mundo – Mas com a última garrafa de vinho do porto na mão eu aceito ir com ele até a praia.

Descemos o velho caminho triste do bhikku e de repente eu vejo um rato morto na grama – “Um pequerrucho ratinho morto” digo com uma brilhante inspiração poética mas de repente eu percebo e lembro pela primeira vez que eu deixei a tampa do veneno de rato na estante de Monsanto aberta e então esse é o *meu rato* – Que agora está morto – Como a lontra no mar – Meu próprio rato pessoal intransferível que eu dei chocolate e queijo com o maior cuidado para ele durante todo o verão só que mais uma vez eu sabotei de forma inconsciente todos os meus planos grandiosos de ser generoso com todos os seres vivos e até insetos, mais uma vez assassinei um rato de um jeito ou de outro – E além do mais quando chegamos até o lugar onde a cobra-da-sede em geral toma sol, e eu

chamo a atenção de Ron para ela, de repente ele grita “CUIDADO! Você não sabe que tipo de cobra é essa!” o que me deixa assustado de verdade, meu coração palpita com o horror – Minha amiguinha cobra-da-sede portanto deixa de ser na minha cabeça um ser vivo com um longo corpo verde e se transforma na serpente maligna de Big Sur. Como se não bastasse, na beira do mar, onde longas faixas de algas marinhas ocas estão sempre secando ao sol algumas delas imensas, que nem corpos vivos com pele, pedaços de matéria viva que de alguma forma sempre me deixavam triste, aqui está o jovem hipster levantando elas e dançando com elas um dervixe praia afora, transformando meu Sur em maritimudança – em mudancerebral.

Aquela noite inteira à luz do lampião nós cantamos e berramos canções beleza mas pela manhã a garrafa acabou e eu acordo nos “horrores finais” outra vez, exatamente como eu acordei naquele apartamento no skid row de Frisco antes de fugir para cá, tudo está voltando, mais uma vez me ouço gemendo “Por que Deus me tortura?” – Mas alguém que não tenha sofrido com delirium tremens ao menos nos primeiros estágios não é capaz de entender que não é tanto uma dor física mas uma angústia mental impossível de descrever aos ignorantes que não bebem e chamam quem bebe de irresponsável – A angústia mental é tão intensa que você sente que traiu o seu próprio nascimento, os esforços não as dores do parto da sua mãe quando ela deu à luz a você e entregou você ao mundo, você traiu todos os esforços que o seu pai fez ao longo de toda a vida para alimentar você e educar você e fazer de você um homem forte e meu Deus até educar você para a “vida”, você sente uma culpa tão profunda que você se identifica com o diabo e Deus parece estar longe abandonando você à sua estupidez doentia – Você se sente doente na acepção mais ampla da palavra, *respirando sem acreditar*, doentedoentedoente, a sua alma geme, você olha para as suas mãos inúteis como se elas estivessem em chamas e não consegue se mexer, você olha para o mundo com os olhos mortos, no seu rosto está uma expressão de dor incalculável como um anjo constipado em uma nuvem – Na verdade é um olhar canceroso que você lança em direção ao mundo, através da lâ marrom-acinzentada que cobre os seus olhos – A sua língua está branca e nojenta, os seus dentes estão manchados, o seu cabelo parece ter virado uma palha de um dia para o outro, você tem remelas enormes no canto dos olhos, meleca no nariz, baba nos cantos da boca: em suma aquele horror muito conhecido e asqueroso que todo mundo que já cruzou com um bêbado de rua nas Boweries mundo afora conhece – Mas não tem alegria nenhuma, as pessoas dizem “Ah ele está bêbado e feliz deixe ele dormir para melhorar” – O desgraçado está *chorando* – Chorando pelo pai e pela mãe e pelo grande irmão e pelo grande amigo, chorando para pedir ajuda – Ele tenta se recompor trazendo um sapato para junto do pé e nem isso ele consegue fazer direito, ele vai deixar cair o sapato, ou derrubar alguma outra coisa, invariavelmente ele vai fazer alguma coisa que vai provocar o choro outra vez – Vai enterrar o rosto nas mãos e gemer implorando por compaixão mas ele sabe que não vai receber nenhuma – Não só porque ele não merece mas porque a compaixão nem ao menos existe – Porque ele olha para o céu azul e não tem nada lá em cima além do espaço

azul fazendo uma enorme careta – Ele olha para o mundo, o mundo está mostrando a língua e depois que essa máscara cai o mundo fica olhando para ele com enormes olhos vazios injetados de sangue como os próprios olhos dele – Ele pode até ver a Terra se mover mas isso não tem nenhum significado especial – Qualquer barulhinho repentino vindo de trás faz ele rsnar de raiva – Ele puxa e tenta arrancar a camisa manchada – Com vontade de esfregar a cara em alguma coisa que não esteja.

As meias dele estão grossas de uma gosma úmida – A barba no rosto faz coçar o suor que escorre e incomoda a boca atormentada – Um sentimento distorcido de não mais, nunca mais, agh – O que ontem era belo e puro se transformou por motivos irracionais e inexplicáveis em um lúgubre tonel de merda – Os pelos em seus dedos o observam como os pelos da sepultura – A camisa e as calças se grudam à sua pessoa como se ele fosse estar bêbado para sempre – A dor do arrependimento penetra como se alguém estivesse empurrando ela de cima – A belas nuvens brancas no céu só agridem os olhos – A única coisa a fazer é se virar com o rosto para baixo e chorar – A boca tão desfigurada que não há sequer como o ranger os dentes – Não há sequer força suficiente para arrancar os cabelos.

E lá vem Ron Blake começando um novo dia cantando a plenos pulmões – Eu deço até o córrego e me atiro na areia e me deito olhando com olhos tristes para a água que não é mais minha amiga mas meio que quer que eu vá embora – Não tem mais uma gota para beber na cabana, todos os malditos jipes foram embora com a saudável carga de pessoas e eu estou aqui sozinho com um garoto empolgado atrás de diversão – Os insetinhos eu salvei de se afogarem só porque eu estava distraído e sozinho e alegre, igual agora eles se afogam sem que eu perceba longe de mim – A aranha ainda está cuidando de sua vida na latrina – Alf zurra triste no vale longínquo para expressar exatamente como eu me sinto – Os gaios-azuis ficam de papo ao meu redor como se por eu estar tão cansado e inútil para dar comida a eles eles estivessem cogitando a ideia de me experimentar, “São só uns abutres de merda” gemo com a boca na areia – O gorgolejo tumptump outrora tão agradável é agora um balbucio da natureza cega que para começar não entende nada de nada – Os meus antigos pensamentos sobre a poeira de um bilhão de anos cobrindo tudo isso e todas as cidades e por fim gerações é só um velho pensamento idiota, “Só um imbecil sóbrio pensaria uma coisa dessas, imagina ficar meditando sobre essa estupidez” – Mas nessas condições você só consegue dizer “A sabedoria é só um outro jeito de fazer com que as pessoas adoçam” – “Eu tô DOENTE” eu berro com vontade para as árvores, para o bosque ao redor, para as montanhas lá em cima, olhando em volta desesperado, ninguém dá a mínima – Consigo até escutar as cantorias de Ron enquanto ele almoça na cabana.

O que é ainda mais horrível ele tenta demonstrar arrependimento e quer me ajudar, “O que eu puder fazer” – Depois ele sai num passeio solitário então eu entro na cabine e me deito na cama dobrável e passo duas horas gemendo um lamento: *“O mon Dieux, pourquoi Tu m'laisse faire malade comme ça – Papa Papa aide mué – Aw j'ai mal au coeur – J'envie d'aller à toilette 'pi ça m'interesse pas – Aw 'shu malade – Owaowaowao –”* (faço um longo

“awaowaowoa” que eu acho que dura um minuto inteiro) – Me reviro e descubro novos motivos para gemer – Sinto que estou sozinho e estou pondo tudo para fora como eu escutei meu pai fazer quando ele estava morrendo de câncer à noite na cama ao lado da minha – Quando eu consigo ficar em pé e me escoro na porta eu percebo com horror dobrado e redobrado que Ron Blake esteve sentado todo esse tempo ao meu lado escutando tudo enquanto lia – (Fico imaginando o que ele falou de mim mais tarde, deve ter soado horrível) – (E também idiota, até mesmo cretino, talvez apenas franco-canadense quem sabe?) – “Ron desculpa por fazer você ouvir tudo isso, eu tô doente” – “Eu sei, cara, tudo bem, te deita e tenta dormir” – “Eu não consigo dormir!” berrei com raiva – Tenho vontade de dizer “Vai te foder seu idiota de merda você não tem ideia do que eu tô passando!” mas então percebo o quão senil nojento e inútil é isso tudo, e aqui está ele aproveitando um fim de semana sensacional com o grande escritor que ele ia contar para todos os amigos a curtição que tinha sido e o que eu fiz e o que eu disse – Mas porventura e por acaso ele pode ter aprendido uma lição de temperança, ou melhor uma lição de beatnice – Porque a única vez que eu estive mais doente e mais louco foi uma semana depois quando eu e Dave voltamos com duas garotas chegando então à terrível noite derradeira.

MAS VEJA SÓ: à tarde o incansável jovem Ron quer dar um passeio a Monterey para ver McLearn e eu digo “Beleza vai em frente” – “Você não vem comigo?” ele pergunta surpreso ao ver o que o rei dos estradeiros não quer nem dar um passeio, “Não eu vou ficar aqui e melhorar – Eu preciso ficar sozinho”, o que é verdade, porque assim depois ele sai e solta um grito final lá da estrada do cânion diretamente acima da minha cabeça e segue adiante, e eu sento sozinho na varanda, finalmente dou comida para os passarinhos outra vez, lavo as meias e a camisa e as calças e penduro tudo nos arbustos secos, entorno toneladas de água de joelhos no regato, observo as árvores em silêncio, assim que o sol se põe eu juro pelo meu braço que estou melhor do que jamais estive: assim de repente.

“Será que Ron e todos os outros, Dave e McLearn ou alguém mais, os outros caras são todos um bando de bruxos e estão querendo me ver louco?” Penso a sério a respeito disso – Lembrando aquele devaneio de infância que eu sempre tinha, que eu costumava meditar cheio de seriedade enquanto voltava da St. Joseph’s Parochial School ou me sentava na sala de estar lá de casa, que todas as pessoas no mundo estão tirando sarro de mim e eu não percebo porque eles disfarçam com expressões normais, mas assim que eu olho outra vez eles correm até a minha nuca e todos ficam lá cochichando e tramando maldades, em segredo, você não consegue ouvir nada, e quando eu me viro depressa para pegar eles no flagra já estão todos perfeitamente de volta a seus lugares e dizendo “O jeito certo de cozinhar ovos é assim” ou cantando músicas de Chet Baker olhando para o outro lado ou eles estão dizendo “Já te contei a história do Jim naquela vez?” – Mas o meu devaneio de infância também incluía o fato de que todas as pessoas do mundo estavam tirando sarro de mim porque eram todas integrantes de uma sociedade secreta ou sociedade celestial que conhecia os segredos do mundo e estavam me fazendo de otário para que eu acordasse e visse a luz (ou seja, me transformasse em uma pessoa iluminada) – Assim eu, “Ti Jean”, era o ÚLTIMO Ti Jean restante no mundo, o último bobo sagrado, as pessoas em torno do meu pescoço eram os demônios da Terra entre os quais Deus havia me jogado, um bebê-anjo, como se eu fosse o último Jesus na verdade! E todas essas pessoas estavam esperando que eu me desse conta e acordasse e flagrasse elas me espiando para então a gente rir todos juntos no Céu de repente – Mas os animais não estavam fazendo nada disso pelas minhas costas, meus gatos sempre foram bibelôs tristes lambendo as patas, e Jesus, ele era uma triste testemunha disso tudo, de alguma forma ele gostava de animais – Ele não ficava olhando para o meu pescoço – Essa é a base da minha crença em Jesus – Então na verdade a única realidade do mundo era Jesus e os cordeiros (e animais) e o meu irmão Gerard que me instruiu – Enquanto isso alguns dos xeretas pareciam bondosos e tristes, como o meu pai, mas eles tinham que entrar com todo mundo no mesmo barco – Mas o meu despertar chegaria um dia e então tudo iria desaparecer menos o Céu, que é Deus – E foi por isso que mais tarde na vida depois desses devaneios de infância que você tem que admitir são um tanto estranhos, depois que eu tive aquela visão difusa da Eternidade Dourada e de outros devaneios antes e depois dela entre eles Samadhis em meditações

budistas nos bosques, passei a me considerar um anjo solitário especial enviado como mensageiro do Céu para dizer para todo mundo ou mostrar para todo mundo através do exemplo que aquela sociedade espiona era na verdade a Sociedade Satânica e que todos eles estavam no mau caminho.

Com tudo isso na minha bagagem, agora à beira do desastre anímico na idade adulta, graças à bebida em excesso, tudo foi convertido sem grandes dificuldades em uma fantasia de que todas as pessoas do mundo estão me enfeitando para me ver louco: e em meu subconsciente eu devo ter acreditado nisso porque como estou dizendo assim que Ron Blake se afastou eu voltei a ficar bem e na verdade contente. Na verdade muito contente – Eu me levantei na manhã seguinte com mais alegria e saúde e propósito do que nunca, e lá estava o velho Big Sur Valley todo meu outra vez, logo o bom e velho Alf apareceu e eu deu comida para ele e dei tapinhas em seu grande pescoço rústico com crinas de cocote, a montanha de Mien Mo apareceu no horizonte só uma velha montanha desolada com arbustos esquisitos nos lados e uma fazenda tranquila no cume, e nada a fazer o dia inteiro a não ser me divertir sem que bruxos nem o álcool me atrapalhassem – E mais uma vez estou cantando canções “Minha alma não é neve, você não se atreve, o que a alma escreve, é um lance breve” e bobagens do tipo – E eu grito “Se Arthur Ma é um bruxo sem dúvida ele é um bruxo engraçado! Har har!” – E lá está o gaio-azul idiota com um pé na barra de sabão em cima do parapeito da varanda, bicando o sabão e comendo, sem nem dar bola para o cereal, e quando eu rio e grito com ele ele me olha todo meigo com uma expressão que parece dizer “Qualé o problema? O quêqueu fiz de errado?” – “Wo wo, foi pro lugar errado”, diz um outro gaio-azul que pousa perto dele e de repente vai embora outra vez – E tudo na minha vida parece lindo outra vez, eu até começo a lembrar das pirações da bebedeira e volto ainda mais longe e lembro das coisas piradas em toda a minha vida, é simplesmente impressionante como o íntimo da nossa alma consegue juntar tanta força eu acho que a força seria suficiente para mover montanhas ainda por cima, para levantar as nossas botas e sair batendo os pés uma força feliz extraída da fonte de energia em nossos próprios ossos – E quando eu visito o mar ele não me assusta mais, eu apenas canto “Setenta mil línguas ultramarinas” e volto para a minha cabana e em silêncio me sirvo uma xícara de café, a tarde, que agradável!

Corro pelo bosque, corto e arranco troncos por todaqualquerparte e deixo eles na beira da estrada para buscar quando me der na veneta – Investigo uma cabana próxima ao córrego que tem 15 palitos de fósforo para as minhas emergências – Tomo um gole de xerez, acho horrível – Encontro um velho San Francis Chronicle tapado de assinaturas minhas – Racho um enorme tronco de sequoia ao comprido no meio do córrego – Um dia como esse, perfeito, que acabo costurando o meu blusão sagrado cantando “There’s no place like home” pensando na minha mãe – Inclusive me meto a ler todos os livros e revistas ao meu redor, leio sobre Patafísica à luz do lampião “Isso daqui é uma desculpa intelectual pra fazer deboches”, atirando a revista longe, acrescentando “Particularmente atrativo pra certas pessoas superficiais” – Então volto minha rumorosa atenção a dois poetas *Fin du Siècle* chamados Theo Marzials e Henry Harland – Tiro um cochilo depois do jantar e sonho com a Marinha dos EUA, um

navio ancorado perto de uma cena de guerra, em alguma ilha, mas tudo está calmo quando dois marinheiros sobem a trilha com varas de pescar e um cachorro entre eles para ir fazer amor em silêncio nas montanhas: o capitão e todo mundo sabe que eles são bichas e no entanto em vez de ficarem enfurecidos eles estão todos encantados com aquele amor tão terno: você vê um marinheiro espiando com um binóculo lá do tombadilho: supostamente é uma guerra mas não se percebe nada além das roupas sendo lavadas...

Acordo desse sonho bobo mas estranhamente poético me sentindo exultante – Além do mais agora as estrelas aparecem todas as noites e eu saio à varanda e me sento na velha cadeira de lona e viro o rosto em direção ao céu para ver todo aquele agito lá em cima, o constelagito no firmamento, todas aquelas estrelas chorando com uma tristeza alegre, toda a gala láctea das galáxias de modos zombeteiros com anos-luz de bueiros velhos como Dame Mae Whitty e as montanhas – Sigo caminhando até a montanha Mien Mo na noite enluarada de agosto, vejo belíssimas montanhas enevoadas erguendo-se no horizonte e como que me dizendo “Você não precisa atormentar a sua consciência pensando sem parar” então eu me sento na areia e olho para dentro e vejo aquelas velhas rosas inatas outra vez – É impressionante, em poucas horas tudo muda – E eu tenho energia física suficiente para caminhar de volta até o mar percebendo de repente a linda pintura oriental em rolo de seda que o cânion daria, um daqueles rolos que você vai desenrolando e desenrolando como o vale se desenrola em direção aos penhascos inesperados, os Bodhisattvas inesperados sentados sozinhos em cabanas à luz de lampião, córregos inesperados, rochas, árvores, então a areia branca inesperada, o mar inesperado, então o alto-mar e você chega ao fim do rolo – E com todas as escuridões róseas enevoadas de tons variados e sombras tranquilas para expressar a efemeridade real da noite – Um longo rolo se desfraldando a partir da cerca do terreno em meio às montanhas enevoadas, prados enluarados, até o fardo de feno perto do córrego, chegando à trilha, o córrego estreitando, depois o mistério do Ó MAR – Então eu investigo o rolo do vale mas estou cantando “O homem é um bichinho ocupado, um bichinho legal, as ideias dele sobre tudo, não passam de uma grande bosta”.

Na verdade de volta à cabana para fazer o meu Ovaltine quente da hora de dormir eu até canto “Sweet Sixteen” como um anjo (por Deus melhor que Ron Blake) e todas as velhas memórias de Mamãe e de Papai, o piano de parede na velha Massachusetts, a velha noite de verão canta – É assim que eu vou dormir, sob as estrelas na varanda, e ao amanhecer eu me viro com um sorriso alegre no rosto porque as corujas estão chamando e respondendo em dois enormes troncos de árvores mortas um em cada extremo do vale, uh-uh-uh.

Então talvez seja verdade o que Milarepa diz: “Ainda que os jovens das novas gerações habitem cidades infestadas de sinas traiçoeiras, o elo da verdade persiste” – (e disse isso em 890!) – “Quando estiverdes só, não penseis nas distrações da cidade... Deveis voltar a mente para o interior, e assim encontrareis vosso caminho... A fortuna que encontrei é a Propriedade Sagrada interminável... A companhia que encontrei é o júbilo da Vacuidade perpétua... Aqui, no lugar de Yolmo Tag Pug Senge Dzon, a tigresa uivando com uma patética voz alquebrada lembra-me de que seus pobres filhotes estão a brincar cheios de energia... Como

um louco, não tenho pretensões nem esperanças... Digo-vos a pura verdade... Estas são as minhas palavras loucas... Ah, seres maternais incontáveis, pela força do destino imaginário vós tendes miríades de visões e provais incontáveis emoções... Sorrio... Para um Yogi, tudo é bom e esplêndido! – No vasto silêncio deste Recanto Celestial Benéfico a Si Mesmo, os sons compassados que ouço são os sons de meus companheiros... Neste lugar agradável, na solidão, eu, Milarepa, permaneço feliz, meditando sobre a mente que ilumina o vazio – Quanto mais Altos e Baixos mais Júbilo sinto – Quanto maior o medo, maior a alegria que sinto...”

MAS PELA MANHÃ (e eu não sou Milarepa que conseguia ficar sentado nu sobre a neve e foi visto voando uma vez) lá vem Ron Blake de volta com Pat McLear e a linda esposa de Pat, e por Deus a filhinha de 5 anos deles que é uma visão muito grata de se ter enquanto ela saltita de um lado para o outro nos campos em busca de flores, tudo nela é perfeitamente novo belo primordial como o amanhecer no Jardim do Éden aqui nesse cânion humano atormentado – E o dia nasce bonito – Tem neblina então nós fechamos as venezianas e acendemos o fogo e o lampião, eu e Pat, e ficamos lá sentados bebendo da garrafa que ele trouxe falando sobre literatura e poesia enquanto a esposa dele escuta e de vez em quando se levanta para esquentar mais café e chá ou sai para brincar com Ron e a garotinha – Eu e Pat estamos num clima sério falastrão e eu sinto aquele calafrio solitário no meu peito que sempre me avisa: você ama mesmo as pessoas e está feliz por Pat estar aqui.

Pat é um dos homens mais bonitos isso se não for O homem mais bonito que eu já vi – Estranho que ele tenha anunciado num prefácio aos poemas dele que seus heróis, seu Triunvirato, são Jean Harlow, Rimbaud e Billy the Kid porque ele mesmo é bonito o suficiente para fazer o papel de Billy the Kid no cinema, aquele mesmo visual bonito de cabelo escuro pálpebras semicerradas que você espera encontrar na aparência mítica de Billy the Kid (mas imagino que não o William Bonnie da vida real que dizem ter sido um monstro cretino cheio de espinhas).

Então começamos uma grande discussão acerca de tudo na confortável escuridão da cabana junto ao lume vermelho do fogo delicado, de qualquer jeito estou usando óculos escuros só pela cortiça, Pat diz “Ah Jack eu não tive nenhuma chance pra falar com você ontem nem ano passado nem dez anos atrás quando eu te vi pela primeira vez, eu lembro que fiquei apavorado com você e com o Pomeray quando cês subiram a minha escada correndo uma noite com uns bagulhos, cês pareciam uma dupla de ladrões de carro ou assaltantes de banco – E cê sabe muito bem que essas coisas debochadas que escreveram sobre a gente, sobre São Francisco ou sobre poesia e escritores beat é porque muitos de nós não PARECEM escritores nem intelectuais nem nada, você e o Pomeray têm um aspecto meio que horrível, e eu sei que a carapuça também me serve” – “Cara você tem que ir pra Hollywood interpretar o Billy the Kid” – “Rapaz eu preferia ir pra Hollywood interpretar o Rimbaud” – “Bom você não pode fazer a Jean Harlow” – “Eu queria mesmo era conseguir publicar o meu *Dark Brown* em Paris, sabe quando cê achar que dá uma palavra sua para a Gallimard ou para a Girodias seria uma boa” – “Não sei” – “Cê sabe que quando eu li os seus poemas do *Mexico City Blues* na mesma hora eu peguei e comecei a escrever de um jeito totalmente diferente, cê me iluminou com aquele livro” – “Mas aquilo nem parece com o que você faz, na verdade está a quilômetros de distância, eu sou um cara de palavras e você é um cara de ideias” e assim por diante a gente fica falando até o meio-dia e Ron fica entrando e saindo, ele fez passeios à praia com as damas e Pat e eu não percebo que o sol apareceu mas continuo lá

sentado dentro da cabana agora falando sobre Villon e Cervantes.

De repente, blam, a porta da cabine se abre com um estrondo e os raios do sol iluminam o cômodo e eu vejo um Anjo de braços abertos na porta! – É Cody! Com a melhor roupa de domingo, um terno! Ao lado dele estão vários anjos dourados desde Evelyn a linda esposa dourada até o anjo mais impressionante de todos o pequeno Timmy com os raios de sol refletidos no cabelo dele! – É uma visão e uma surpresa tão incrível que tanto eu quanto Pat levantamos sem nos dar conta das nossas cadeiras, como se a admiração ou o medo tivesse nos erguido, só que eu me sinto menos assustado do que impressionado como se aquilo fosse uma visão – E o jeito que Cody fica lá parado sem dizer uma palavra com o braço estendido por alguma razão, numa espécie de pose para nos surpreender ou nos alertar, ele está tão parecido com São Miguel que não dá para acreditar especialmente quando eu percebo o que ele acabou de fazer, a esposa e a criançada subiram em total silêncio os degraus da varanda (que rangem e estalam), atravessaram o piso de madeira com a maior facilidade na ponta dos pés, ficaram lá um pouco enquanto ele se preparava para escancarar a porta, todos alinhados e empertigados, então pá, ele abriu a porta e lançou aquele universo dourado nos olhos místicos ofuscados do grande hipster Pat McLear e nos meus olhos gratos e surpresos – Me lembro da vez que eu vi um grupo de casais na ponta dos pés entrando de fininho na nossa cozinha dos fundos lá na West Street em Lowell com o líder deles me fazendo psiu e enquanto eu fico lá surpreso aos 9 anos, então todos entram de repente para ver o meu pai que na inocência dele está escutando a luta entre Primo Carnera e Ernie Schaaft no velho rádio da década de 30 – Para uma farra daquelas – Mas o jeito que a família antiquada de Cody se esgueirou tem aquele esplendor dourado que ele de um jeito ou de outro sempre acaba produzindo, como eu já disse em algum lugar a vez no México que ele passou dirigindo um calhambeque por uma estrada cheia de sulcos bem devagar porque a gente estava chapado de erva e eu vi um Céu dourado, ou as outras vezes que ele sempre parece tão dourado como estou dizendo numa espécie de escrivaniinha no Céu nas alturas douradas do Céu.

Não que ele planeje esse efeito: ele apenas está lá com um mistério dramático inato de braço estendido como se dissesse Veja, o sol! e Veja, os anjos! meio que apontando para as cabecinhas douradas da família dele e eu e Pat ficamos boquiabertos.

“Feliz aniversário Jack!” grita Cody ou alguma outra saudação corriqueira doida batida “Tenho boas notícias! Eu trouxe Evelyn e Emily e Gaby e Timmy porque a gente tá tão agradecido e feliz porque tudo correu bem pra burro, ou pra esperto, garoto, com aquele cenzinho que cê me deu deixa eu te contar a história fantástica do que aconteceu” (para ele a história era absolutamente fantástica), “eu saí e negocieei o meu Nash que como cê sabe nem ao menos dá a partida mas eu preciso que os meus velhos camaradas empurrem para mim, veio um cara que tinha um *jipe* que era uma joia, que cor é aquilo, Mami? Magenta, eslamelta, mas uma beleza que só vendo e escuta só essa com um rádio maravilhoso, um jogo novinho de faróis sobressalentes, isso e aquilo sem contar os pneus novinhos em folha e a pintura impecável, aquela cor!! te derruba, só, é

cor de vinho! (enquanto Evelyn murmura a cor) “Cor de vinho para todos os velhos bebedores de vinho, então a gente veio aqui não só pra te agradecer e te ver outra vez mas também pra comemorar a ocasião que, ainda por cima, heh eu tô todo meloso e melindroso, hehehe, só é isso aí entrem logo criançada e depois vão ali fora e peguem o nosso equipamento no carro e se preparem pra dormir ao relento hoje à noite e respirar esse ar puro, Jack ainda por cima e o meu coração tá simplesmente transbordANDO eu consegui um NOVO EMPREGO!! junto com esse velho jipe tinindo de novo! Um emprego bem no centro de Los Gatos na verdade eu nem preciso mais pegar o carro pra ir trabalhar, eu posso ir a pé, menos de um quilômetro, e agora Mami entra aqui, esse ali é o Pat McLearn, prepara aí uns ovos ou uns daqueles bifês que a gente trouxe, abre aquele vãn rosê que a gente trouxe pro velho bêbado do Jack esse bom garoto enquanto eu pessoalmente levo ele eu mesmo para passear comigo pela estrada onde o jipe ficou estacionado, destranco aquele portão, cê tem a chave do curral Jack, só, e a gente vai caminhar e conversar como nos velhos tempos e dirigir bem na manha o meu novo barco com destino à China.”

Então é um novo dia, uma nova situação com Cody, na verdade um novo universo quando de repente estamos sozinhos de novo pela primeira vez em muito tempo descendo a estrada depressa para ir pegar o carro e ele olha para mim com aquele olhar maligno esfregando a mão como se estivesse prestes a me fazer uma surpresa que é a maior surpresa do mundo, “Cê adivinhou meu chapa eu tenho aqui o ÚLTIMO, absolutamente o ÚLTIMO mas o mais perfeito e o mais bem fechado de todos os baseados superbombastadores com semente do mundo que a gente agora vai queimar junto, por isso que eu não quis que cê trouxesse aquele vinho, ah garoto a gente tem tempo pra beber vinho e vinho e dançar” e em seguida ele acende, diz “Não anda muito depressa, é hora de dar um passeio que nem os que a gente costumava fazer às vezes lembra nos teus dias de folga da ferrovia, ou caminhando no asfalto da Third com a Townsend como cê dizia e também a vez que a gente viu o pôr do sol perfeito sagrado roxo naquela cruz da Missão – Sim senhor, devagar e sempre, curtindo essa beleza de vale” então começamos a tragar a erva mas como sempre aquilo cria paranoias duvidosas nas nossas mentes e de fato a gente meio que se acalma no caminho até o carro que ainda por cima tem uma linda cor de vinho, um jipe novinho em folha brilhando com todos os equipamentos, e toda a reunião dourada se deteriora com o falatório de Cody sobre por que o carro vai mesmo ser uma belezaira (os detalhes técnicos) e ele até grita comigo para eu me apressar na abertura do portão, “Eu não tenho o dia todo, hor hor hor”.

Mas isso não importa, sobre a paranoia da erva, mas talvez seja o que – Eu parei há tempos porque me deixa grilado enfim – Mas aí a gente volta devagar com o jipe até o barraco e Evelyn e a esposa de Pat se acharam e estão levando uns papos de mulher e eu e McLearn e Cody falamos ao redor da mesa planejando levar as crianças até a praia.

E lá está Evelyn e eu também não tive nenhuma chance de falar com ela em anos, Ah os velhos tempos quando a gente ficava acordado junto da lareira até altas horas discutindo a alma de Cody, Cody isso e Cody aquilo, você quase ouvia o nome Cody ressoando sob os telhados da América de costa a costa ao

escutar as mulheres falando sobre ele, sempre dizendo “Cody” com uma espécie de angústia mas com um certo prazer feminino também, “Cody precisa aprender a controlar os impulsos” e Cody “sempre muda as mentirinhas dele a tal ponto que elas acabam virando mentiras horríveis”, e segundo Irwin Garden as mulheres de Cody estão sempre tendo conversas telefônicas transcontinentais sobre a piroca dele (o que é bem possível).

Como ele sempre teve uma forte inclinação por relações tão completas com as mulheres dele a ponto de elas sempre acabarem numa mixórdia tentacular convoluta de almas e lágrimas e felação e esquemas em quartos de hotel e entra e sai de carros e de portas e grandes crises no meio da noite, uau aquele louco você ao menos um dia pode escrever na lápide dele “Ele viveu, Ele suou” – Cody não sabe o que é meio-termo – Mas agora como eu estou dizendo meio que castigado com uma certa doçura e um pouco aborrecido enfim com o mundo depois da injustiça da prisão e da condenação ele se acalmou um pouco e onde antes ele começaria uma explicação interminável de cada um de seus pensamentos para o deslumbre de todos no recinto enquanto põe as meias e arruma os papéis antes de sair, agora ele apenas deixa tudo de lado e dá de ombros – Um jesuíta em ação – Embora eu lembre de um momento louco no barraco que foi típico de Cody: complicado e simultâneo com milhões de nuances como se toda a criação de repente explodisse e implodisse ao mesmo tempo num só instante: no momento em que a filhinha angelical de Pat está vindo para me dar uma florzinha minúscula (“Pra você”, ela diz me olhando) (por algum motivo aquela pobre criaturinha acha que eu preciso de uma flor, ou então a mãe dela pediu para ela fazer isso por razões encantadoras, como um enfeite) Cody está explicando furiosamente para seu filhinho Tom “Nunca deixa a mão direita saber o que a esquerda tá fazendo” e nesse instante eu estou tentando fechar os dedos em volta da florzinha minúscula e ela é tão microscópica que eu sequer consigo, não consigo sentir, mal consigo enxergar, na verdade uma flor tão pequena que só aquela garotinha poderia ter encontrado, mas eu levanto os olhos em direção a Cody enquanto ele diz isso para Tim, e também para impressionar Evelyn que está me observando, anuncio “Nunca deixa a mão esquerda saber o que a direita tá fazendo mas essa mão direita aqui não consegue nem segurar essa flor” e Cody só me olha e diz “Só só”.

Então o que começou como uma grande reunião sagrada e festa surpresa no Céu se deteriora num amontoado de conversa exibicionista, na verdade, ao menos de minha parte, mas quando começo a tomar o vinho eu me sinto mais leve e nós vamos todos para a praia – Eu caminho à frente com Evelyn mas quando a gente chega no caminho estreito eu caminho à frente como um índio para mostrar a ela que fui um grande índio durante todo o verão – Tim louco para contar tudo para ela – “Olha aquela clareira lá adiante, de vez em quando você pula pra fora dos sapatos ao ver o burro ali de pé em silêncio com tufo de cabelo que nem os da Ruth acima da testa, mas aqui, e olha aquela ponte, o que você me diz daquilo?” – Todas as crianças ficam fascinadas pelos destroços do carro de ponta cabeça – A uma certa altura eu estou sentado na areia enquanto Cody caminha em direção a mim, eu digo a ele imitando Wallace Beery e coçando os sovacos “Amaldiçoado seja quem morreu no Vale da Morte” (as

últimas linhas do grandioso filme *Twenty Mule Team*) e Cody diz “É isso aí, se alguém pretende imitar o velho Wallace Beery esse é o único jeito, cê fez o timbre exato no tom da voz, *Amaldiçoado seja quem morreu no Vale da Morte* hehe só” mas ele sai correndo para falar com a esposa de McLearn.

Estranho triste incerto o jeito que as famílias e as pessoas como que se espalham numa praia e lançam um olhar vago em direção ao mar, desorganizadas e com a tristeza dos piqueniques – Lá pelas tantas estou contando a Evelyn que um maremoto do Havai podia muito bem aparecer um dia e a gente ia ver ele a quilômetros de distância um paredão descomunal de água medonha e “Meu chapa, daria um belo trabalho correr até o alto do penhasco, né?” mas Cody me escuta e diz “O quê?” e eu digo “Aposto que a onda ia nos arrastar até Salinas” e Cody diz “O quê? O meu jipe novinho em folha? Vou agora mesmo tirar ele de lá!” (Um exemplo de seu estranho humor).

“Ó chuva como choves neste chão?” digo a Evelyn para mostrar a ela o grande poeta que eu sou – Ela me ama, nos velhos tempos ela me amava como marido, por um tempo ela teve dois maridos Cody e eu, a gente era uma família perfeita até que no fim Cody começou a ter ciúmes ou eu comecei a ter ciúmes, foi uma piração por um tempo eu voltava para casa do trabalho na ferrovia todo sujo com a minha lanterna e assim que eu chegava para o meu alegre banho de espuma o velho Cody estava saindo às pressas por conta de algum compromisso então Evelyn ficava com o marido do turno da noite e aí quando Cody chega em casa ao amanhecer todo sujo para o alegre banho de espuma dele, trim, o telefone toca e o chefe de pessoal me chama e lá estou eu a caminho do trabalho, nós dois usando o mesmo calhambeque caindo aos pedaços nos dois turnos – E Evelyn sempre dizendo que eu e ela éramos feitos um para o outro mas que o Carma dela era servir Cody nessa encarnação, o que eu realmente acredito e também acredito que ela ame ele, mas ela dizia “Você vai ser meu em outra vida, Jack.. E você vai ser muito feliz” – “O quê?” Eu gritava brincando, “eu zanzando pelos corredores eternos do Carma tentando fugir de você, é?” – “Você vai levar muitas eternidades até se livrar de mim”, acrescenta ela em tom triste, o que me deixa com ciúmes, eu quero que ela diga que nunca vou me livrar dela – Quero ser perseguido por toda a eternidade até pegar ela.

“Ah Jack” diz ela me abraçando na praia, “é tão bom ver você de novo, Ah eu queria que a gente pudesse ter paz outra vez e fazer aqueles jantares de pizza caseira todo mundo junto olhando TV, você tem tantos amigos e responsabilidades agora é tão triste, e você se acaba bebendo e tal, por que você não vem passar um tempo com a gente e descansa” – “Eu vou” – Mas Ron Blake está todo assanhado para o lado de Evelyn e não para de dançar com algas marinhas para impressionar ela, ele até pediu que eu falasse com Cody para ele passar um tempo a sós com Evelyn, Cody disse “Vai fundo cara”.

Depois que a bebida acaba Ron enfim consegue uma oportunidade para ficar a sós com Evelyn enquanto eu e Cody e as crianças num carro, e McLearn e a família dele no outro vamos a Monterey providenciar o estoque noturno e também mais cigarros – Evelyn e Ron acendem uma fogueira na praia para nos esperar – Enquanto estamos no carro o pequeno Timmy diz para Papi “A gente

devia ter trazido a Mami, as calças dela tavam molhadas na praia” – “A essas alturas devem estar fervendo”, diz Cody como quem não quer nada em mais um de seus trocadilhos fantásticos enquanto mete o pé na tábua por aquela estrada de chão no cânion que nem um motorista de assalto atravessando as montanhas no cinema, deixamos o pobre McLear quilômetros para trás – Quando Cody chega a uma curva estreita com a morte olhando na nossa cara lá no fundo daquele buraco ele simplesmente vence a curva dizendo “O segredo pra dirigir nas montanhas, garoto, é que não tem nada de firula, essas estradas não se mexem, quem se mexe é você” – E saímos na autoestrada e vamos chacoalhando até Monterey no pôr do sol de Big Sur onde lá embaixo nas tênues rochas espumantes você escuta os gritos das focas.

MCLEAR REVELA MAIS UMA FACETA ESTRANHA DE SUA PERSONALIDADE ELEGANTE MAS UM POUCO “DECADENTE” à la Rimbaud na colônia de férias quando aparece na sala com uma porra de um FALCÃO no ombro – é o falcão de estimação dele, ainda por cima, o falcão é preto como a noite e fica lá empoleirado no ombro dele bicando com vontade um naco de hambúrguer que ele oferece – Na verdade aquela visão é tão poética, McLear, que a poesia dele é mesmo que nem um falcão preto, ele está sempre escrevendo sobre a escuridão, o marrom-escuro, quartos escuros, cortinas que se mexem, travesseiros escuros químico-flamejantes, o amor na escuridão vermelha químico-flamejante, e escreve tudo isso em lindos versos longos que atravessam a página de um jeito irregular e de certa maneira hábil – O Belo Falcão McLear, na verdade de repente eu grito “Agora eu sei o teu verdadeiro nome! É M'Lear! M'Lear o andarilho dos terrenos alagadiços das Highlands escocesas com seu falcão, prestes a enlouquecer e arrancar os cabelos grisalhos durante uma tempestade” – Ou alguma bobagem do tipo, já me sentindo bem outra vez agora que temos mais vinho – Hora de voltar à cabana e descer a estrada voando do jeito que só Cody sabe voar (melhor até do que Dave Wain mas você se sente mais seguro com Dave Wain embora o motivo que Cody faz você pressentir um baque fatídico enquanto afasta a noite com as rodas não é porque ele vá perder o controle total do carro mas você sente que a qualquer momento o carro pode decolar de repente em direção ao Céu ou pelo menos saltar em direção ao que os russos chamam de Universo Sombrio, da janela vem um estrondo veloz enquanto Cody avança pela linha branca à noite, com Dave Wain é mais conversa e vento em popa, com Cody é uma crise a ponto de piorar) – E agora ele está dizendo para mim “Não só hoje mas o outro dia com a rapaziada, aquela mulher linda do McLear lá, uau, com aquele jeans apertado, cara eu chorei debaixo de uma árvore depois de ver ela saltitando dum jeito tão inocente de um lado para o outro, urru, então escuta só o que a gente vai fazer meu velho: amanhã vamos voltar a Los Gatos com a família toda e deixamos Evelyn e as crianças em casa depois da peça de vaiar o vilão que vamos todos assistir juntos às sete –” – “Depois do quê?” – “É uma peça”, diz ele de repente imitando a voz resmungueta de uma velha da associação de pais e mestres, “cê vai e senta lá e aí começa uma peça antiga de 1910 sobre vilões que exigem o pagamento duma hipoteca, bigodes, saca, lágrimas e tal, cê pode ficar lá saca e vaiar o vilão o quanto cê quiser e pelo que eu sei cê pode até berrar palavrões pra ele ou algo assim sei lá – É a parada da Evelyn, saca, ela tá fazendo os cenários e esse é o trabalho que ela ficou fazendo enquanto eu estava em cana então eu não tenho do que reclamar, na verdade o que eu digo não tem a menor importância, quando cê é pai de família cê só obedece a mulher claro, e as crianças curtem, depois do esquema esse e depois de cê ter vaiado o vilão a gente deixa eles em casa e aí meu velho” pisando fundo, o falcão é preto como a noite e está lá empoleirado cada vez mais depressa em vez de esfregar as mãos de entusiasmo, como que para dizer ZUM, “nós dois vamos descer voando a autoestrada de Bay Shore e como sempre cê vai fazer as tuas perguntas idiotas

quase *Okies* de pinguço, ‘*Ô Cody*’ (resmungando como um velho bêbado), ‘*eu acho que a gente tá chegando em Burlingame não tamos?*’ mas cê erra sempre, hehe, pobre Jack velho louco burro todo fodido; e daí a gente vai com os ombros colados até a Cidade e direto damos uma passada na casa da minha gata Willamine que eu quero que cê conheça ela mas eu também quero que cê curta Jack porque ela vai curtir VOCÊ seu velho filhadaputa, e eu vou deixar vocês dois a sós como pombinhos por dias a fio, cê pode morar lá e só curtir aquela belezaira porque afinal” (agora em um tom de negócios) “eu quero que ela curta o máximo possível tudo o que cê tem a dizer sobre o que VOCÊ sabe, entende? Ela é a minha alma gêmea e confidente e amante e eu quero que ela seja feliz e aprenda” – “Comeque ela é” eu pergunto de um jeito grosseiro – E vejo a careta no rosto dele, Cody me conhece de verdade, “Ah ela tem um corpinho bacana é tudo que eu posso te dizer e na cama ela é de longe a primeira e única e última melhor coisa possível do mundo que cê pode curtir” – Sendo essa só mais uma ocasião que Cody me põe de subamante de suas belezuras para que tudo se encaixe, ele me ama de verdade como um irmão e mais até do que isso, às vezes ele se irrita comigo em especial quando eu me atrapalho e me descoordeno por exemplo com uma garrafa ou a vez que eu quase arrebentei a caixa de marchas de um carro porque eu esqueci que eu tava dirigindo, sendo que nesse caso eu na verdade lembro ele do velho pai pinguço dele mas o mais fantástico é que ELE faz EU me lembrar do MEU pai então a gente tem esse estranho relacionamento eterno com a imagem do pai que continua sempre e às vezes com lágrimas, para mim é fácil pensar em Cody e quase chorar, às vezes eu vejo a mesma expressão chorosa nos olhos dele quando às vezes ele olha para mim – Ele me lembra do meu pai porque ele também é exibido e apressado e enche os bolsos com bilhetes de aposta nos cavalos e papéis e lápis e nós estamos todos prontos para cumprir nossa missão à noite que ele encara com a maior seriedade como se estivéssemos embarcando na derradeira viagem mas tudo sempre acaba sendo uma aventura hilária sem sentido dos Mane Brothers que me dá ainda mais motivo para amar ele (e o meu pai também) – Desse jeito – E finalmente no livro que eu escrevi sobre nós dois (*On the Road*) eu esqueci de mencionar duas coisas importantes, que nós dois fomos pequenos católicos devotos na nossa infância, o que faz a gente ter algumas coisas em comum mesmo que a gente nunca fale a respeito, mas é parte da nossa natureza, e em segundo lugar e ainda mais importante aquela parada esquisita quando dividimos uma outra garota (Marylou, ou melhor, vamos chamar ela de Joanna) e na época Cody anunciou “É isso o que a gente vai ser meu velho, uma dupla de maridos, mais tarde a gente vai ter haréns inteeeeeiros e mais haréns garoto, e a gente vai se chamar ou melhor” (se exalta) “a gente vai ser um único Duluomeray, saca, Duluoz e Pomeray, Duluomeray, saca, hehehe” mas na época ele era mais novo e muito bobo mas isso deixa claro o que ele sentia em relação a mim: uma espécie de coisa nova no mundo onde os homens de fato podem ser amigos realmente angelicais sem serem homossexuais nem brigar por causa de garotas – Mas aí de mim a única coisa que a gente já brigou foi por dinheiro, ou a vez que a gente teve uma briga ridícula por conta de uma carreirinha de pó de erva estendida no

meio de uma página onde a gente estava separando as nossas partes com uma faca, quando eu reclamei que eu queria um pouco do pó ele disse “O acordo que a gente fez não dizia nada sobre o pó!” e ele põe tudo no bolso e sai fora com o rosto vermelho então eu dou um sobressalto e faço as malas e aviso que estou indo embora e Evelyn me leva de carro até a Cidade mas o carro não pega (isso foi há anos) então Cody com o rosto vermelho e doido e envergonhado tem que empurrar a lata-velha, lá vamos nós descendo o San Jose Boulevard com Cody empurrando lá atrás e com Cody empurrando lá atrás e nos sacudindo não só para o carro pegar mas também para me castigar pela ganância e eu nem devia estar indo embora – Na verdade ele tomava impulso e vinha pela nossa traseira com tudo – Aquela noite acabei podre de bêbado no chão da casa de Mal Damlette em North Beach – E de qualquer jeito a questão de nós dois, os dois amigos homens mais evoluídos do mundo ainda brigando por dinheiro sendo afinal, como Julien disse em Nova York, uma indicação de que “Dinheiro é a única coisa que os *canucks* brigam a respeito, e os *Okies* também, eu acho” mas eu imagino que Julien estivesse se imaginando e fantasiando a respeito dele como um nobre escocês que luta pela honra (mas eu digo para ele “Ah seu escocês guarda essa saliva toda no bolso do relógio”).

Lacrimae rerum, as lágrimas das coisas, todos os anos atrás de mim e de Cody, o jeito que eu sempre digo “eu e Cody” em vez de “Cody e eu” ou algo assim, e Irwin nos olhando através da noite do mundo agora mordendo deslumbrado o lábio inferior dizendo “Ah, anjos do Oeste, Companheiros no Céu” e escrevendo cartas perguntando “E agora, que novidades, que visões, que discussões, que doces acordos?” e tal.

Naquela noite as crianças enfim acabam dormindo no jipe porque elas estão com medo do grande bosque escuro e eu durmo junto ao córrego no meu saco e pela manhã nos preparamos todos para voltar a Los Gatos e assistir a peça do vilão – Ron lança um olhar frustrado triste para Evelyn, parece que ela dispensou ele porque ela me diz (e eu não culpo ela) “Sério o jeito que o Cody atira as pessoas pra cima de mim é terrível, ao menos eu devia fazer as minhas próprias escolhas” (mas ela está rindo porque é engraçado e é engraçado o jeito que Cody atira as pessoas para cima dela todo ansioso e apressado imaginando se isso é mesmo o que ela quer e não quer nada parecido) – “Ao menos não com estranhos totais”, digo eu para ser engraçado – Ela: – “Além do mais eu estou de saco cheio desse lance de sexo, ele só fala disso, os amigos dele, aqui estão eles todos prontos pra fazer o bem como cocriadores ao lado de Deus mas só o que eles fazem é pensar em traseiros – por isso que você é tão interessante” ela acrescenta – “Mas decerto eu não sou tão interessante assim? Ei!” – Mas esse é o meu relacionamento com Evelyn, somos amigos e podemos brincar com qualquer assunto até sobre a primeira vez que nos vimos em Denver em 1947 quando a gente dançou e Cody ficou olhando todo ansioso, para dizer a verdade um tipo de casal romântico e às vezes sinto calafrios quando penso em todo o mistério estelar de como ela ainda VAI me pegar numa vida futura, uau – E sério que eu acredito que essa vai ser a minha salvação também.

Um longo caminho a percorrer.

A PEÇA BESTA IDIOTA DE VAIAR O VILÃO ATÉ QUE É LEGALZINHA mas bem quando a gente chega no lugar com vagões de caravana e tendas bem no estilo real do velho oeste aparece um xerife gordão com dois revólveres de pé junto à entrada, Cody diz “É pra dar um clima saca” mas eu estou bêbado e enquanto descemos do carro eu vou até o xerife gordo e começo a contar para ele uma piada sulista (na verdade só o enredo de um conto de Erskine Caldwell) que ele escuta com uma expressão sorridente descerebrada ou até como a expressão de um verdugo ou de um guarda sulista ouvindo o papo de um ianque – De um jeito tão natural que eu fico surpreso mais tarde quando a gente entra no antigo saloon todo bacaninha e as crianças começam a golpear o velho piano e eu me junto a elas com acordes enormes de Stravinski, lá vem o xerife gorducho com os dois revólveres entrando e dizendo numa voz ameaçadora como nos filmes de banguê-banguê na TV “O senhor não pode tocar este piano” – Fico surpreso, me viro na direção de Evelyn e descubro que ele é o maldito proprietário do teatro e se ele diz que eu não posso tocar o piano não tem nada que eu possa fazer a respeito na esfera legal – Mas além disso ele tem balas de verdade nas armas – Fez de tudo para interpretar o papel – Mas ao ser impedido de esmurrar o piano com as crianças para ver aquele terrível rosto morçido de horror negativo eu simplesmente dou um pulo e digo “Muito bem, então pro inferno com tudo isso igual eu tô dando o fora daqui” então Cody me segue até o carro onde eu tomo outro gole de vinho branco do porto – “Vamos embora dessa merda” eu digo – “Era nisso que eu tava pensando”, diz Cody, “na verdade eu já combinei com o diretor pra ele dar carona pra Evelyn e pras crianças até em casa então nós podemos ir agora mesmo pra Cidade” – “Demais!” “E eu já disse pra Evelyn que a gente tá se arrancando daqui então vambora.”

“Cody desculpa eu ter estragado a tua festinha de família” – “Não não” ele protesta “cara eu tenho que ver essas coisas saca e ser um bom marido e pai coruja saca eu tô em condicional e eu preciso manter as aparências mas é um saco” – Para mostrar o saco que é a gente acelera na descida ultrapassando seis carros na maior moleza – “E eu tô FELIZ que isso tenha acontecido porque assim a gente arranjou uma desculpa, hehe risinhos sabe por a gente ter se escapulado, eu tava pensando numa desculpa quando tudo aconteceu, aquele velho é gagá saca! Ele é milionário saca! Eu já conversei com ele, aquele cérebro de ervilha, e cê tem mais é que ficar feliz por ter perdido a apresentação, ah, ugh, e a PLATEIA, eu quase tenho vontade de voltar para San Quentin mas aqui vamos nós, meu garoto!”

Então como nos velhos tempos estamos sozinhos num carro à noite correndo pela linha rumo a algum lugar específico, nada em lugar nenhum quanto a isso, em especial agora, de certa forma – Aquela linha branca entra debaixo do paralamas como um tremor ansioso eletrônico impaciente que vibra na noite e que beleza o jeito como Cody às vezes faz uma curva para um lado ou para o outro enquanto guina de leve para ultrapassar ou para alguma outra coisa, evitar um desnível ou algo assim – E na grande autoestrada de Bay Shore que beleza o jeito como ele simplesmente desliza de uma pista para a outra quase

sem fazer esforço e passa de um jeito completamente imperceptível para a direita e para a esquerda sem nenhuma falha todo tipo de carro com olhares ansiosos apontados para nós, embora ele seja o único em toda a estrada que sabe dirigir completamente bem – Faz um anoitecer sombrio nos altos e baixos do mundo californiano – Frisco reluz mais adiante – Nosso rádio toca um blues enquanto passamos o baseado de um lado para o outro de queixo calado os dois olhando para frente com grandes pensamentos particulares agora tão vastos que já não conseguimos mais comunicá-los e se a gente tentasse a gente levaria um milhão de anos e um bilhão de livros – Tarde demais, tarde demais, a história de tudo que vimos juntos e separados se transformou em uma biblioteca à parte – As estantes se empilham cada vez mais altas – Estão cheias de documentos enevoados ou documentos da Névoa – A mente se contorceu em cada buraco todoqualque jeito tranquilo exausto até que não sobrou mais nada a dizer sobre os nossos pensamentos recentes quanto mais então sobre os velhos – Cody o poderoso gênio da mente que eu anuncio como o maior escritor de todos os tempos se por acaso ele voltar a escrever como fazia antes – É tão enorme que na verdade nós dois ficamos lá sentados suspirando – “Não a única coisa que eu escrevi”, diz ele, “foram umas poucas cartas pra Willamine, na verdade umas quantas, ela tem todas as cartas amarradas com uma fita lá, pensei que se eu tentasse escrever um livro ou algo assim ou prosa ou algo assim eles fossem tirar de mim quando eu sasse então eu escrevi pra ela umas três cartas por semana durante dois anos – e o problema claro e como eu tô dizendo e cê já ouviu um milhão de vezes é que a mente corre a mente se acumula e ninguém tem c – ah merda, eu não quero falar disso” – Além do mais eu sei só de olhar para Cody que virar um escritor não tem nenhuma importância porque a vida é tão sagrada para ele que não é necessário fazer mais nada além de viver, a escrita é só um pensamento tardio ou um arranhão na superfície – Mas se ele pudesse! Se ele quisesse! Lá estou eu zanzando pela Califórnia a quilômetros de casa onde o meu pobre gato está enterrado e a minha mãe sofre e é nisso que estou pensando.

Sempre me sinto orgulhoso de amar o mundo de alguma forma – O ódio é tão mais fácil em comparação – Mas aqui estou eu contando vantagem capetizando de cabeça rumo ao ódio mais estúpido que eu já senti.

MESMO QUE CODY TENHA DITO ESSAS COISAS eu sei muito bem que o esquema real da noite é que a gente só vai ver Billie juntos para ela poder curtir um encontro comigo (depois de ouvir falar de mim e depois de ler os meus livros etc.) e na verdade Cody já consultou Evelyn a respeito de como eu vou ficar na casa deles em Los Gatos por um mês, como nos velhos tempos dormindo no meu saco de dormir no pátio dos fundos não porque eles não querem que eu durma na casa mas é minha ideia, mas de qualquer jeito é maravilhoso dormir sob as estrelas e assim de qualquer jeito eu não atrapalho a vida da família quando eles acordam para ir para o trabalho e para a escola – Ao meio-dia eles me veem cambaleando no enorme pátio dos fundos bocejando por um café – E estou em linha com isso, ou seja, é isso o que eu quero e esse o meu plano – Mas quando subimos correndo as escadas de Willamine e entramos correndo no apartamentinho aconchegante bem organizado com peixinhos dourados, livros, badulaques estranhos, cozinha arrumada, tudo brilhando, e além disso a própria Billie uma loira de sobrancelhas arqueadas exatamente como Julien o loiro de sobrancelhas arqueadas e eu grito “É o Julien meu Deus é o Julien!” (e a essas alturas de qualquer forma eu estou bêbado porque como nos velhos tempos nós pegamos um caroneiro em Bay Shore que diz que o nome dele é Joe Ihnat e a gente comprou uma garrafa para ele e eu comprei uma para mim também, nunca vou esquecer do velho Joe Ihnat na verdade de algum modo porque ele disse que era russo e o nome dele era um antigo nome russo e quando eu escrevi os nossos nomes ele disse que o *meu* nome era um antigo nome russo também) (embora seja bretão) (e também nos disse que tinha acabado de levar uma surra de um jovem negro sem nenhuma razão num banheiro público e Cody se engasga e diz para mim “Eu já vi uns negros desses que batem em velhos, em San Quentin eles são conhecidos como braços de ferro, eles ficam isolados entre si isolados dos outros prisioneiros, são todos uns negros e parece que a única coisa que eles querem é dar pau em velhos indefesos, ele tá falando a mais pura verdade” – “Mas por que que eles fazem isso?” – “Ah cara eu sei lá eles só querem bater num velho que não possa revidar e dar pau e mais pau nele até ele morrer” e Ah o horror do conhecimento que Cody tem sobre o mundo no final das contas) – Então agora a gente está sentado com Billie no apartamento dela, do lado de fora da janela você vê as luzes cintilantes da cidade outra vez, ah Urbi y Roma, o mundo outra vez e ela tem uns olhos azuis loucos, sobrancelhas arqueadas, um rosto inteligente, que nem Julien, eu não me canso de repetir “É o Julien, porra!” e até no estado em que estou eu consigo perceber uma discreta agitação nervosa no olhar de Cody – O fato sendo que eu e Billie nos atiramos um em cima do outro como duas toneladas de tijolos bem na frente de Cody então quando ele se levanta e anuncia que está voltando a Los Gatos para dormir já está combinado que vou ficar bem onde estou e não só essa noite mas por semanas meses anos.

Pobre Cody – Mas sabe eu já expliquei porque de modo subconsciente na verdade isso é o que ele quer que aconteça mas ele não vai admitir nunca e

sempre inventa motivos a respeito disso para se enfurecer comigo e me chamar de filho da puta – Mas deixando Cody de lado eu descubro que Billie é uma garota estranha muito companheira nessa noite solitária e na verdade eu PRECISO passar um tempo com ela – De fato tanto eu quanto Billie explicamos para Cody por quê – Mas não tem nenhuma maldade, nada de antagônico ou de sinistro, é só uma inocência esquisita, a bem dizer um surto de amor espontâneo e Cody entende essas coisas melhor do que ninguém então ele sempre vai embora à meia-noite dizendo que volta amanhã de noite e de repente eu me vejo a sós com uma mulher encantadora e nós estamos tagarelando sentados com as pernas cruzadas de frente um para o outro no chão entre um amontoado de livros e garrafas.

Sinto uma pontada de dor e de arrependimento agora ao recordar que na primeira noite o apartamento dela estava tão organizado e limpo e encantador – A cadeira ao lado do aquário que eu logo me apossei dela como sendo a minha velha cadeira, onde eu volta e meia ficava sentado bebendo vinho do porto por uma semana a fio, a cozinha com a disposição inteligente de temperos e ovos na geladeira, e a propósito o pobre filhinho de Billie também dormindo em um quartinho todo organizado nos fundos (o filho do falecido marido dela que também era ferroviário) – Elliott o nome do garoto e eu só fui ver ele mais tarde naquela noite – E com o enorme pacote das cartas que Cody enviou de San Quentin na mão ela expõe teorias a respeito de Cody e da eternidade mas enquanto tomo uns goles da garrafa eu não paro de repetir “Julien, você tá falando demais! Julien, Julien, meu Deus quem poderia imaginar que um dia eu ia conhecer uma mulher que é a cara do Julien... você parece com o Julien mas você não é o Julien e ainda por cima você é mulher, que puta coisa estranha” – Na verdade ela teve que me pôr bêbado na cama – Mas não antes da nossa primeira empreitada amorosa e tudo o que Cody disse a respeito dela era absolutamente verdade – Mas o principal sendo que apesar dela ser a cara de Julien etc. e de ter as grandes cartas tristes abstratas de Cody sobre o Carma amarradas com uma fita e de sair pela manhã e ganhar cem pratas por semana trabalhando como modelo ela tinha a voz mais linda e musical que eu ouvi na minha vida – As coisas que ela está dizendo para falar a verdade são um tanto quanto banais porque afinal de contas a educação dela é toda baseada em histerias californianas como Rosemarie a outra amante de Cody que também era magra e loira e doida e ficava o tempo inteiro falando de coisas abstratas – (Como ela está dizendo “Eu achei que eu podia fazer alguma coisa pra amenizar a contradição entre a ética imanente e a ética universal que eu achei que era o meu problema e era o que eu esperava adquirir com a terapia, tipo, qualquer evolução pressupõe uma involução e todo esse tipo de pensamento” enquanto eu suspiro, mas ela diz alguma coisa interessante de vez em quando tipo “Enquanto Cody estava preso a minha principal ocupação era rezar por ele, o dia inteiro, a gente também rezava junto das 9:00 às 9:09 mas agora ele está solto e alguma coisa tá acontecendo eu só não sei o quê... mas sei que a gente ajuda a tempestade quando transcende o tempo num aspecto e não consegue nem ao menos acompanhar ele em outros...”) – Mas também todo tipo de merda sem importância e desinteressante para mim sobre canais sobre as pessoas serem

canais abertos ou fechados e Cody é um grande canal aberto derramando toda a porra sagrada dele no Céu, sério eu não consigo lembrar, ou os destinos, os suspiros, os telhados de tudo aquilo, as estrelas iluminam as pobres cabeças deles enquanto eles tomam fôlego para explicar vacuidades – As cartas para ela (eu dou uma espiada) são todas sobre como eles se acharam e as almas deles colidiram nessa dimensão por causa de algum Carma incompleto em outro planeta na verdade, e agora eles têm que se preparar para assumir essa grande responsabilidade de encontrar a medida certa e isso eu nem quero entrar nesse assunto – Porque também o fato sendo que, quando Willamine fala comigo eu fico completamente de saco cheio, só me interessa pela música triste de sua voz e pela estranha circunstância (acho que também cármica) de que ela parece com o pobre Julien.

A voz dela é o principal – Ela fala com o coração partido – A voz dela alaudeia quebrada como um coração perdido, cheia de música também, como em um arvoredo perdido, às vezes é quase tão impossível aguentar quanto um cantor futurístico fantástico à la Jerry Southern num clube noturno que se aproxima do microfone à luz do holofote em Las Vegas mas nem ao menos precisa cantar, só falar, para fazer os homens suspirarem e as mulheres ficarem meditando eu acho (se é que as mulheres alguma vez ficam meditando) – Então enquanto ela tenta explicar toda aquela baboseira para mim (toda aquela filosofia dela e de Cody e de Perry o novo amigo de Cody, que aparece no dia seguinte) eu só fico sentado admirando e olhando para a boca dela e pensando de onde vem tanta beleza e por quê – E acabamos fazendo amor cheios de ternura também – Uma loirinha experiente em todos os aspectos da arte de fazer amor e cheia de compaixão e a tal ponto que já pelo amanhecer estamos prestes a nos casar e pegar um avião para o México dentro de uma semana – Na verdade eu vejo tudo muito bem agora, um grande incrível casamento quádruplo com Cody e Evelyn.

Pois Billie é a grande inimiga de Evelyn – Ela não está satisfeita em ser apenas a amante e a alma gêmea de Cody ela quer ir até a casa dele e dar um jeito em Evelyn e levar Cody embora com ela para sempre e para fazer isso ela aceita até ter um caso de amor celestial sem futuro com o velho Jack (a mesma história de sempre) – Não tem muita diferença entre ela e Evelyn quando você escuta a conversa delas a respeito de Cody exceto que no caso de Evelyn eu tenho sempre um interesse fascinado – Billie na verdade me aborrece mas claro eu não posso dizer isso para ela – Evelyn ainda é a campeã e eu fico pensando em Cody.

Ah os altos e baixos e os malabarismos das mulheres, e ainda por cima das loiras, tudo na grande Cidade mágica dos Gandharvas de São Francisco e aqui estou eu sozinho num tapete voador com uma delas, iupi, no início claro é uma cortição só, uma grande nova explosão ofuscante de experiência – Não estou sonhando, eu, o que ainda virá – Pois com a triste Billie musical nos meus braços e o meu nome agora também Billie, Billie e Billie de braços dados, ah é lindo, e Cody de certa forma me deu permissão, passamos pelas nuvens gengiskhânicas do amor macio e da esperança e qualquer um que nunca tenha feito isso é louco – Porque um novo envolvimento amoroso sempre dá esperança, a solidão mortal

irracional é sempre coroada, aquilo que eu vi (o horror do vazio da serpente) quando tomei o fôlego letal na praia de Big Sur agora é justificado e hosanizado e erguido como uma urna sagrada em direção ao Céu com o simples ato de tirar as roupas e de amassar as ideias e os corpos no deleite indizivelmente nervoso triste do amor – Não acredite se algum velho careta disser o contrário, e ainda por cima ninguém no mundo nunca se arrisca a escrever a verdadeira história do amor, é terrível, estamos empacados com uma literatura e um teatro 50% incompletos – Deitados boca na boca, beijo no beijo no escuro do travesseiro, ventre no ventre em uma doçura uma entrega inacreditável tão distante de todas as suas temíveis abstrações mentais que você pensa por que os homens de alguma forma fizeram Deus antissexual – A verdade secreta subterrânea do desejo louco se escondendo debaixo de paralamas debaixo de ferros-velhos soterrados pelo mundo afora, jamais citado nos jornais, tratado com hesitação e breguice pelos escritores e pintado com ironia pelos artistas, agh, escute *Tristan und Isolde* de Wagner e imagine ele num campo bávaro com sua musa amada nua sob as folhas do outono.

No fim das contas é estranho, e deixando tudo que aconteceu nas últimas semanas, as idas e vindas e sofrimentos meus na Cidade e em Sur, empilhados racionalmente como uma grande construção onde daria para construir um trampolim que me permitiria mergulhar meio sem jeito na alma de Billie então do que eu estou me queixando?

No meio da noite ela busca o garoto de 4 anos para me mostrar a beleza espiritual do filho – Ele é uma das pessoas mais esquisitas que eu já vi em toda a minha vida – Tem enormes olhos marrons líquidos muito bonitos e detesta qualquer um que chegue perto de sua mãe e fica o tempo inteiro fazendo perguntas para ela como “Por que você está com ele? Por que ele está aqui, quem é ele?” ou “Por que está escuro lá fora?” ou “Por que o sol brilhou ontem?” ou qualquer coisa, ele só fica fazendo perguntas a respeito de tudo e ela responde todas elas com prazer e paciência extremos até que eu digo “Ele não te incomoda com essas perguntas todas? Por que você não deixa ele cantarolar e se divertir como uma criança qualquer, ele fica cutucando o teu joelho fazendo perguntas sobre TUDO cara por que você não deixa ele simplesmente cantar uma canção?” – Ela responde “Eu respondo pra ele porque senão eu posso perder a pergunta seguinte, tudo que ele me pergunta e tudo que ele me diz representa algo de importante sobre o absoluto que eu posso estar perdendo” – “Como assim o absoluto?” – “Você mesmo disse que tudo é o absoluto” mas claro ela tem razão e eu percebo que na minha velha alma imunda eu já estou com ciúmes de Elliott.

O MANTO DA NOITE recebe o amor divino glorioso eu acho mas ao mesmo tempo também é chato de certa forma e nós dois rimos por estar discutindo uma coisa dessas – Na primeira noite ficamos acordados até o amanhecer discutindo tudo o que se pode imaginar desde Cody nos menores detalhes até eu nos menores detalhes até ela nos menores detalhes até Evelyn até livros e filosofias e religiões e o absoluto e eu acabo sussurrando poemas para ela – A pobrezinha precisa acordar cedo de manhã e ir trabalhar e eu fico lá roncando de bêbado – Mas ela prepara um belo café da manhã para ela mesma e leva Elliott para a babysitter e eu acordo à uma da tarde sozinho e tomo um gole de vinho e entro na banheira quente para ler um livro – O telefone não para de tocar, todo mundo desde Monsanto até Fagan até McLearn até o Moon Man de algum jeito descobriu onde eu estou e qual é o telefone, embora nenhum deles conhecesse Billie pessoalmente nem tivesse muito menos visto ela – Eu estremeço ao perceber que Cody vai ficar putado da cara por tornar a vida secreta dele assim tão pública.

Mas lá vem Perry – Assim como eu Perry tem aquele estranho laço fraterno com Cody graças ao qual ele se torna confiante e às vezes amante de todas as garotas de Cody – E eu entendo muito bem por quê – Ele é a minha cara só mais novo e tem o mesmo aspecto que eu tinha quando conheci Cody mas o importante nem é tanto isso, ele é uma alma tempestuosa perdida agitada que acabou de sair da Soledad State Prison por tentativa de assalto com um rosto de garoto e cabelos pretos caindo por cima mas braços grossos musculosos que eu noto que ele poderia quebrar um homem ao meio – O nome dele é estranho também, Perry Yturvide, eu digo na hora: “Eu sei o que você é, basco” – “Basco? É mesmo? Eu nunca tinha descoberto! Vamos fazer um DDD para a minha mãe em Utah e contar para ela!” – E ele telefona para a mãe dele lá longe, na conta de Billie, e aqui estou eu com uma garrafa de vinho do porto numa mão e uma bituca de cigarro na boca falando com a mãe de um ex-presidiário basco que mora em Utah dizendo para ela na verdade assegurando a ela “Sério eu acho que é um nome basco” – Ela diz “O que você disse? Quem é você?” e lá está Perry sorrindo todo faceiro – Um garoto muito estranho – Na verdade já faz tempo que no meu estilo de vida literário eu não encontro um homem de verdade durão daquele jeito recém-saído da prisão com músculos de aço e uma preocupação febril que assusta os governos e faz os oficiais empalidecerem, é por isso que sempre põem eles na cadeia os homens desse tipo – Sim mas é o tipo de homem que o país sempre precisa quando um governador idoso começa uma guerrinha das boas – Uma figura perigosa de verdade, Perry, porque mesmo que eu aprecie a alma poética dele e tudo mais eu percebo ao olhar para ele que ele é capaz de explodir e matar alguém por uma ideia talvez ou por amor.

Alguns dos amigos dele tocam na campanha de Billie, parece que todo mundo sabe onde eu estou, eles vêm aos poucos, são estranhos negros anarquistas e ex-presidiários, parecem algum tipo de gangue, começo a imaginar – Como um círculo de sábios arrebatados, os negros são intensos e pirados e intelectuais

mas eles também têm aqueles braços musculosos e todos têm passagem pela prisão mas todos eles falam como se o fim do mundo dependesse da vontade deles – É difícil explicar (mas eu vou).

Billie e a turma dela, na verdade, com todo aquele trololô sobre assuntos espirituais eu fico pensando se tudo não é só um grande disfarce secreto de trambiqueiros mas ao mesmo tempo eu percebo que já vi coisa parecida em São Francisco uma espécie de histeria efêmera que paira no ar acima dos telhados em alguns círculos que sempre levam ao suicídio e à mutilação – Eu sou apenas um meditador inocente de coração perdido e um Pateta entre grandes intensos agitadores criminosos do coração – Na verdade isso me lembra um pesadelo que eu tive logo antes de vir à Costa, no sonho eu estou de volta a São Francisco mas tem algo estranho acontecendo: um silêncio mortal reina em toda a cidade: homens como tipógrafos e executivos e pintores de casas estão todos parados de pé em silêncio nas janelas do segundo andar olhando para baixo em direção às ruas vazias de São Francisco: de vez em quando uns beatniks passam lá embaixo, também em silêncio: estão sendo observados não só pelas autoridades mas por todo mundo: os beatniks parecem ter todo o sistema da rua para eles: mas ninguém diz nada: e nesse intenso silêncio eu dou um passeio numa plataforma de propulsão autônoma bem pelo centro da cidade e vou até o campo onde uma mulher que cuida de uma granja de frango me convida para morar com ela – A plataforminha desliza em silêncio enquanto as pessoas ficam olhando das janelas em grupos perfilados como os perfis nas pinturas de Van Dyck intensos, suspeitos, importantes – Essa história de Billie me faz lembrar disso mas não porque para mim a única coisa que importa sejam as concepções na minha própria mente, afinal não pode existir realidade para o que eu acho que está acontecendo – Mas isso também é uma indicação da loucura iminente em Big Sur.

ESTRANHO – e Perry Yurbide naquele primeiro dia enquanto Billie está no serviço e a gente acabou de ligar para a mãe dele agora quer que eu vá com ele visitar um general do Exército americano – “Pra quê? E qual é a desses generais olhando silenciosos pelas janelas?” Eu digo – Mas nada surpreende Perry – “A gente vai ir lá porque eu quero que você curta as maiores gatas que você já viu em toda a sua vida”, de fato nós pegamos um táxi – Mas as “gatas” são meninas de 8 e 9 e 10 anos, filhas do general ou talvez até primas ou filhas de um estranho general vizinho, mas a mãe está lá, também tem uns garotos brincando num cômodo aos fundos, temos Elliott com a gente que Perry carregou ele nos ombros por todo o caminho – Eu olho para Perry e ele diz “Eu queria que você visse as bundinhas mais gostosas da cidade” e eu percebo que ele é um louco perigoso – Na verdade a seguir ele me diz “Tá vendo só essa beleza?” uma das filhas de 10 anos do general (que ainda não está em casa) com o cabelo preso em um rabo de cavalo “Eu vou sequestrar ela agora” e ele pega ela pela mão e eles saem para a rua por uma hora enquanto eu fico lá sentado bebendo e conversando com a mãe – É certo que existe uma grande conspiração para me enlouquecer enfim – O general chega em casa e ele é um grande general careca e com ele seu melhor amigo um fotógrafo chamado Shea, um fotógrafo comercial magro bem-penteado bem-vestido comum do centro da cidade – Fico sem entender nada – Mas de repente o pequeno Elliott começa a chorar no cômodo ao lado e eu vou até lá correndo e descubro que os outros dois garotos bateram nele ou algo assim porque ele fez alguma coisa errada então eu dou um belo castigo neles e levo Elliott de volta para a sala montado nos meus ombros que nem Perry faz, só que Elliott quer descer na mesma hora, na verdade ele não quer nem mesmo sentar no meu colo, ele me odeia do fundo do coração – Telefono desesperado para Billie na agência e ela diz que vai aparecer para nos buscar e pergunta “Como é que tá o Perry hoje?” – “Ele tá sequestrando garotinhas que ele acha lindas, ele quer casar com meninas de 10 anos com rabos de cavalo” – “Ele é assim mesmo, o negócio é curtir” – Na voz musical dela do outro lado da linha.

Volto a minha pobre atenção torturada para o general que diz que ele foi um combatente antifascista durante a Segunda Guerra Mundial e também participou de uma guerrilha no Pacífico Sul e conhece um dos melhores restaurantes de São Francisco onde a gente pode ir todo mundo jantar junto, um restaurante filipino perto de Chinatown, eu digo legal, ótimo – Ele me dá mais goró – Vendo o divertido rosto irlandês de Shea o fotógrafo eu berro “Você pode tirar a minha foto quando quiser” e ele diz sinistro: “Não por motivos de propaganda, qualquer coisa menos propaganda” – “Que diabos você tá falando, eu não tenho nada a ver com propaganda nenhuma” (e a essa altura Perry atravessa a porta com Poopoo segurando a mão dele, eles saíram para curtir a rua e tomar uma coca-cola) e eu percebo que todo mundo está apenas vivendo tranquilamente a sua vida mas que só eu estou louco.

Na verdade eu não vejo a hora de ter o velho Cody à minha volta para me explicar tudo isso mas logo fica óbvio que nem Cody poderia explicar, estou

começando a pirar de vez, que nem a Subterrânea Irene pirou embora eu ainda não perceba – Estou começando a ver conspirações em cada coisa que acontece – Além do mais o “general” me assusta ainda mais quando se revela um estranho civil bem-vestido afluente que nem ao menos racha comigo a conta do restaurante filipino onde a gente janta depois de encontrar Billie no restaurante, e o próprio restaurante em si é esquisito em especial por causa de uma jovem filipina enorme vulgar louca beijada desleixada sentada sozinha nos fundos do restaurante devorando a comida de um jeito obsceno e nos olhando cheia de insolência como se dissesse “Fodam-se, eu como do jeito que eu bem entender” respingando molho por tudo – Não consigo entender o que está acontecendo – Porque também o general sugeriu esse jantar mas eu tenho que pagar para todo mundo, ele, Shea, Perry, Billie, Elliott, eu, outras pessoas, uma estranha loucura apocalíptica agora está vibrando nos meus globos oculares e eu estou até ficando sem dinheiro nesse Apocalipse que eles mesmos criaram no silêncio de São Francisco afinal de contas.

Não vejo a hora de me esconder e chorar nos braços de Evelyn mas eu acabo me escondendo nos braços de Billie e lá vem ela outra vez, na segunda noite, explicando todas aquelas ideias espirituais – “Mas e o Perry? Qual é a dele? E quem é aquele estranho general? O que vocês são, um bando de comunistas?”

O GAROTINHO SE RECUSA A DORMIR no berço mas tem que vir correndo e nos assistir fazendo amor na cama mas Billie diz “Isso é bom, ele vai aprender, onde mais ele pode aprender?” – Me sinto envergonhado mas como Billie está lá e ela é a mãe dele eu devo seguir adiante e não me preocupar – Mais um acontecimento sinistro – Lá pelas tantas ele está com uns fios compridos de saliva pendurados nos lábios enquanto nos olha, eu grito “Billie, olha só, não é legal pra ele” mas ela diz mais uma vez “Ele pode ter tudo o que quiser, até nós.”

“Mas gata isso não é legal, por que ele não vai dormir?” – “Ele não quer dormir, ele quer ficar com a gente” – “Aah”, e eu percebo que Billie é louca e eu não estou louco como eu tinha pensado e tem alguma coisa errada – Sinto que estou escorregando: também porque na semana seguinte eu continuo atirado naquela cadeira ao lado do aquário bebendo uma garrafa de vinho do porto atrás da outra como um autômato, me preocupando com alguma coisa, Monsanto vem me visitar, McLearn, Fagan, todo mundo, eles me chamam enquanto sobem correndo as escadas e nós passamos longos dias bêbados conversando mas parece que eu nunca consigo sair daquela cadeira e nunca nem ao menos tomar outro banho quente delicioso de banheira lendo um livro – E à noite Billie chega em casa e nos atiramos mais uma vez ao amor igual a dois monstros que não sabem fazer outra coisa e a essa altura eu estou confuso demais para saber afinal de contas o que está acontecendo embora ela me garanta que está tudo bem, e enquanto isso Cody desapareceu por completo – Na verdade eu telefono para ele digo “Você vai vir aqui me pegar?” “Só só só mas daqui a uns dias, fica aí mais um pouco” como se ele quisesse me mostrar o que está acontecendo fazendo eu passar por uma prova para ver o que eu tenho a dizer porque ele mesmo já passou por essa prova.

Na verdade tudo está ficando louco.

As visitas de Perry me assustam: Comecei a pensar que ele deve ser um daqueles “braços de ferro” que batem em velhos: Observo ele com cuidado – Ele passa o tempo inteiro de um lado para o outro dizendo “Cara você não curte aquelas bundinhas? O que importa a idade de uma mulher, se ela tem 9 ou 19 anos, o cabelo balançando enquanto elas caminham com a bundinha balançando” – “Você já sequestrou alguma?” – “Acabou o vinho, quer que eu vá buscar mais ou você prefere erva ou o quê? Qual é o problema?” – “Eu não sei o que tá acontecendo!” – “Talvez você seja bebendo demais, cara o Cody me disse que você tá se acabando, não faz uma coisa dessas” – “Mas o que tá acontecendo?” – “Quem se importa, meu velho, estamos todos curtindo o amor e vivendo um dia de cada vez com respeito por nós mesmos enquanto os caretas tentam acabar com a gente” – “Quem?” – “Os Caretas, que tentam acabar com a Gente... a gente só quer curtir e viver e atravessar a noite que nem quando a gente chegar em LA eu vou te mostrar a parada mais louca uns amigos meus de lá” (na minha bebedeira eu já projetei uma grandiosa viagem com Billie e Elliott e Perry até o México mas nós vamos parar em LA para visitar uma mulher rica conhecida de Perry que vai dar uma grana para ele e se ela não der ele vai

pegar de qualquer jeito, e como eu disse eu e Billie também vamos nos casar) – A semana mais insana de toda a minha vida – Billie dizendo à noite “Você tá preocupado que eu não vou segurar a barra de casar com você mas é claro que a gente pode, Cody também quer, eu vou falar com a sua mãe e fazer com que ela me adore e precise de mim: Jack!” ela grita de repente com a voz angustiada musical (porque eu acabei de dizer “Ah Billie vai catar um garanhão para casar”), “Você é a minha última chance de casar com um Garanhão!” – “Como assim Garanhão, você não vê que eu sou louco?” – “Você é louco mas você é a minha última chance de tentar a sorte com um Garanhão” – “Mas e o Cody?” – “O Cody nunca vai largar a Evelyn” – Muito estranho – E tem mais, mesmo que eu não entenda.

MAS EU ENTENDO O ESTRANHO DIA EM QUE BEN FAGAN

FINALMENTE VEIO me visitar sozinho, trazendo vinho, fumando o cachimbo dele e dizendo “Jack você precisa dormir, essa cadeira que você falou que há dias vem sentando você já notou que o assento dela tá caindo?” – Eu me abaixo até o chão e por Deus é verdade, as molas estão saltando – “Há quanto tempo você tá sentado nessa cadeira?” – “Todos os dias esperando a Billie voltar do trabalho e conversando com o Perry e com os outros o dia inteiro... Meu Deus vamos sair daqui e ir sentar lá no parque”, eu acrescento – Nesses dias difusos McLearn também apareceu em um dia esquecido quando, ao ouvir um comentário accidental de que talvez eu pudesse conseguir que publicassem o livro dele em Paris eu pulo da cadeira e faço um DDI para Paris e ligo para Claude Gallimard mas só acho o mordomo dele ao que tudo indica em um subúrbio parisiense e eu escuto as risadinhas insanas do outro lado da linha “É aí a casa, *c'est chez eux de Monsieur Gallimard?*” – Risadinhas – “*Où est Monsieur Gallimard?*” – Risadinhas – Um telefonema estranhíssimo – McLearn esperando empolgado com a ideia de ter seu *Dark Brown* publicado – Então num acesso de loucura eu ligo para Londres para falar com meu velho camarada Lionel sem motivo nenhum e até que enfim encontro ele em casa e ele está dizendo na linha “Você tá me ligando de São Francisco? Mas por quê?” – E eu não sei responder melhor do que o mordomo risonho (e para piorar ainda mais a minha loucura, claro, por que uma chamada internacional para um editor em Paris deveria acabar com uma risada e uma chamada internacional para um velho amigo em Londres acabar com o amigo puto da cara?) – Então Fagan percebe que estou mesmo fora da casa e preciso dormir – “Vamos pegar uma garrafa!” Eu grito – Mas acabo, ele está sentado na grama do parque fumando o cachimbo, do meio-dia às seis, e eu estou desmaiado exausto dormindo na grama, a garrafa ainda fechada, só para acordar de tempo em tempo me perguntando onde estou pelo amor de Deus estou no Céu com Ben Fagan olhando pelos homens e por mim.

E eu digo para Ben quando eu acordo durante o encontro no anoitecer das seis da tarde “Ah Ben me desculpa eu arruinei o teu dia dormindo desse jeito” mas ele diz: “Você precisava dormir, eu disse” – “E você tá me dizendo que passou a tarde inteira sentado aí desse jeito?” – “Observando acontecimentos inusitados”, diz ele, “como por exemplo aqueles arbustos ali adiante que parecem fazer o som de um bacanal” e eu olho e escuto crianças gritando e berrando escondidas nos arbustos do parque – “O que eles tão fazendo?” – “Não sei; teve também umas quantas pessoas estranhas que passaram” – “Quanto tempo eu fiquei dormindo?” – “Muito tempo” – “Me desculpa” – “Pra que se desculpar, eu te amo de qualquer jeito” – “Eu tava roncando?” – “Roncou o dia todo, e eu passei aqui sentado” – “Que dia mais lindo!” – “Sim tá um dia lindo” – “Que estranho” – “Sim, estranho... mas não tão estranho assim também, você só tá cansado” – “O que você acha da Billie?” – Ele segura uma risada por trás do cachimbo: “O que você espera que eu diga? Que o sapo mordeu a tua perna?” – “Por que você tem um diamante na testa?” – “Eu não tenho diamante nenhum na

testa porra e para de tirar essas conclusões absurdas!” ele brada – “Mas o que é que eu tô fazendo?” – “Para de pensar em você, tá legal, vê se flutua com o mundo” – “Mas e o mundo passou flutuando aqui pelo parque?” – “O dia inteiro, você devia ter visto, fumei um pacote inteiro de Edgewood, foi um dia bem estranho” – “E você tá triste que eu não falei com você?” – “Nem um pouco, pra dizer a verdade estou até feliz: é melhor a gente ir voltando”, acrescenta ele, “logo a Billie vai estar de volta do trabalho” – “Ah Ben, ah Girassol” – “Ah merda” diz ele – “É estranho” – “Ninguém disse que não era” – “Eu não tô entendendo” – “Não esquenta” – “Hmm um aposento sagrado, um aposento triste, a vida é um aposento triste” – “Todos os seres sencientes se dão conta disso”, diz ele com um jeito taxativo – Benjamin o meu mestre Zen de verdade mais do que nossos Georges e Arthurs até – “Ben eu acho que eu tô enlouquecendo” – “Você me disse isso em 1955” – “Eu sei mas o meu cérebro tá amolecendo de tanto beber beber e beber” – “O que você precisa é de uma xícara de chá é isso que eu te diria se eu não soubesse que você é louco demais para ter noção do quão louco você é” – “Mas por quê? O que que tá acontecendo?” – “Você viajou cinco mil quilômetros pra descobrir?” – “Cinco mil quilômetros desde onde, afinal? Do meu velho eu resmungão?” – “Isso mesmo, tudo é possível, até o Nietzsche sabia” – “Mas e qual é o problema com o Nietzsche” – “Nenhum, só que ele também ficou louco” – “Você acha que eu tô ficando louco?” – “Hohoho” (ri com vontade) – “O que significam essas risadas na minha cara?” – “Calma, ninguém tá rindo da tua cara” – “Que que a gente vai fazer agora?” – “Vamos visitar o museu ali” – Tem algum tipo de museu do outro lado do parque então eu me levanto meio cambaleante e atravesso o gramado triste com o velho Ben, lá pelas tantas eu ponho o braço em volta do pescoço dele e me apoio – “Você é um zumbi?” Eu pergunto – “Claro, por que não?” – “Eu gosto de zumbis que me deixam dormir?” – “Duluo por um lado é até bom que você beba porque você é muito sovina com você mesmo quando está sóbrio” – “Você tá falando igual ao Julien” – “Eu nunca vi o Julien mas sei que a Billie é a cara dele, você ficou repetindo isso antes de pegar no sono” – “O que aconteceu enquanto eu tava dormindo?” – “Ah, as pessoas passaram e foram e voltaram e o sol foi baixando até se pôr de vez e agora ele já se foi com você pode ver, o que você quer, é só falar que eu dou um jeito” – “Bom, o que eu quero é uma salvação doce” – “Mas o que a salvação tem de doce? Talvez ela seja amarga” – “Eu tô com um amargo na boca” – “Talvez a tua boca seja grande demais, ou pequena demais, a salvação é para os gatinhos mas só por um tempo” – “Você viu algum gatinho hoje?” – “Claro, centenas deles apareceram enquanto você tava dormindo” – “Sério?” – “Claro, você não sabia que você tá salvo?” – “Ah, corta essa!” – “Um deles era enorme e rugia que nem um leão mas ele tinha um baita focinhão úmido e ficou beijando você e você disse Ah” – “Do que que é esse museu aqui?” – “Vamos entrar e descobrir” – Ben é assim, ele também não sabe o que está acontecendo mas ao menos ele espera para descobrir talvez – Mas o museu está fechado – Ficamos plantados nos degraus olhando para a porta fechada – “Ei”, digo eu, “o templo tá fechado.”

Então de repente no pôr do sol vermelho eu e Ben Fagan de braços dados vamos caminhando devagar e tristes pelos degraus largos como dois monges

descendo a esplanada de Kioto (ao menos da forma como eu imagino Kioto) e de repente nós dois estamos sorrindo alegres – Me sinto bem porque dormi mas me sinto bem em especial porque de alguma forma Ben (que tem a minha idade) me abençoou sentando ao meu lado o dia todo enquanto eu dormia e agora com essa meia dúzia de palavras bobas – De braços dados descemos a escada devagar sem trocar uma palavra – Para dizer a verdade foi o único dia de paz que eu tive na Califórnia afora o bosque, eu digo isso para ele e ele diz “Bem, quem disse que você não tava sozinho agora?” fazendo eu perceber a fantasmagoria da existência mesmo que eu consiga sentir esse corpanzil enorme com as mãos e então dizer: “Você parece mesmo um fantasma patético com esse monte de carne efêmera” – “Eu não disse nada” ele ri – “Não liga para nada do que eu disser, Ben, eu sou apenas um idiota” – “Em 1957 bêbado de uísque na grama você disse que era o maior pensador do mundo” – “Isso foi antes de eu dormir e acordar: agora eu sei que não presto pra nada e assim me sinto livre” – “Você não fica nem ao menos livre sem prestar pra nada, é melhor você parar de pensar, só isso” – “Fiquei feliz com a tua visita hoje, acho que eu podia ter morrido” – “É tudo culpa tua” – “O que que a gente vai fazer com a nossa vida?” – “Ah”, diz ele, “eu sei lá, só ficar olhando eu acho” – “Você me odeia? ...Bom, você gosta de mim? ...Afinal em que pé tão as coisas?” – “Pros camponeses tá tudo certo” – “Alguém te enfeitiçou ultimamente...?” – “Hm, com jogos de papelão?” – “Jogos de papelão?” Eu pergunto – “Ah, você sabe, eles montam umas casinhas de papelão e põem gente lá dentro e as pessoas são de papelão e o mágico faz o cadáver ter pequenos espasmos e eles levam água para a lua, e a lua tem uma orelha estranha e tudo mais, então eu tô legal, sua Besta.”

“Tá bom.”

ENTÃO LÁ ESTOU EU QUANDO COMEÇA A ESCURECER parado com uma mão na cortina da janela olhando para a rua lá embaixo enquanto Ben Fagan vai caminhando até a esquina para pegar o ônibus, com as calças largas de veludo cotelê e a simples camisa azul da Goodwill, indo para casa curtir um banho de espuma e um famoso poema, na verdade sem nenhuma preocupação ou ao menos sem nenhuma preocupação relativa ao que me preocupa embora ele também carregue uma culpa angustiante eu acho e um remorso inconsolável porque o romance caça-níqueis do tempo não fez suas manhãs primordiais por sobre os pinheiros do Oregon acontecerem – Estou agarrado aos drapês da janela como o Fantasma da Ópera atrás da máscara, esperando que Billie volte para casa e relembro como eu costumava ficar assim perto da janela na minha infância e olhar para as ruas escuras lá fora e pensar em como eu era ruim nesse desenvolvimento que todo mundo chamava de “minha vida” e de “vida deles” – Não é tanto por ser um bêbado que eu me sinto culpado mas porque outros que ocupam esse plano de “vida terrena” comigo não sentem culpa alguma – Juizes corruptos fazendo a barba e sorrindo de manhã rumo a indiferenças hediondas, generais respeitáveis ordenando por telefone que soldados marchem em direção à morte ou caíam mortos, trombadinhas acenando a cabeça em celas dizendo “Eu nunca machuquei ninguém”, “ao menos isso eu posso dizer, sim senhor”, mulheres que se julgam salvadoras dos homens simplesmente roubando a essência deles porque acham que é isso mesmo que seus pescoços de cisne merecem (embora para cada pescoço de cisne que você perde haja outros dez à espera, cada um deles prontos para ir para a cama por qualquer mixaria), na verdade homenzarrões enormes monstruosos só porque as camisas deles são limpas se achando no direito de controlar as vidas dos trabalhadores indo até o governador e dizendo “Comigo o dinheiro dos seus impostos vai ser muito bem investido”, “O senhor tem de perceber como eu sou eficiente e o quanto eu sou necessário, sem mim o que seria do senhor?” – Até o grande cartum de um homem voltado para o sol nascente com ombros fortes com um arado aos pés, o governador engravatado vai tirar proveito enquanto o sol nasce – ? – Me sinto culpado por fazer parte da raça humana – Bêbado sim e um dos maiores idiotas do mundo – Na verdade sequer um bêbado legítimo apenas um idiota – Mas eu fico lá parado com a mão na cortina esperando Billie, que está atrasada, Ah eu, eu lembro daquela coisa assustadora que Milarepa disse que é diferente das palavras de consolo dele que eu lembrei na cabana da minha doce solidão em Big Sur: “Quando as várias experiências vêm à luz durante a meditação, não fiqueis orgulhoso nem angustiado para contar aos outros, de outro modo vos aborrecereis as Deusas e as Mães” e aqui estou eu o perfeito escritor americano idiota fazendo exatamente isso não só para ganhar a vida (o que afinal de contas eu sempre fui capaz de fazer na ferrovia no navio e erguendo tábuas e sacos com as minhas humildes mãos) mas porque se eu não escrever o que eu vejo acontecer nesse globo infeliz arredondado pelos contornos da minha caveira eu acho que posso ter sido mandado à Terra pelo pobre Deus a troco de nada – Mas ser um Fantasma da Ópera por que isso me deixaria preocupado? – Na minha

juventude apoiando a testa desesperançoso na barra da máquina de escrever, perguntando a mim mesmo porque Deus existia afinal? – Ou mordendo os lábios em penumbras marrons na cadeira da sala onde o meu pai morreu e nós todos morremos um milhão de mortes – Só Fagan entende e agora ele pegou o ônibus – E quando Billie volta para casa com Elliott eu abro um sorriso e me sento na cadeira e ela desaba embaixo de mim, blang, me estatelo surpreso no chão, a cadeira se foi.

“Como que isso foi acontecer?” Billie se pergunta e nós dois olhamos juntos para o aquário e os dois peixinhos dourados estão fluando mortos de barriga para cima na superfície d’água.

Eu passei uma semana sentado naquela cadeira ao lado do aquário bebendo e fumando e conversando e agora os peixinhos estão mortos.

“O que será que matou eles?” – “Não sei” – “Será que foram os sucrilhos Kellogg’s que eu dei pra eles?” – “Pode ser, o certo é dar só comida de peixe” – “Mas eu achei que eles tavam com fome e aí eu dei uns farelinhos de sucrilhos” – “Bom eu não sei o que matou eles” – “Mas por que ninguém sabe? O que aconteceu? Por que essas coisas acontecem? Lontras e ratos e tudo morrendo por todos os lados Billie, eu não aguento mais, é sempre minha culpa o tempo inteiro!” – “Quem disse que era sua culpa querido?” – “Querido? Você tá me chamando de querido? Por que você tá me chamando de querido?” – “Ah deixa eu te amar” (me dando um beijo), “é só porque você não merece” – (Penitente): – “E por que eu não mereço?” – “Porque você diz que não...” – “Mas e os peixes” – “Eu não sei, é sério” – “Será que é porque passei a semana inteira sentado naquela cadeira bamba fumando na água deles? E todo mundo fumando e ainda por cima toda aquela conversa?” – Mas o garotinho Elliott sobe no colo da mãe e começa a fazer perguntas: “Billie”, ele chama ela, “Billie, Billie, Billie”, tocando o rosto da mãe, eu quase enlouqueço de tanta tristeza – “O que você fez hoje?” – “Saí com o Ben Fagan e dormi no parque... Billie o que que a gente vai fazer?” – “Qualquer hora dessas vamos fazer o que você disse, casar e pegar um avião pro México com o Perry e o Elliott” – “Eu tenho medo do Perry e do Elliott também” – “Ele é só um garotinho” – “Billie eu não quero me casar, eu tô com medo...” – “Medo?” – “Eu quero ir pra casa e morrer com o meu gato.” Eu poderia ser um elegante presidente magro de terno sentado em uma cadeira de balanço à moda antiga, mas não em vez disso eu sou apenas o Fantasma da Ópera parado ao lado de um drapê em meio a peixes mortos e cadeiras quebradas – Será mesmo que ninguém se importa com quem me fez ou por quê? – “Jack o que houve, do que você tá falando?” mas de repente enquanto ela está preparando o jantar e o pobrezinho do Elliott está lá esperando com a colher em riste no punho eu percebo que tudo é apenas uma cena familiar e eu é que não passo de um doido no lugar errado – E de fato Billie começa a dizer “Jacka gente devia estar casado e curtir uns jantares tranquilos assim com o Elliott, é uma coisa que ia santificar você pra sempre eu garanto”.

“O que que eu fiz de errado?” – “O que você fez de errado foi negar o seu amor a uma mulher como eu e às mulheres anteriores e às mulheres futuras como eu – imagina só a curtição que seria a gente estar casado, pôr o Elliott pra dormir, sair pra escutar um jazz ou até pegar aviões pra Paris de repente e todas

as coisas que eu tenho pra te ensinar e que você tem pra me ensinar – em vez disso só o que você tá fazendo é desperdiçando a sua vida aí sentado triste pensando no que fazer e o tempo todo as coisas que você procura estão debaixo do seu nariz” – “Mas supondo que eu não queira...” – “Dizer que você não quer faz parte do jogo, na verdade você quer...” – “Mas eu não quero, eu sou um cara estranho bizarro que você nem devia conhecer” (“Bizau? O que que é bizau? Billie? O que que é bizau?” pergunta o pobre Elliott) – E enquanto isso Perry aparece por uns instantes e eu digo sem nenhum rodeio para ele “Perry eu não te entendo, eu te amo, te curto, você é demais, mas que história é essa de sequestrar garotinhas?” mas de repente enquanto eu estou fazendo a pergunta eu vejo lágrimas nos olhos dele e percebo que ele é apaixonado por Billie e sempre foi, uau – Eu até digo, “Você é apaixonado pela Billie, né? Desculpa, eu tô dando o fora daqui” – “Do que você tá falando?” – Aí começa uma puta explicação sobre ele e Billie serem só amigos e eu começo a cantar *Just Friends* igual ao Sinatra “Two friends but not like before” mas Perry com seu bom coração ao me ver cantar corre escada abaixo para me trazer outra garrafa – Mas ainda assim os peixes estão mortos e a cadeira quebrada.

Perry na verdade é um jovem trágico com grande potencial que simplesmente não faz nada para evitar que o arrastem até o inferno eu acho, a não ser que alguma coisa aconteça e logo, eu olho para ele e percebo que além de amar Billie em segredo e de verdade ele também deve amar o velho Cody tanto quanto eu amo e amar todo mundo ainda mais do que eu mas ele é o cara que acaba sempre atrás das grades por causa disso – Robusto, coberto de desgostos, ele fica lá sentado com o cabelo preto sempre caído na testa, por cima dos olhos pretos, os braços de ferro pendendo como os braços de um poderoso idiota no manicômio, com a beleza da perdição espalhada por toda a aparência – Quem é ele? No fundo? – E por que a loira Billie que está lavando os pratos da casa não reconhece o amor dele? – Na verdade eu e Perry acabamos os dois sentados com a cabeça pendente quando Billie volta para a sala e vê nós dois daquele jeito, como dois catatônicos arrependidos no inferno – Um negro aparece e diz que se eu der uns dólares para ele ele descola uma erva mas assim que eu dou cinco dólares ele diz de repente “Eu não vou conseguir nada” – “Você tem cinco dólares, é só ir atrás” – “Não sei se eu vou conseguir” – Não gosto nem um pouco dele – De repente eu vejo que posso pular em cima e derrubar ele no chão e tomar os cinco dólares de volta mas eu não estou nem aí para o dinheiro mas estou putado da cara por ele ter feito isso – “Quem é aquele cara?” – Eu sei que se eu inventar de brigar com ele ele vai puxar uma faca e arrebentar a sala de Billie também – Mas de repente aparece um outro negro que acaba sendo uma visita agradável falando sobre jazz e irmandade e eles vão todos embora e eu e Jacky ficamos sozinhos para pensar um pouco mais na vida.

Toda a cola muscular do sexo é um saco, mas eu e Billie curtimos uma farra sexual tão fantástica que afinal é por isso que a gente consegue filosofar daquele jeito e concordar e rir junto em nossa doce nudez “Ah querido junto a gente é louco, a gente podia morar numa cabana de troncos nas montanhas sem dizer nada por anos, estava escrito que a gente tinha que se conhecer” – Ela diz todo tipo de coisa enquanto uma ideia me ocorre: “Já sei, Billie, que tal a gente

sair da Cidade e levar o Elliott com a gente pra cabana do Monsanto no meio do bosque por uma ou duas semanas e esquecer de todo o resto” – “Sim eu posso ligar para o meu chefe e tirar umas semanas de folga, Ah Jack vamos” – “E vai ser bom pro Elliott, se afastar desses teus amigos sinistros, pelo amor de Deus” – “O Perry não é sinistro.”

“A gente se casa e vai embora morar nas Montanhas Adirondack, de noite à luz do lampião a gente vai curtir uma jantinha simples com o Elliott” – “Eu sempre vou fazer amor contigo” – “Mas você nem vai precisar porque nós dois vamos ver que somos insetos... nossa casa vai ter verdade escrita em toda a parte mas mesmo que o mundo inteiro venha manchar tudo com as tintas pretas do ódio a gente vai estar caindo de bêbado com a verdade!” – “Toma um pouco de café” – “Minhas mãos vão ficar dormentes e eu não vou poder usar o machado mas ainda assim eu vou ser um homem verdadeiro... À noite eu vou ficar perto do drapê da janela escutando os balbucios do mundo inteiro e depois vou te contar” – “Mas Jack eu te amo e não é só por isso, você não vê que a gente foi feito um pro outro desde o início, você não vê que quando você veio com o Cody e começou a me chamar de Julien por aquele motivo besta que você me contou onde eu pareço com um velho amigo seu em Nova York” – “Que odeia o Cody do fundo do coração e o Cody odeia ele” – “Mas você não vê que isso é um desperdício?” – “Mas e o Cody? Você quer que a gente case mas você ama o Cody e na verdade o Perry também te ama” – “Tá mas e qual é o problema com isso ou com tudo isso? Existe um amor perfeito entre nós dois pra sempre não há dúvida mas nós só temos dois corpos” – (uma frase estranha) – Fico ao lado da janela olhando para a noite cintilante de São Francisco com suas casas mágicas de papelão dizendo “E você ainda tem o Elliott que não gosta de mim e eu não gosto dele e na verdade eu não gosto de você e nem de mim mesmo, que tal?” (Billie não responde nada mas só guarda a raiva que extravasa mais adiante) – “Mas a gente pode ligar pro Dave Wain e ele nos leva até a cabana em Big Sur e pelo menos a gente fica sozinho no bosque” – “Eu já falei que é isso que eu quero fazer!” – “Então liga de uma vez pra ele!” – Eu digo o número e ela liga igual a uma secretária – “Ah a triste música da vida, já fiz tudo, vi tudo, fiz tudo com todo mundo” eu digo com o telefone na mão, “o mundo inteiro tá parecendo um ginasta do segundo ano ávido por aprender o que ele chama de Coisas novas, presta atenção, a mesma música velha triste repetitiva da morte... porque a razão que eu grito toda essa morte é porque na verdade eu tô gritando a vida, porque você não pode ter morte sem vida, alô Dave? Você tá aí? Sabe por que que eu tô ligando? Escuta só... pega aquela morenaça romena louca Romana e põe ela no Willie e vem até aqui o apê da Billie pegar a gente, nós vamos fazer as malas enquanto vocês estão vindo, o mel tá correndo, vamos todos passar duas semanas de pura alegria na cabana do Monsanto” – “E ele tá sabendo?” – “Eu vou ligar agora mesmo e perguntar, claro que ele deixa” – “Hmm eu achei que eu ia pintar o muro da Romana amanhã mas talvez eu acabasse na mangaúca de qualquer jeito: tem certeza que você quer fazer isso agora?” – “Só, vamos lá” – “E eu posso levar a Romana?” – “Claro, por que não poderia?” – “E pra que isso tudo?” – “Ah meu velho, talvez só pra te ver de novo e a gente poder falar sobre os nossos objetivos: você quer dar um ciclo de palestras na universidade de Utah

e na universidade de Brown e falar pras crianças engomadinhas?” – “Engomadinhas com o quê?” – “Engomadinhas com a perfeição desesperançosa da esperança pioneira puritana que não deixa sobrar nada além de pombos mortos pra gente ver?” – “Tá legal eu já tô saindo... mas primeiro vou encher o tanque do velho Willie e trocar o óleo também” – “Eu te pago quando vocês chegarem” – “Ouvi dizer que você e a Billie tavam fugindo pra se casar” – “Quem foi que te disse?” – “Tava no jornal de hoje” – “Bom vamos entrar mais uma vez no velho Willie mas não traz o Ron Blake, vamos estar só os dois casais, beleza?” – “Só – e escuta eu vou levar a minha vara de pescar e pegar uns peixes para a gente” – “Vai ser uma curtidão – e escuta Dave eu tô muito grato por você estar livre e ter topado nos levar até lá, eu tô no fundo do poço, passei uma semana aqui bebendo e a cadeira quebrou e os peixes morreram e eu tô todo fodido outra vez” – “Ah você não devia tomar bebidas doces o tempo inteiro e você também não come nunca” – “Mas o problema não é esse” – “Bom a gente vai descobrir qual é o problema” – “É isso aí” – “Eu acho que o problema são aqueles pombos” – “Por quê?” – “Sei lá, lembra quando a gente tava em East St. Louis com o George, e Jack você disse que amaria aquelas dançarinas lindas se você soubesse que elas iam viver lindas para sempre?” – “Mas isso é só uma citação do Buda” – “Eu sei, mas as garotas não esperavam uma coisa daquelas” – “Como é que você tá Dave? O que o Fagan tá aprontando essa noite” – “Ah ele tá sentado no quarto escrevendo alguma parada, diz que é o LIVRO DA PIRAÇÃO, cheio de desenhos malucos, e o Lex Pascal tá bêbado outra vez e a música tá tocando e eu tô triste pra cacete e feliz que você ligou” – “Você gosta de mim Dave?” – “Eu não tenho mais o que fazer, garoto” – “Mas sério você tem outra coisa para fazer né?” – “Escuta não esquentá, eu já apareço aí, liga pro Monsanto agora porque a gente ainda tem que pegar as chaves do portão do curral com ele” – “Eu fico muito feliz de ter um amigo que nem você, Dave” – “Eu também, Jack” – “Por quê?” – “Talvez eu quisesse plantar bananeira na neve para mostrar pra você mas é sério, eu tô feliz, vou continuar feliz, afinal é isso mesmo a gente não tem mais nada o que fazer além de resolver esses malditos problemas e eu tô agora mesmo com um problemão aqui dentro das calças pra Romana resolver” – “Mas é uma ideia tão doentia e batida enxergar a vida como um problema a ser resolvido” – “Sim mas eu só tô repetindo o que eu li nos manuais do pombo morto” – “Dave eu te amo” – “Beleza daqui a pouco eu apareço aí”.

ARRUMAMOS AS PATÉTICAS ROUPAS DE INVERNO DO PEQUENO ELLIOTT e separamos a comida e preparamos nossa cesta e esperamos que Dave chegue triste à noite – E temos uma grande conversa – “Billie mas por que os peixes morreram?” mas ela já sabe que eles provavelmente morreram porque eu dei sucrilhos Kellogg’s para eles ou alguma coisa deu errado, o certo é que ela não esqueceu de dar comida para eles nem nada, fui eu, é tudo culpa minha, eu preferia enferrujar com as meditações exageradas de outono do que ter causado a morte daqueles pobre nacos de morte dourada flutuando na água espumosa – Me faz lembrar da lontra – Mas eu não consigo explicar para Billie que está toda abstrata e falando sobre os encontros abstratos das nossas almas no inferno, e o pequeno Elliott puxando ela e perguntando “Onde a gente vai? Onde a gente vai? Pra quê? Pra quê?” – Ela está dizendo “E tudo porque você acha que não merece ser amado porque você acha que causou a morte dos peixinhos dourados mesmo que provavelmente eles tenham morrido por vontade própria” – “Por que eles fariam isso? Por quê? Que tipo de lógica dos peixes é essa?” – “Ou porque você acha que você bebe demais e assim cada vez que a bebida sobe à sua cabeça você diz que as suas mãos ficam inúteis, que nem você disse ontem de noite enquanto me abraçava com essas mesmas mãos abençoando o meu coração e o meu corpo com o seu amor, Ah Jack já tá na hora de você acordar e vir comigo ou pelo menos com alguma outra pessoa e abrir os seus olhos pra ver por que Deus colocou você aqui, de parar de olhar pro chão o tempo inteiro, você e o Perry são loucos – Vou desenhar círculos lunares mágicos que vão mudar a sorte de vocês” – Eu olho bem nos olhos dela e eles são azuis e digo “Ah, Billie, me desculpa” – “Viu só você já começou a falar em culpa outra vez” – “Bom eu não sei nada sobre essas grandes teorias sobre como o tudo deveria ser porra eu só sei que sou um monte de bosta de cavalo inútil olhando nos teus olhos e dizendo Me ajuda” – “Mas essas frases grandiosas que você diz no final não te ajudam” – “Claro que não eu sei mas o que mais você quer?” – “Quero que a gente se case e entre num acordo quanto às coisas eternas” – “Pode ser que você teja certa” – Vejo tudo tagarelando diante de mim o eterno trololó da vida na cozinha, a longa sepultura escura de conversas fúnebres à meia-noite sob a luz da cozinha, na verdade me encho de amor ao perceber que a vida tão ávida e mal compreendida mesmo assim estende sua fina mão esquelética para mim e para Billie também – Mas você sabe do que eu estou falando.

E é assim que começa.

TUDO PARECE MUITO TRISTE MAS NA VERDADE FOI UMA NOITE ALEGRE quando Dave e Romana apareceram e aí tem toda a função de carregar as caixas e as roupas até o carro, de bebericar nas garrafas, até de se preparar para ir cantando “Home On the Range” e “I’m Just a Lonesome Old Turd” de Dave Wain durante todo o caminho até Big Sur – Eu sentado na frente ao lado de Dave e de Romana por algum motivo talvez porque eu quisesse me identificar com a minha velha cadeira de balanço quebrada na frente e me escorar lá me balançando e cantando mas com Romana entre a gente o assento fica preso no lugar e não balança mais – Enquanto isso Billie está no colchão traseiro com o filho adormecido e lá vamos nós estrondeando pela Bay Shore até a outra orla sem se importar com o que ela pode nos trazer, o jeito que as pessoas sempre se sentem quando experimentam uma viagem curta ou longa especialmente à noite – Os olhares esperançosos voltados para o brilho do capô em direção à bocarra com a risca branca sendo engolida em linha reta que nem uma flecha, o acender de cigarros, a expectativa em relação à próxima aventura algo que vem acontecendo na América desde que os primeiros carroções atravessaram os desertos em três meses direto – Billie não se importa que eu não sente com ela lá atrás porque ela sabe que eu quero cantar e me divertir – Eu e Romana fazemos medleys fantásticos de canções populares e tradicionais de todos os tipos e Dave contribui com especialidades de barítono romântico frequentador de clubes noturnos em Nova York Chicago – Na verdade o meu Sinatra vacilante mal se faz ouvir – Bata nos seus joelhos e grite e cante Dixie e Banjo On My Knee, “Onde está a minha harmônica, eu venho querendo comprar uma harmônica de oito dólares já faz oito anos”.

Sempre começam assim, os maus momentos – Nada se ganha nem se perde com a minha insistência em passar na casa de Cody para pegar umas roupas que eu tinha deixado lá mas em segredo eu quero que Evelyn finalmente fique cara a cara com Billie – Mas fico mais surpreso ao ver o olhar de absoluto espanto no rosto de Cody quando entramos na sala dele à meia-noite e eu anuncio que Billie está dormindo no jipe – Evelyn não está nem um pouco perturbada e na verdade me diz na cozinha “Sempre achei que ela ia acabar vindo aqui mais cedo ou mais tarde mas eu acho que era você quem tinha que trazer ela” – “Por que o Cody tá tão preocupado?” – “Você tá estragando as chances dele de ser discreto” – “Ele passou uma semana inteira sem aparecer pra nos ver, de certa forma foi isso o que aconteceu, ele me deixou preso lá: Além disso eu também tenho me sentido um lixo” – “Bem se você quiser você pode convidar ela pra entrar” – “Bom igual a gente vai seguir viagem a qualquer instante, você quer ver ela ao menos?” – “Pra mim dá na mesma” – Cody está sentado na sala absolutamente rígido, duro, formal, com uma grande pedra irlandesa no olho: Eu sei que ele está muito putado da cara comigo mas eu não sei bem por quê – Eu saio e lá está Billie sozinha no carro roendo as unhas cuidando de Elliott que está adormecido – “Você quer entrar pra conhecer a Evelyn?” – “Acho que não, ela não vai gostar, o Cody tá lá?” – “Tá” – Então Willamine desce (bem naquela hora me lembro de Evelyn dizendo para mim que Cody

sempre chama as mulheres dele pelo primeiro nome completo, Rosemarie, Joanna, Evelyn, Willamine, ele nunca dá nem usa apelidos idiotas).

O encontro não tem nada de extraordinário, claro, as duas garotas ficam quietas e mal olham para a cara uma da outra então sou só eu e Dave Wain com a mesma ladainha de sempre e eu vejo que Cody está mesmo muito doente e cansado de me ver trazendo pessoas arbitrariamente para a casa dele, fugindo com a amante dele, me embebedando e sendo expulso de peças de teatro familiares, cem dólares ou sem dólares provavelmente ele agora sente que eu não passo de um imbecil afinal de contas e perdido sem conserto para sempre mas só que eu não percebo nada disso porque estou me sentindo bem – Eu quero que a gente continue a viagem cantando músicas mais obscenas e mais obscuras até estar manobrando pelas estradas estreitas das montanhas no embalo das grandes canções.

Eu tento falar com Cody a respeito de Perry e todas as outras figuras estranhas que visitam Billie na Cidade mas ele só me olha de soslaio e diz “Ah, só, hm”, – Eu não sei nem nunca vou saber afinal o que ele pretende a longo prazo: Percebo que sou apenas um forasteiro idiota de bobeira com outros forasteiros sem razão nenhuma longe de tudo aquilo com que eu me importo seja lá o que isso for – Sempre um “visitante” efêmero à Costa que nunca se envolveu na vida de ninguém porque eu estou sempre pronto para tomar um avião para o outro lado do país mas não porque lá eu tenha vida própria, só um forasteiro viajante como Old Bull Balloon, na verdade um exemplo da solidão de Doren Coit esperando pela única viagem real, a Vênus, à montanha de Mien Mo – Mas quando eu olho para fora da janela da sala de Cody bem naquela hora eu vejo a minha estrela brilhando como ela sempre fez ao longo desse 38 anos sobre o berço, sobre as vigias do navio, as janelas da prisão, os sacos de dormir mais recentes e agora ela está mais estúpida e escura e ficando menos nítida caralho como se até a minha própria estrela agora estivesse fugindo das preocupações comigo como eu das preocupações com ela – Na verdade somos todos forasteiros de olhar estranho sentados à meia-noite em uma sala de estar para nada – E as papos, como Billie dizendo “Eu sempre quis uma lareira legal” e eu estou gritando “Não te preocupa a gente vai ter uma lá na cabana né Dave? E toda a lenha já tá cortada!” e Evelyn: – “O que o Monsanto acha de vocês usarem a cabana dele o verão inteiro, não era pra você ir lá sozinho em segredo?” – “Agora é tarde demais!” Eu canto tomando um gole da garrafa que sem ela eu simplesmente cairia envergonhado de cara no chão ou na estrada de cascalho – E Dave e Romana finalmente parecem um pouco incomodados então nós todos levantamos, zum, e no fim essa é a última vez que eu vejo Cody e Evelyn.

E como eu estava dizendo as nossas canções ficam cada vez mais fortes à medida que a estrada fica mais escura e mais doída, aqui estamos nós enfim na estrada do cânion com os faróis iluminando os inóspitos bancos de areia – Até o córrego onde eu destranco o portão do curral – Através do gramado e de volta para a cabana assombrada – Onde com a força da birita daquela noite e com a alegria da fuga eu e Billie nos divertimos adoidado acendendo fogueiras e preparando café e *gong* para ficarmos juntos num único saco de dormir bem

aconchegados depois da gente ter enrolado bem o pequeno Elliott e Dave e Romana terem se retirado para o saco de dormir duplo de nylon que ele trouxe para dormir junto ao córrego sob o luar.

Não, é o próximo dia e a próxima noite o que me preocupa.

O DIA COMEÇA SIMPLES com eu me levantando bem-disposto e descendo até o córrego para beber água das minhas mãos e me lavar, a visão das ondulações lânguidas de uma grande coxa morena por cima da massa de nylon trazida por Dave indica uma cena de amor matinal, na verdade mais tarde Romana nos diz durante o café da manhã “Hoje quando eu acordei e vi todas aquelas árvores e água e nuvens eu disse pro Dave ‘Que universo incrível que a gente criou’” – Um despertar de Adão e Eva, sendo esse na verdade um dos dias mais felizes de Dave porque afinal ele queria mesmo se afastar outra vez da Cidade e agora com uma boneca dessas, e ele trouxe todo o equipamento de pesca planejando um dia e tanto – E nós trouxemos um monte de comidas gostosas – O único problema é que o vinho acabou então Dave e Romana saem no Willie para buscar mais numa loja 20 quilômetros ao Sul pela autoestrada – Eu e Billie estamos sozinhos conversando ao pé do fogo – Começo a me sentir totalmente para baixo assim que o efeito do álcool da noite passada começa a se dissipar.

Tudo está tremendo outra vez, a mão tremendo, a bem dizer eu não consigo sequer acender o fogo e Billie acaba acendendo – “Já não consigo nem acender uma fogueira!” eu grito – “Bem eu consigo” diz ela numa das raras ocasiões em que ela me dá o troco por eu ser tão idiota – O pequeno Elliott passa o tempo inteiro perguntando isso e aquilo para ela, “Pra que serve esse galho? É pra pôr no fogo? Por quê? Como é que ele queima? Por que ele queima? Onde a gente tá? Quando a gente vai embora?” e a cena evolui de modo que ela começa a falar com ele em vez de comigo porque afinal eu só estou lá sentado olhando para o chão suspirando – Mais tarde quando ele tira um cochilo nós descemos o caminho até a praia, por volta do meio-dia, nós dois tristes e quietos – “Qual será o problema” eu digo em voz alta – Ela: – “Tudo estava tão bem ontem à noite quando a gente dormiu junto no saco de dormir e agora você nem pega na minha mão... porra eu vou me matar!” – Porque sóbrio eu comecei a perceber que essa parada foi longe demais, que eu não amo Billie, que eu estou enganando ela, que foi um erro trazer todo mundo aqui, que eu simplesmente quero ir para casa agora, estou apenas de saco cheio que nem Cody eu acho de toda essa história de dar nos nervos ruim do jeito que ela é sempre voltando a esse pobre cânion assombrado que mais uma vez me dá calafrios enquanto nós caminhamos por debaixo da ponte e chegamos perto da rebentação desalmada que estoura na areia mais alta que a terra e mais parece o desalmamento da sabedoria – Além do mais eu de repente percebo como que pela primeira vez o jeito terrível como folhas do cânion que conseguiram ser sopradas até a orla avançam hesitantes com as lufadas de vento e então por fim mergulham na água para serem dispersadas e surradas e derretidas e arrastadas para o mar – Eu me viro e percebo como o vento está simplesmente arrancando elas das árvores e atirando elas no mar, arrancando elas como que em direção à morte – No estado em que eu me encontro elas parecem humanas tremendo junto à borda – Mais rápido, mais rápido – Naquela terrível rajada enorme atroz do vento de outono em Big Sur.

Bum, clap, as ondas ainda estão falando agora mas eu estou de saco cheio

de tudo o que elas disseram ou ainda têm a dizer – Billie quer que eu caminhe com ela até as cavernas mas eu não quero me levantar da areia onde estou sentado com as costas numa pedra – Ela vai sozinha – De repente eu me lembro de James Joyce e fito as ondas percebendo “Você passou o verão inteiro aqui escrevendo os supostos sons das ondas sem perceber a seriedade mortal da sua vida e do seu destino, você é um idiota, um garotinho deslumbrado com um lápis, não tá vendo que você vem usando as palavras como se elas fossem uma brincadeira alegre – todas aquelas coisas céticas maravilhosas que você escreveu sobre túmulos e a morte do mar É TUDO VERDADE SEU IMBECIL! Joyce morreu! O mar levou ele! E vai levar VOCÊ!” e eu olho para a praia e lá está Billie caminhando no repuxo perigoso, ela já gemeu várias vezes antes (vendo a minha indiferença e também claro a desesperança na casa de Cody e a desesperança do apartamento decrepito e da vida decadente que ela leva) “Um dia eu ainda vou me matar”, de repente eu me pergunto se ela não vai horrorizar a mim e aos céus com uma súbita caminhada suicida em meio ao repuxo – Vejo os tristes cabelos loiros dela esvoaçando, a triste silhueta esbelta, sozinha no mar, no mar que arrasta as folhas, de repente ela me lembra de alguma coisa – Recordo seus suspiros musicais da morte e vejo as palavras nitidamente gravadas na minha memória sobre a figura dela na areia: – STA. CAROLINA À BEIRA MAR – “Você é a minha última chance” ela disse mas não é isso o que as mulheres sempre dizem? – Mas pode ser que por “última chance” ela tenha se referido não a um simples casamento mas a um insight profundamente triste de alguma coisa em mim que ela precisa para continuar vivendo, ao menos essa impressão é a que tenho afinal por força de toda essa lugubridade que nós compartilhamos – Será que eu estou negando a ela alguma coisa sagrada como ela diz, ou será que sou apenas um imbecil que nunca vai aprender a ter um relacionamento decente profundo de sintonia mental eterna com uma mulher e que joga tudo isso fora por uma canção e uma garrafa? – Nesse caso a minha vida está mesmo acabada de verdade e lá estão as ondas joyceanas com as bocas inexpressivas delas dizendo “Sim isso mesmo”, e lá estão as folhas passando uma atrás da outra pela areia e então mergulhando – Na verdade o córrego está transportando outras centenas delas desde as montanhas mais distantes – O grande vento sopra e rugue, é uma fúria amarela ensolarada azul por toda parte – Eu vejo as pedras balançarem parece que Deus está mesmo ficando irritado com esse mundo e prestes a acabar com ele: grandes penhascos balançando diante do meu olhar apatetado: Deus diz “Isso foi longe demais, vocês estão destruindo tudo de um jeito ou de outro balança bum o fim é AGORA”.

“O Retorno, tic-toc”, eu penso estremeando – Sta. Carolina à Beira Mar continua se afastando mais – Eu podia correr e ir ver ela mas ela está longe demais – Eu percebo que se aquela louca tentar uma coisa dessas eu vou ter que correr feito um doido e nadar para salvá-la – Eu me levanto e me aproximo aos poucos mas na mesma hora ela se vira e começa a voltar... “E se eu chamo ela de ‘aquela louca’ nos meus pensamentos secretos do que será que ela me chama?” – Que merda, estou de saco cheio da vida – Se eu tivesse um mínimo de coragem eu me afogaria naquelas águas cansadas mas não adiantaria nada,

eu vejo os grandes planos e transformações virando gosma lá no fundo para nos atormentar com algum outro sofrimento miserável – Acho que é isso que ela sente – Ela parece tão triste lá perambulando como Ofélia de pés descalços entre os trovões.

E como se tudo isso não bastasse lá vêm os turistas, pessoas de outras cabanas no cânion, estamos na época mais ensolarada e o pessoal sai duas três vezes por semana, recebo um olhar contrariado da senhora idosa que ao que tudo indica ouviu falar do “autor” que foi convidado em segredo para ficar na cabana de Monsanto mas em vez disso trouxe um monte de gente e garrafas e hoje o pior de tudo vagabundas – (Porque de fato antes naquela manhã Dave e Romana já tinham feito amor na areia em plena luz do dia à vista não só de quem estava lá na praia mas também daquela nova cabana no alto do penhasco) (mas escondido das pessoas na ponte pela muralha do penhasco) – Então logo espalharam a notícia de que estavam promovendo uma farra na cabana de Monsanto e ele nem estava lá – Essa senhora idosa acompanhada por crianças de todo tipo – Então quando Billie retorna do outro lado da praia e começa a andar comigo pelo caminho (e eu pareço um idiota com um cachimbo de mago que mede uns trinta centímetros na boca tentando acender ele no vento para disfarçar) a senhora olha ela de cima a baixo mas Billie só abre um sorriso discreto e chilreia um olá.

Me sinto o mais desgraçado não o mais desprezível infeliz de todo o mundo, na verdade o meu cabelo está voando em tufo desgrenhados por cima da minha cara estúpida e cretina, agora a ressaca fez a paranoia tomar conta de todo o meu lamentável ser.

De volta à cabana eu não consigo rachar lenha por medo de cortar fora um pé, não consigo dormir, não consigo sentar, não consigo andar, fico indo até o córrego para beber água até que finalmente eu estou indo lá pela milésima vez o que deixa Dave Wain intrigado quando ele volta com mais vinho – Sentamos lá entornando cada um a sua garrafa, na minha paranoia eu começo a me perguntar por que eu bebo só de uma garrafa e ele só da outra – Mas ele está alegre “Agora eu vou pescar e encher um samburá de peixes para a gente fazer um jantar maravilhoso; Romana você prepara a salada e tudo mais; agora a gente vai te deixar sozinho” acrescenta ele em tom sombrio e Billie acha que ele está nos atrapalhando, “mas escuta, hoje de noite por que a gente não vai no Nepenthe discutir as nossas tristezas e curtir o luar no terraço com uns Manhattans, ou então vamos ver o Henry Miller?” – “Não!” Eu quase grito, “Quer dizer eu tô tão exausto que eu não quero fazer nada nem ver ninguém” – (mesmo assim já sentindo um remorso terrível por causa de Henry Miller, a gente combinou com ele uma semana atrás mais ou menos e em vez de aparecer na casa do amigo dele em Santa Cruz às sete horas a gente estava bêbado às dez fazendo chamadas de longa distância e o pobre Henry só disse “Ah fico triste de não ver você Jack mas eu sou um velho e às dez já é hora de eu estar na cama, agora vocês não chegariam aqui antes da meia-noite”) (a voz dele no telefone igual à das gravações, nasal, com sotaque do Brooklyn, a voz de um cara bacana, e ele de certa forma decepcionado porque se deu o trabalho de escrever o prefácio de um dos meus livros) (mas agora de repente eu penso nas

minhas paranoias arrependidas “Ah vai pro inferno também ele só tava se aproveitando que nem todos esses caras que escrevem prefácios e você não consegue nem ler o livro antes”) (só para dar um exemplo do quão psicótico e louco eu estava ficando).

Sozinho com Billie ainda pior – “Não sei mais o que fazer agora”, diz ela junto ao fogo como as antigas donas de casa de Salem (“Ou bruxas de Salem?” Eu abro um sorriso debochado) – “Eu podia deixar o Elliott na casa de alguém ou num orfanato e entrar para um convento, tem vários conventos – ou eu podia matar o Elliott e depois me matar” – “Para de falar assim” – “Não tem como falar de outro jeito quando não resta mais nada a fazer” – “Você entendeu tudo errado eu não ia te fazer bem” – “Agora eu já sei, você diz que quer ser um ermitão mas não é bem o que você faz pelo que eu vi, você só tá de saco cheio da vida e quer dormir, até certo ponto é assim que eu me sinto também só que eu tenho que cuidar do Elliott... Eu podia matar nós dois e tudo estaria resolvido” – “Chega, que papo mais macabro” – “Na primeira noite você disse que me amava, que eu era uma pessoa interessante, que você nunca tinha gostado tanto de alguém e depois você só ficou bebendo, agora eu tô vendo que o que dizem sobre você é verdade: e sobre todos os outros que nem você: Ah eu sei que você é um escritor e também sofre demais mas às vezes você é muito injusto... mas até isso eu sei que você não tem como evitar e eu sei que no fundo você não é injusto mas que na verdade você tá em pedaços como você já me explicou, os motivos... mas você passa o tempo inteiro gemendo dizendo que tá doente, você não pensa o suficiente nos outros e EU SEI que não é de propósito, é uma doença estranha que muitas pessoas têm só que às vezes elas escondem um pouco melhor... mas o que você me disse lá na primeira noite e até agora mesmo há pouco sobre Sta. Carolina à Beira Mar, por que você não segue o seu coração em busca do que é bom e verdadeiro, você desiste por qualquer coisa... então eu acabo achando que você não gosta de mim e só quer ir pra casa retomar a sua própria vida talvez com a Louise a sua namorada” – “Não com ela também não ia dar certo, eu estou todo preso por dentro que nem uma constipação, não consigo me mover emocionalmente como você diria como se tudo fosse um incrível mistério mágico grandioso com todo mundo dizendo ‘Ah como a vida é incrível, como ela é milagrosa, Deus fez isso e Deus fez aquilo’, como é que você sabe que Ele não odeia o que fez: Ele pode até estar bêbado e se lixando para tudo que ele pegou e fez mas claro que isso não é verdade” – “Talvez Deus esteja morto” – “Não, Deus não pode estar morto porque ele não nasceu” – “Mas você tem todas essas filosofias e sutras que você tava falando a respeito” – “Mas você não vê que tudo isso se transformou em um monte de palavras vazias, agora eu percebo que eu vinha brincando como uma criança alegre com palavras palavras palavras em uma grande tragédia séria, olha ao teu redor” – “Você podia se esforçar um pouco mais, porra!”

Mas o que é ainda mais infelizmente pior é que o quanto mais ela me aconselha e discute o problema pior fica para mim, é como se ela não soubesse o que está fazendo, como uma bruxa inconsciente, o quanto mais ela tenta me ajudar mais eu tremo ao mesmo tempo quase percebendo que ela faz tudo de propósito e sabe que está me enfeitando mas tudo tem que ser entendido como

uma “ajuda” formal puta que pariu – Ela deve ser uma espécie de complemento químico meu, eu simplesmente não aguento ela por um segundo que seja, me sinto atormentado pela culpa porque tudo indica que ela é uma pessoa maravilhosa que com aquela voz baixa triste musical simpatiza com um malandro como eu mesmo assim nenhuma dessas culpas racionais dura muito tempo – Só o que eu sinto é a punhalada invisível dela – Ela está me machucando! – Em certas partes da nossa conversa eu ajo como um legítimo ator de pastelão que dá pulos estremeando a cabeça, é esse o efeito que ela tem – “O que houve?” ela pergunta de mansinho – E isso quase me faz gritar eu que nunca gritei na minha vida – É a primeira vez na minha vida que eu não sei se vou conseguir segurar a barra não importa o que aconteça e manter a paz interior o suficiente para poder sorrir de um jeito condescendente ao ver a histeria das mulheres nas alas dos loucos – De repente eu também estou na ala dos loucos – Mas o que aconteceu? O que foi que provocou – “Você tá me enlouquecendo de propósito?” Eu até que enfim ponho para fora – Mas claro ela responde que eu não estou falando coisa com coisa, não existe nenhum indício dessa intenção, só estamos passando um fim de semana alegre junto à natureza com os amigos, “Então tem alguma coisa errada COMIGO!” Eu grito – “Isso é óbvio mas por que você não tenta se acalmar e fazer amor comigo por exemplo, eu passei o dia inteiro implorando e tudo o que você fez foi gemer e virar a cara como se eu fosse um velho morcego feio” – Ela chega mais perto e se insinua para mim de um jeito meigo e delicado mas eu só fico olhando para os meus pulsos trêmulos – É terrível – Difícil de explicar – Além do mais o garotinho fica atrapalhando o tempo inteiro quando ela se ajoelha ou senta no meu colo ou tenta me fazer cafuné e me acalmar, ele fica repetindo com a mesma voz digna de pena “Não Billie não Billie não Billie” até que no fim ela perde a doce paciência dela e responde as perguntinhas patéticas dele e berre “Cala a boca! Elliott cala a boca! SERÁ que preciso dar mais uma surra em você?” e eu gemo “Não!” mas Elliott grita mais alto “Não Billie não Billie não Billie!” então ela arrasta ele e começa a bater nele enquanto grita na varanda e eu estou prestes a jogar a toalha e dar meu último suspiro, é horrível.

Além disso enquanto bate em Elliott ela mesma também chora e então começa a gritar coisas de louca como “Eu vou matar nós dois se você não parar, você não me deixa outra saída! Ah meu filho!” de repente pegando e abraçando ele embalando ele com lágrimas e ranger de cabelos e tudo debaixo daquelas velhas árvores tranquilas dos gaios-azuis onde na verdade os gaios ainda esperam a comida enquanto observam tudo isso – Mesmo assim Alf o Burro Sagrado está no pátio esperando que alguém lhe leve uma maçã – Eu olho para cima em direção ao sol que desce dourado por todo o insano cânion tremebundo, aquele maldito vento mateiro vem derrubando as árvores a dois quilômetros com um rugido cada vez maior e quando ele chega os gritos quebrados da mãe e do filho contristados são arrastados junto com todo aquele turbilhão de folhas – Uma porta bate com tudo, uma veneziana faz o mesmo, a casa estremece – Estou batendo os joelhos em meio ao clamor e não ouço nada.

“O que que eu tenho a ver com essa tua vontade de se matar afinal?” Eu grito – “Tudo bem, não tem nada a ver com você” – “Então tá você não tem

marido mas pelo menos você tem o pequeno Elliott, ele vai crescer e ficar bem, enquanto isso você pode continuar trabalhando, se mudar, fazer alguma coisa, talvez seja o Cody só que mais do que isso eu diria que são todas aquelas figuras piradas que tão te enlouquecendo e te fazendo pensar em suicídio – O Perry –” – “Não vem falar sobre o Perry, ele é um doce de pessoa e eu adoro ele e ele é muito mais gentil comigo do que você pode sonhar em ser um dia: ao menos ele se entrega” – “Mas que entrega é essa, o que é que vai ajudar tanta gente assim” – “Você não vai saber nunca de tão egoísta que você é” – Agora estamos começando a nos insultar o que poderia ser um bom sinal se ela não ficasse desabando e chorando no meu ombro mais ou menos insistindo outra vez que eu sou a última chance dela (não é verdade) – “Vamos para um monastério juntos” ela diz enlouquecida – “Evelyn, quer dizer Billie se você quiser você pode ir para um convento, por Deus vai, segue pro convento, você parece mesmo que daria uma boa freira, talvez seja isso o que você precisa todo esse papo sobre o Cody sobre religião talvez todo esse horror mundano esteja te afastando do que você chama de percepção verdadeira, um dia você podia se tornar uma reverenda madre sem nenhuma preocupação no mundo embora uma vez eu tenha encontrado uma reverenda madre que chorou... ah tudo isso é tão triste” – “Por que ela chorou?” – “Eu não sei, depois que ela falou comigo, eu lembro de ter dito alguma bobagem como ‘o universo é mulher porque ele é redondo’ mas eu acho que ela chorou porque tava relembando a época que ela namorava um soldado que morreu, pelo menos é o que dizem, ela era a maior mulher que eu já vi, uns olhos azuis enormes, uma mulherona inteligente... você podia fazer isso, sair dessa caos terrível e deixar tudo para trás” – “Mas eu amo o amor demais” – “E não porque você é sensual gatinha” – Na verdade nos acalmamos um pouco de fato começamos a fazer amor mesmo com Elliott puxando ela “Não Billie Billie não não” até que bem no meio eu pergunto “Não o quê? O que ele quer? Será que ele está certo Billie e o melhor seria não? Será que isso é pecado afinal de contas? Ah é loucura demais! Mas ele é o mais louco de todos”, e na verdade o garoto está em cima da cama com a gente cutucando o ombro dela como um adulto apaixonado ciumento tentando roubar a mulher de um outro homem (o fato de ela estar em cima é um indicador preciso do quão estropiado eu estou e nesse ponto são apenas 4 da tarde) – Um draminha na cabana talvez um pouco estranho à serventia normal das cabanas ou diferente do que os vizinhos estão imaginando.

MAS ÀS VEZES SURGE UM TERRÍVEL ELEMENTO PARANOIDE durante o orgasmo que de repente extravasa não uma simpatia doce gentil mas uma dose de veneno que estoura no corpo – Sinto um grande ódio repulsivo de mim e de tudo que existe, o sentimento vazio longe de ser o alívio costumeiro agora é como se tivessem roubado o meu poder espinhal de propósito graças ao poder de algum feitiço – Sinto forças malignas se amontoando ao meu redor, vindo dela, do garoto, das próprias paredes da cabana, das árvores, até a lembrança repentina de Dave Wain e Romana é maligna, estão todos se aproximando – Deixo o pobre rosto de Billie na mão e saio correndo para beber água no córrego mas cada vez que eu faço algo assim eu preciso correr de volta para me sentir mal e pedir desculpas, mas assim que eu vejo ela outra vez “Ela tá fazendo alguma outra coisa” eu debocho e não sinto o menor remorso – Ela está balbuciando com o rosto enterrado nas mãos e o garotinho chorando ao lado – “Meu Deus ela devia ir pra um convento!” Penso eu enquanto me apresso de volta ao córrego – De repente a água no córrego adquire um gosto diferente como se alguém tivesse derramado gasolina ou querosene mais para cima – “Talvez os vizinhos queiram se vingar de mim só pode ser!” – Eu experimento a água com cuidado e tenho certeza de que foi isso o que aconteceu.

Estou sentado como um idiota ao lado do córrego olhando quando Dave Wain aparece andando a passos largos com um peixe na linha e o alegre sotaque nasal do oeste como se nada de estranho tivesse acontecido “Cara eu passei duas horas inteiras e olha só o que eu peguei! Uma misera mas lindamente patética como você vai ver e sagrada trutinha-arco-iris que eu vou limpar – O melhor jeito de limpar peixe é assim”, e ele se ajoelha na mais pura inocência junto ao córrego para me mostrar como – Não me resta nada a fazer senão olhar e sorrir – Ele diz: “Te prepara pra dar um passeio nas Ilhas Farallon em dois anos, cara, com vários canários doidos pousando de verdade no teu barco a centenas de milhas da costa – Sabe eu tô tentando juntar uma grana pra comprar um barco de pesca, pra mim não existe nada melhor que pescar e eu pretendo reorganizar a minha vida em função disso mesmo vendo a imagem austera do Fagan berrando com um bastão de Roshi na mão, mas você tem que ver a rapidez com que você pega centenas de arenques e salmões em um minuto e meio, é verdade, e você só de camisa e chapéu de lã – Cara eu manjo essa parada e tô escrevendo um artigo definitivo sobre como o trabalho árduo e honesto é a salvação de todos nós – Quando você tá lá é só uma luz muito primordial, a pesca – Você é um caçador – Os pássaros te ajudam a achar os peixes – Os ventos te levam – Todas as tuas neuras evaporam antes mesmo que a exaustão e tudo mais tomem conta” – Enquanto me agacho por lá eu imagino que talvez Billie esteja contando a Romana o que aconteceu e Dave logo vai saber embora ele pareça saber que muita coisa está acontecendo – Ele já deu várias pistas, como agora, “Parece que você tá passando pela pior época da tua vida, cara, aquele garoto Elliott é de enlouquecer qualquer um e a Billie sem dúvida é uma garota complicada – Mas é assim que você descama, com essa faca aqui” – E eu me admiro de não poder ser tão útil e simples e bom o suficiente para bater um papo

descompromissado e fazer os outros se sentirem melhor, como Dave, lá está ele também magro e com o rosto descarnado de tanto beber nas últimas semanas, mas ele não está reclamando nem gemendo pelos cantos que nem eu, ao menos ele toma uma atitude, enfrenta a situação – Mais uma vez ele me faz sentir que eu sou a única pessoa no mundo desprovida de humanidade, porra, é verdade, ao menos é assim que eu me sinto – “Ah Dave um dia a gente ainda vai sair para pescar nós dois naquele seu campo minado abandonado no Rogue River, que que você acha, aí a gente vai se sentir um pouco melhor puta que pariu” – “Só que aí a gente vai ter que cortar o goró, Jack”, dizendo “Jack” com uma grande tristeza bem como Jerry Wagner costumava fazer nas nossas vagabundeadões iluminadas montanha acima onde a gente confessava nossas mágoas, “Só, e de certo modo a gente bebe muitas bebidas DOCES, sabe todo esse açúcar e nenhuma comida só pode encher o teu sangue de açúcar até você acabar mais fraco do que uma galinha; e você em especial não bebe nada além de vinho do porto doce e Manhattans doces há semanas – Eu te prometo que a carne abençoada desse peixinho vai te curar”, (risadinha).

De repente eu olho para o peixe e mais uma vez me sinto horrível, o antigo esquema da morte está de volta só que agora eu vou cravar os meus dentes anglo-saxões grandes saudáveis nele e arrancar pedaços da carne lamentosa de um pequeno ser vivo que menos de uma hora atrás estava nadando todo alegre no oceano, na verdade até Dave pensando isso e dizendo: “Ah sim essa boquinha saltada estava bebendo as alegres águas da vida e agora olha só, nesse ponto você corta a cabeça fora, você não precisa olhar, nós pecadores bêbados agora vamos usar ele para o nosso jantar sacrificial então na verdade quando a gente cozinhar eu vou fazer uma oração indígena por ele na esperança de que seja a mesma oração que os indígenas daqui usavam – Jack de certa forma a gente podia até começar a se divertir aqui e aproveitar uma semana maravilhosa!” – “Uma semana?” – “Eu achei que a gente ia ficar aqui uma semana” – “Ah é eu disse isso né... Eu tô me sentindo horrível em relação a tudo... Acho que eu não vou conseguir... Eu tô ficando louco por causa da Billie e do Elliott e de mim mesmo... talvez eu precise, talvez a gente precise ir embora ou algo assim, acho que eu vou morrer aqui” – E Dave fica decepcionado claro e a essas alturas eu já tirei ele dos assuntos dele para a gente vir até aqui, mais um motivo para eu me sentir como um rato.

MAS DAVE ESTÁ CURTINDO andar de um lado para o outro da cabana preparando o fubá e pondo o óleo de milho na frigideira, Romana também e ela está fazendo uma saladona linda com muita maionese e na verdade a pobre Billie está ajudando ela em silêncio pondo a mesa e o garotinho cantarolando ao lado do fogão de repente é quase uma cena doméstica feliz – Só que eu vejo aquilo da varanda com um olhar aterrorizado – Também porque as sombras deles que a luz do lampião projeta na parede parecem enormes e monstruosas e bruxísticas e demoníacas, estou sozinho no bosque com fantasmas alegres – O vendo uiva enquanto o sol se põe então eu entro, mas em seguida eu saio correndo como um louco outra vez até o meu córrego, sempre pensando que o córrego vai me dar a água necessária para lavar tudo e me acalmar para sempre (no desespero também lembrando do conselho dado por Edgar Cayce “Beba muita água”) mas “Tem querosene na água!” Eu grito ao vento, sem ter quem me escute – Sinto vontade de chutar o córrego e gritar – Me viro e lá está a cabana com o interior aconchegante, as pessoas silenciosas lá dentro todas visivelmente mal-humoradas porque afinal não conseguem entender qual é o problema desse doente que fica indo da cabana para o córrego e do córrego para a cabana, quieto, com o rosto pálido, estupefato, tremendo e suando como se fosse pleno verão mas na verdade está até frio agora – Sento na cadeira de costas para a porta e fico olhando Dave enquanto ele segue falando.

“O que a gente tá fazendo aqui é um grande banquete sacrificial com todo tipo de delícias dispostas ao redor desse peixinho delicioso então todos nós temos que rezar pelo peixe e dar mordidinhas pequenas, só vai dar umas quatro mordidas pra cada um e o peixe tem várias partes diferentes onde as mordidas são mais relevantes – Mas aforsio isso o jeito mais apropriado de fritar um peixe recém-pescado é cuidar pra que o óleo esteja queimando e fervilhando e aí quando você larga o peixe lá dentro, não queimando mas com o óleo bem quente, só, talvez queimando até, me alcança a escumadeira, aí você larga o peixe com cuidado dentro do óleo e cria uma parada que estala feito louca” (é o que ele faz enquanto Romana comemora) (e eu olho para Billie e ela está pensando em alguma outra coisa que nem uma freira num canto) mas Dave continua fazendo piadas até ver todo mundo sorrindo – Mas, enquanto o peixe frita, Romana me oferece uns petiscos que nem ela passou o dia todo me oferecendo, uns *hors d'oeuvre* ou uma lasca de tomate ou algo assim, tentando fazer com que eu me sinta melhor – “Você tem que COMER” ela e Dave ficam dizendo mas eu não quero comer e mesmo assim eles ficam o tempo inteiro pondo uns petiscos na minha boca até que eu começo a fazer cara feia pensando “O que será que tem nesses petiscos, veneno? – E qual é o problema com os meus olhos, eles estão dilatados e pretos como se eu tivesse chapado, mas eu só tomei vinho, será que o Dave pôs drogas no meu vinho ou algo assim? Achando que pode adiantar alguma coisa? Ou será que eles são membros de uma sociedade secreta que droga secretamente as pessoas com a intenção de iluminar a consciência delas?” mesmo quando Romana me alcança um petisco e eu pego

ele das mãozonas bronzeadas dela e mastigo – Ela está usando uma calcinha roxa e um sutiã roxo, mais nada, só pela curtição, Dave está dando uns tapas alegres no traseiro dela enquanto apronta o jantar, é uma grande coisa natural erótica que ele faz com Romana, ela acredita em mostrar aquele corpão lindo afinal de contas – Na verdade lá pelas tantas quando Billie está curvada por cima de uma cadeira Dave vai por trás e passa mão *nela* e pisca o olho para mim, mas eu não estou nem aí igual a um cuzão qualquer e a gente podia passar os dias imaginando coisas que nem os soldados, porra – Mas os venenos no meu sangue são assoais e associiais e atudo – “A Billie é tão bonita e magrinha, como eu tô acostumado com a Romana talvez fosse bom eu trocar um pouco pra variar”, diz Dave cuidando da frigideira crepitante – Eu olho por cima do ombro e vejo primeiro com um sobressalto de alegria mas depois com um temor agourento uma terrível lua cheia gorda entre nós e a montanha Mien Mo e o paredão norte do cânion, como que dizendo para mim enquanto eu olho por cima do meu ombro trêmulo “Hehe, você”.

Mas eu digo “Dave, olha só, como se já não bastasse” e eu aponto a lua para ele, no meio das árvores reina um silêncio sepulcral e também no meio da gente que está lá dentro, lá está ela, a vasta lua cheia lúgubre que assusta os loucos e faz as águas ondular, ela projeta a sombra de uma ou duas árvores e banha toda a lateral do cânion em prata – Dave só olha para a lua com aqueles olhos cansados de louco (olhos superexcitados, minha mãe diria) sem dizer nada – Eu vou até o córrego e bebo água e volto e penso sobre a lua e de repente as quatro sombras na cabana estão todas num silêncio sepulcral como se houvessem conspirado com a lua.

“Hora do rango, Jack”, diz Dave aparecendo de repente na varanda – Ninguém diz nada – Eu entro e me sento à mesa igual a um cordeirinho que nem o pioneiro inútil que não quer fazer nada para ajudar os homens nem para agradar as mulheres, o idiota da caravana que ainda assim precisa ser alimentado – Dave fica lá dizendo “Ó lua cheia, aqui está o nosso peixinho que agora vamos repartir pra gente se alimentar e ficar mais forte; obrigado Peixes, obrigado Deus-Peixe; obrigado por serem a nossa luz hoje à noite; essa é a noite do peixe à lua cheia que nós agora consagramos com a primeira mordida de leve” – Ele pega o garfo e abre o peixinho com cuidado, ele está superbem empanado e frito e disposto no meio de uma profusão de legumes e bolinhos de fubá, Dave abre uma guelra esquisita, desce mais um pouco, tira um pedaço estranho e leva ele em direção à minha boca dizendo “Come o primeiro pedaço Jack, só uma mordidinha, e cuida pra mastigar bem devagar” – Eu obedeco, uma mordida gordurosa deliciosa mas nada mais é delicioso ao meu paladar – Então os outros dão as mordidinhas sagradas deles, os olhos do pequeno Elliott brilhando de entusiasmo com aquela brincadeira maravilhosa que no entanto começa a me assustar – Agora por razões óbvias.

Enquanto a gente come Dave anuncia que eu e ele estamos doentes de tanto beber e por Deus nós vamos nos regenerar e dar um jeito de ficar em forma, então ele começa a contar histórias como sempre, terminando num jantar tagarela como os de sempre que no início eu acho que pode me endireitar mas depois da janta eu me sinto ainda pior, “Aquele peixe tem todas as mortes de

lontras e ratos e cobras bem dentro dele ou algo assim” eu estou pensando – Billie está lavando os pratos em silêncio sem reclamar de nada, Dave está alegre fumando cigarros pós-jantar na varanda, mas aqui estou eu mais uma vez tomando banho de lua junto ao córrego me escondendo de todos eles a cada cinco minutos mesmo que eu não consiga entender o que me leva a fazer isso – Eu TENHO que sair de lá – Mas eu não tenho o direito de ME AFASTAR – Então eu fico voltando mas tudo é um círculo de ansiedade insano giratório automático sem direção, de um lado para o outro, voltas e mais voltas, até que a essa altura eles estão se sentindo tão perturbados pelas minhas partidas silenciosas e retornos sinistros cada vez mais frequentes que estão todos sentados sem dizer uma palavra junto do fogão mas as cabeças deles estão juntas e eles estão cochichando – Do bosque eu vejo aquelas três cabeças ensombreadas cochichando junto do fogão – O que Dave está dizendo? – E por que eles parecem estar tramando outra conspiração? – Será que tudo foi armado por Dave Wain via Cody para que eu conhecesse Billie e enlouquecesse e agora eles estão sozinhos comigo no bosque para me dar os últimos venenos que vão acabar de vez com todo o meu controle e amanhã de manhã eu vou ser internado num hospital para sempre e nunca mais escrever uma linha sequer? – Dave Wain está com ciúmes porque eu escrevi 10 romances? – Billie combinou com Cody de me pedir em casamento para ele pegar todo o meu dinheiro? Romana faz parte da sociedade envenenadora profissional (antes eu ouvi ela falar sobre os espíritos das árvores no carro, e ela cantou umas canções esquisitas na noite anterior) – Os três, Dave Wain na verdade o conspirador-mor porque eu sei que ele tem anfetaminas na pessoa dele e as agulhas em uma caixinha, é só dar uma agulhada num tomate, numa porção de peixe ou pôr umas gotas numa garrafa de vinho e os meus olhos se dilatam e ficam pretos com a loucura como eles estão agora, meus nervos AA ai, é isso o que eu estou pensando – Mesmo assim eles estão sentados junto ao fogo num silêncio sepulcral, na verdade quando eu entro na cabana todos eles voltam a conversar: uma prova irrefutável – Saio outra vez, “Vou andar pela estrada um pouco” – “Beleza” – Mas assim que eu fico sozinho um milhão de braços enluarados balançantes começam a se debater ao meu redor e cada buraco do penhasco e nas árvores queimadas que eu tinha passado mil vezes na maior calma durante todo o verão envolto na mortalha da neblina, agora tem alguma coisa nele se mexendo depressa – Eu corro de volta – Até na varanda eu me assusto ao ver os arbustos familiares perto da latrina ou perto do tronco quebrado – E agora um balbucio no córrego de algum modo entrou na minha cabeça e com todo o ritmo das ondas do mar fazendo “Catablomp de pé, cê topa e dopa, liga lava liga” eu tento me acalmar mas o córrego segue balbuciando.

Máscaras explodem diante dos meus olhos quando eu fecho eles, quando eu olho para a lua ela oscila, se mexe, quando eu olho para as minhas mãos e os meus pés eles se arrastam – Tudo está se mexendo, a varanda está se mexendo que nem uma gosma barrenta, a cadeira estremece debaixo de mim – “Tem certeza que você não quer ir tomar um Manhattan no Nepenthe Jack?” – “Tenho” – (“Claro pra você botar veneno dentro” eu penso de um jeito sombrio mas profundamente magoado por pensar uma coisa dessas do pobre Dave) – E eu

percebo a angústia insuportável da minha loucura: como as pessoas desinformadas podem achar que os loucos são “felizes”, Ah Deus, na verdade foi Irwin Garden que uma vez me disse para eu não imaginar que os hospícios são lugares cheios de “bobos alegres”, “Tem uma pressão ao redor da cabeça que dói, tem um terror mental que dói mais ainda, eles são muito infelizes e especialmente porque eles não podem explicar pra ninguém nem estender a mão pra receber ajuda com toda aquela paranoia histórica eles são mesmo as pessoas que mais sofrem no mundo e eu acho até que no universo”, e Irwin sabia essas coisas de observar Naomi a mãe dele que no fim teve que fazer uma lobotomia – O que me faz pensar em como seria bom cortar fora toda essa agonia na minha testa e DAR UM FIM NISSO! DAR UM FIM NESSE BALBUCIO! – Porque agora o balbucio não vem só do córego, como eu estou dizendo ele também vem da esquerda do córego e entra na minha cabeça, não teria problema nenhum se fosse um balbucio coerente que significasse alguma coisa mas é só um balbucio iluminado que já não significa mais nada: ele está dizendo para eu morrer porque tudo acabou – Tudo está se amontoando ao meu redor.

Dave e Romana vão para o córego outra vez passar mais uma noite de sono profundo ao luar enquanto eu e Billie nos sentamos taciturnos junto ao fogo – A voz dela chora: “De repente você se sente melhor com um abraço” – “Eu preciso fazer alguma coisa Billie, afinal eu te disse que eu não consigo fazer você ver o que tá acontecendo comigo, você não entende” – “Vem pro saco de dormir que nem a noite passada, dorme” – Nós tiramos a roupa mas agora que eu não estou bêbado eu percebo como é apertadinho lá dentro e além disso por causa da febre eu estou suando de um jeito insuportável, a ela também está ensopada do meu suor, mas os nossos braços estão para fora do saco, no frio – “Assim não vai dar!” – “O que você quer fazer?” – “Vamos pra cama lá dentro” mas na minha paranoia eu monto a cama de um jeito todo fodido com uma tábua em cima e esqueço de acolchoar com o saco de dormir embaixo como eu fiz o verão inteiro, simplesmente esqueço de tudo aquilo, Billie, a pobre Billie se deita comigo nessa tábua absurda achando que eu pretendo afastar a minha loucura à base de torturas como essa – É ridículo, ficamos lá duros como tábuas em cima de uma tábua – Eu rolo para fora dizendo “Vamos tentar outra coisa” – Experimento pôr o saco de dormir no chão da varanda mas no momento em que ela está nos meus braços um mosquito vem me incomodar, ou eu tenho um surto de sudor, ou vejo um relâmpago, ou escuto um Hino na minha cabeça, ou imagino que mil pessoas estão descendo o córego enquanto conversam, ou que a força das rajadas está trazendo troncos voadores que vão acabar nos esmagando – “Espera um segundo”, eu grito e me levanto para dar uma volta e ir beber água no córego onde Dave e Romana estão se enroscando na mais santa paz – Começo a xingar Dave “Esse filho da puta pegou o único lugar decente que tem pra dormir aqui, bem no areial ao lado do córego, se ele não tivesse aqui eu poderia dormir lá e o córego abafaria o barulho na minha cabeça e eu poderia dormir lá, com a Billie até, a noite inteira, mas o filho da puta pegou o meu lugar”, e eu volto para a varanda – Os braços da pobre Billie estão estendidos na minha direção: “Por favor Jack, vem fazer amor comigo, vem” – “NÃO DÁ” – “Mas não dá por quê, se a gente nunca mais vai se ver outra vez que ao menos

essa última noite seja uma lembrança bonita e eterna.”

“Uma espécie de grande memória ideal de nós dois, será que você não pode me dar isso?” – “Eu daria se eu pudesse” começo a murmurar como um velho louco resmungão dentro da cabana enquanto procuro os fósforos – Não consigo nem acender o cigarro, quando enfim ele acende ele mortifica a minha boca com o gosto da morte – Pego outros tantos sacos de dormir e cobertores e começo a me empilhar no outro lado da varanda dizendo para Billie que agora está suspirando ao perceber que é inútil “Primeiro eu vou tentar tirar um cochilo sozinho aqui e daí quando eu acordar eu vou estar melhor e ir aí com você” – É o que eu tento fazer, me viro com o corpo rijo os olhos esbugalhados olhando apavorados para o escuro que nem Humphrey Bogart no cinema tentando dormir ao lado do fogo depois de matar o sócio e você enxerga os olhos dele olhando fixos e insanos para o fogo – É assim que eu estou olhando – Se eu tento fechar os olhos algum elástico abre eles outra vez – Se eu tento me virar o universo inteiro se vira junto comigo mas o outro lado do universo não é nem um pouco melhor – Percebo que talvez eu nunca mais escape disso e que a minha mãe está me esperando em casa rezando por mim porque ela deve saber o que está acontecendo essa noite, eu grito para que ela reze por mim e me ajude – Eu lembro do meu gato pela primeira vez nas últimas três horas e solto um grito que assusta Billie – “Jack tá tudo bem?” – “Me dá um tempo” – Mas agora ela está dormindo, a pobrezinha está exausta, eu percebo que ela vai me abandonar à minha sorte de um jeito ou de outro e não consigo parar de pensar que ela e Dave e Romana estão apenas fingindo dormir enquanto esperam que eu morra – “Por quê?” Eu estou pensando “essa sociedade envenenadora secreta, eu sei, porque eu sou católico, é um grande complô anticatólico, são os comunistas destruindo todo mundo, indivíduos sistemáticos são envenenados até que odeiem todo mundo, essa loucura muda você completamente e na manhã seguinte você já não pensa as mesmas coisas – A droga é inventada por Airapatianz, é a droga da lavagem cerebral, eu sempre achei que Romana era uma comunista disfarçada de romena, e quanto a Billie aquele pessoal dela é estranho, e Cody eu estou pouco me lixando, e Dave é o mal puro talvez que nem eu sempre suspeitei” mas logo os meus pensamentos ficam ainda menos “racionais” e passo horas delirando – Sinto forças sussurrando longos discursos apressados no meu ouvido e me dando avisos, de repente outras vozes estão gritando, o problema é que todas as vozes são enroladas e falam muito depressa que nem Cody falando o mais depressa possível e que nem o côrrego então eu preciso acompanhar o significado mesmo que eu queira enxotar aquilo para longe meus ouvidos – Fico abanando as minhas orelhas – Tenho medo de fechar os olhos pois todos os universos que eu vejo se inclinam e se expandindo de repente explodem de repente cavam até o meu âmago, rostos, bocas gritando, gritadores de cabelo comprido, súbitas revelações malignas, rat-tat-tats súbitos de comitês cerebrais discutindo sobre “Jack” e falando sobre ele como se ele não estivesse lá – Momentos sem nenhum objetivo em que estou esperando mais vozes e de repente o vento explode gemidos enormes entre os milhões de folhas na copa das árvores que soam como a lua enlouquecida – E a lua subindo mais alto, mais clara, iluminando os meus olhos como um poste de iluminação pública – As

figuras aconchegadas adormecidas sombrias logo adiante tão ariscas – Tão humanas e tão protegidas, eu grito “Eu não sou mais humano e nunca mais vou estar protegido, Ah o que eu não daria por uma tarde de domingo fazendo preguiça em casa porque eu estou de saco cheio, Ah pra ter tudo isso outra vez, essas coisas nunca vão voltar – Mamãe tinha razão, essa vida ia acabar me enlouquecendo, e acabou mesmo – O que que eu vou dizer pra ela? Ela vai ficar apavorada e enlouquecer – *Oh ti Tykey, aide mué* – Eu que acabei de comer peixe não tenho o direito de pedir coisa nenhuma ao meu irmão Tyke outra vez –” – Uma confusão de relatórios súbitos chacoalha a minha cabeça numa língua que eu nunca ouvi antes mas entendo na hora – Por um instante vejo o Céu azul e o véu branco da Virgem mas de repente um enorme borrão maligno como uma mancha de tinta se espalha por cima dele, “O demônio! – O demônio veio me buscar essa noite! É a hora! É a hora!” – Mas os anjos estão rindo e dançando nos rochedos do mar, ninguém mais se importa – De repente com a mesma clareza de tudo que eu vi na minha vida, eu vejo a Cruz.

EU VEJO A CRUZ, ela está em silêncio, ela fica lá por muito tempo, meu coração vai até ela, todo o meu corpo se dissolve nela, abro os braços para ser levado por ela, por Deus eu estou sendo levado o meu corpo começa a morrer e a desmaiar com a cruz erguida em um ponto iluminado na escuridão, eu começo a gritar porque sei que estou morrendo mas eu não quero assustar Billie nem ninguém com o meu último grito então eu engulo o grito e simplesmente me deixo levar pela morte e pela Cruz: assim que isso acontece aos poucos eu retorno à vida – Portanto os demônios estão de volta, comissários dão ordens nos meus ouvidos para que eu pense outra vez, segredos balbuciantes sibilam, de repente eu vejo a Cruz outra vez, agora um pouco menor e mais longe mas com a mesma nitidez e eu digo em meio ao barulho das outras vozes “Jesus, eu tô contigo, pra sempre, obrigado” – Fico lá deitado suando frio pensando o que deu em mim afinal todos os anos estudando budismo e fumando cachimbo garantiram meditações sobre o vazio e de repente a Cruz aparece para mim – Meus olhos se enchem de lágrimas – “Nós vamos todos nos salvar – Não vou falar nada a respeito pro Dave Wain, não vou lá acordar ele só pra deixar ele assustado, logo ele vai ficar sabendo – Agora eu posso dormir”.

Eu me viro mas tudo mal começou – É só uma da manhã e a noite vai passando cada vez pior à luz da lua até o amanhecer e nesse tempo eu vejo a Cruz várias e várias vezes mas em algum lugar uma batalha é travada e os demônios voltam sem parar – Eu sei que se ao menos eu conseguisse dormir por uma hora todo o complexo de cérebros barulhentos se acalmaria, algum controle se restabeleceria em algum lugar lá dentro, alguma bênção resolveria tudo – Mas o morcego chega em silêncio batendo as asas à minha volta outra vez, eu vejo ele sob a luz do luar agora a cabecinha de escuridão e as asas que ziguezagueiam feito loucas de um jeito que você não consegue nem ver elas direito – De repente ouço um murmúrio, um disco voador bem definido está pairando acima daquelas árvores de onde deve vir o murmúrio, devem estar dando ordens lá dentro, “Meu Deus eles estão atrás de mim!” – Eu dou um pulo e fico olhando para a árvore, preciso me defender – O morcego bate as asas em frente ao meu rosto – “O morcego é o representante deles aqui no cânion, a mensagem do radar eles já receberam, por que eles não vão embora? Será que o Dave não escuta esse murmúrio terrível?” – Billie está ferrada no sono mas o pequeno Elliott de repente bate o meu pé, uma vez – Percebo que ele nem ao menos está dormindo e sabe de tudo o que está acontecendo – Me deito outra vez e espio ele do outro lado da varanda no chão: De repente vejo que ele está olhando para a lua e lá vai ele outra vez bater o pé: está enviando mensagens – Ele é um demônio disfarçado de menino, e além do mais está destruindo Billie! – Eu me levanto para olhar ele cheio de culpa sabendo que tudo isso não passa de um delírio provavelmente mas ele está destapado; os bracinhos dele estão para fora dos cobertores nessa noite fria, ele nem ao menos está com a camisa do pijama, eu xingo Billie – Eu tapo ele e ele começa a choramingar – Eu volto e me deito com um olhar enlouquecido olhando fundo para dentro de mim, de repente uma alegria toma conta de mim bem quando o mecanismo do sono me pega de jeito

– E lá estou eu sonhando que eu e mais dois garotos somos contratados para trabalhar nas montanhas na mesma “serra” onde fica Desolation Peak (ou seja outra vez a Montanha Mien Mo) e começa com uma equipe de resgate no rio nos dizendo que dois trabalhadores afundaram na neve da encosta e a gente precisa se inclinar por cima de escarpas íngremes para ver se conseguimos “atirar eles lá embaixo” ou então puxar eles de volta – Só o que a gente faz é ficar lá na neve farelenta uma queda de trezentos metros até o rio quebrando a neve em placas tão enormes que você nem ficaria sabendo se tem homens presos lá dentro ou não – Mas não é só isso os chefes têm sapatos especiais que mantêm eles presos a um lugar seguro (que nem as presilhas de esqui) então eu começo a notar que eles estão enganando a nós pobres coitados e que a gente também podia ter caído (eu quase caio) – (caí) – (quase) – Como observador da história eu vejo que é só uma brincadeira anual ritualística para enganar os novatos que logo são mandados para o outro lado do rio para derrubar *mais* neve dos bancos íngremes na esperança de encontrar os trabalhadores desaparecidos – Então nós começamos uma grande viagem, primeiro descendo o rio, mas ao longo do caminho todos os camponeses nos contam histórias sobre um Deus-Monstro-Máquina na outra margem que faz sons iguais aos de certas aves e corujas e tem um milhão de geringonças infernais suficientes para deixar você enjoado com todos os detalhes medíocres sobre moinhos decrépitos, mais uma vez como “Observador da história” eu vejo que é só um truque para assustar a nós novatos quando a gente chegar lá de noite e ouvir os sons normais de pássaros, corujas etc. imaginando que é o tal “Monstro” – Enquanto isso assinamos um documento nos comprometendo a ir até a montanha principal mas eu prometo a mim mesmo que se eu não gostar do trabalho lá eu vou voltar para o meu velho trabalho em Desolation Peak – Nossos empregadores já demonstraram um senso de humor assassino – Eu chego à Montanha Mien Mo que é como o Raton Canyon outra vez mas tem um rio grande embora seco imundo que corre naquele leito largo e lá embaixo nas rochas tem um monte de urubus enormes mal-intencionados – Mendigos velhos remam até eles e tiram eles meio sem jeito das pedras e começam a dar comida para eles como se fossem bichos de estimação, nacos de carne vermelha ou nabos de carne vermelha, embora no início eu pense que os velhos mendigos excêntricos queriam pegar eles para comer ou para vender (talvez seja isso mesmo) porque antes de estudar a cena eu olho e vejo centenas de casais de urubus fornicando vagarosamente no lixão da cidade – Agora eles são urubus com ânus, pernas, cabeças e troncos humanos mas todos têm penas com as cores do arco-íris, e os homens estão todos em silêncio sentados *atrás* das Mulheres-Urubu de algum modo fornicando vagarosamente com elas no mesmo movimento vagaroso obscuro – Tanto o homem quanto a mulher sentam virados para o mesmo lado e de algum modo estabelecem contato porque você consegue ver os traseiros emplumados iridescentes deles fornicando devagar sem vontade cheios de tédio nas montanhas de lixo – Ao passar eu vejo uma expressão de desgosto eterno no rosto de um jovem homem-urubu loiro porque a Amante-Urubu dele é uma velha briguenta que não para de discutir com ele o tempo inteiro – O rosto dele é

totalmente humano mas tem um jeito pastoso inumano que nem massa crua de torta com um horror baço vincado insano que ele está condenado a tudo isso o bastante para me fazer estremecer em solidariedade, eu chego até a ver a terrível expressão dela o tormento na massa de torta de meia-idade – Eles são tão humanos! – Mas de repente eu e os outros dois trabalhadores somos levados até o bairro respeitável do Povo-Urubu na cidade até o nosso apartamento onde uma Mulher-Urubu e a filha dela nos mostram os nossos quartos – Os rostos delas leprosos cobertos de leveduras moles mas pintados com maquiagem para fazer delas bonecas de Natal e baços e confusos mas com uma expressão humana, com lábios grossos de borracha, expressões gordas farelentas que nem bolachas de água e sal quebradas, rostos amarelos de pizza vomitada, nos enojando mas a gente não diz nada – O apartamento tem camas beatnik sujas e colchões por tudo quanto é canto mas eu caminho pelos fundos em busca de uma pia – É *enorme* – Uma caminhada interminável por longas despensas gordurentas e enormes lavabos com o comprimento de um quarteirão e uma única piazinha imunda toda escura e gosmenta como os porões subterrâneos decrepitos da Lowell High School – Por fim eu chego até a Cozinha onde esperam que nós os “novos trabalhadores” preparemos refeições durante todo o verão – São grandes lareiras de pedra e fogões de pedra rançosos e gordurentos remanescentes de um Banquete Orgiástico do Povo-Urubu um mês atrás ainda com dúzias de galinhas cruas atiradas pelo chão, em meio a lixo e a garrafas – Banha estragada rançosa por toda parte, ninguém nunca limpou ou sequer soube como e o lugar é do tamanho de uma garagem – Eu abro caminho para ir embora empurrando uma enorme bandeja gordurosa fedorenta manchada de comida me afastando do grande vazio fedorento e do horror – As gordas galinhas douradas estão podres atiradas de cabeça para baixo em chapas de pedra cheias de entulho – Eu saio correndo sem nunca ter visto uma coisa tão imunda na minha vida. Enquanto isso eu descubro que os outros dois garotos estão olhando uma cesta cheia de Comida de Urubu para nós e um deles diz com grande sabedoria “Bolhas no nosso açúcar”, querendo dizer que os Urubus puseram as bolhas deles no nosso açúcar então vamos todos “morrer” mas em vez de morrer de verdade a gente vai ser levado até as Gosmas Subterrâneas para caminhar num lodo fervilhante que nos bate pelo pescoço empurrando enormes rodas gemebundas (em meio a pequenas cobras bifurcadas) para que o demônio de orelhas compridas possa minar a Pedra Púrpura Magenta Quadrada que é o segredo de todo esse Reino – Você acaba lá embaixo gemendo e empurrando no meio dos cadáveres de outras pessoas e até da sua própria família boiando na gosma – Se você conseguir você pode se transformar em uma Pessoa-Urubu pastosa e participar das fofocações obscenas vagarosas no lixão lá em cima, eu acho, ou isso ou demônio apenas inventa o Povo-Urubu com o que sobra do Inferno subterrâneo – “Alguém quer feijão?” Eu me ouço dizendo quando *tum!* Acordo outra vez Elliott bateu o pé nesse exato instante na varanda! – Eu olho para lá! – Ele está fazendo de propósito, ele sabe tudo o que está acontecendo! – Para que diabos eu trouxe esse monte de gente e por que essa noite em especial com a lua a lua a lua?

Estou de pé outra vez e andando de um lado para o outro e bebendo água no córrego, as figuras de Dave e de Romana não se movem sob o luar, os hipócritas, “O filho da puta pegou o meu único lugar de dormir” – Eu agarro a minha cabeça, estou tão sozinho nisso tudo – Volto temeroso para dentro da cabana junto do lampião aceso, uma fumaça, tento espremer a última gota vermelha de vinho do porto azedo para fora da garrafa mas não dá em nada – Agora que Billie está dormindo e imóvel e em paz eu me pergunto se vou conseguir dormir simplesmente deitando ao lado dela e abraçando nela – É o que eu faço, me arrastando para debaixo das cobertas com todas as roupas que eu pus porque eu tenho medo de enlouquecer pelado ou de não poder correr de repente para fugir de tudo, de calçados, ela geme um pouco ainda dormindo e continua dormindo quando eu abraço ela com aquele olhar fixo vidrado – A carne loira dela ao luar, os pobres cabelos loiros lavados e penteados com todo cuidado, o corpinho feminino também um fardo a ser carregado que nem o meu próprio só que frágil, magro, eu só fico olhando para aqueles ombros com lágrimas nos olhos – Eu queria acordar ela e confessar tudo mas ela só vai se assustar – Já fiz estragos irreparáveis (“Garradarabonarm!” grita o córrego) – Todas as minhas próprias palavras de repente irrompem em balbucios o significado não dura sequer um instante quer dizer um instante para satisfazer os meus esforços racionais de manter o controle, todos os meus pensamentos são destroçados em um milhão de pedaços por explosões mentais de milhões de pedaços que eu lembro que eu achei maravilhosas quando vi elas pela primeira vez chapado de Peyotl e Mescalina, na época eu disse (enquanto na minha inocência eu ainda brincava com as palavras) “Ah, a manifestação da multiplicidade, você pode ver, não são só palavras” mas agora é “Ah o keselamaroyot podre” – Quando a manhã finalmente chega a minha mente é só uma série de explosões que ficam cada vez mais altas e mais “multiplicadas” destroçadas em pedaços alguns deles grandes orquestrais e então explosões iridescentes de som e de visão misturados.

Perto de amanhecer eu também quase apaguei de sono três vezes mas eu juro (e isso é uma lembrança que me faz perceber que eu não entendo o que aconteceu em Big Sur nem mesmo agora) o garotinho de algum jeito bateu o pé no instante exato em que eu ia pegar no sono, para me acordar na mesma hora, para me acordar totalmente, de volta ao horror que ao fim e ao cabo é o horror de todos os mundos essa visão sendo bem o que eu mereço afinal pelas minhas tagarelices anteriores sobre o sofrimento dos outros nos livros.

Livros etc., essa doença me levou a querer se eu um dia sair dessa virar um moleiro e calar a minha boca grande.

O PIOR DE TUDO são as corujas de repente arrulhando de um lado para o outro no assombro da névoa ao luar – E ainda pior que o amanhecer é a manhã, o sol claro ILUMINANDO a minha dor, deixando tudo mais claro, mais quente, mais enlouecedor, mais torturante – Eu chego a andar para cima e para baixo do vale à luz do sol nessa manhã de domingo com o saco de dormir debaixo do braço procurando em vão um lugar para dormir – Assim que eu encontro um gramadinho ao lado da estrada eu vejo que não posso me deitar lá porque os turistas podem passar e me ver – Assim que eu encontro uma clareira perto do córrego eu vejo que lá é sinistro demais, como a parte mais escura do pântano de Hemingway onde por algum motivo “a pescaria seria mais trágica” – Todos os cantos e clareiras cheios de forças malignas especiais concentradas lá para me afastar – Tão assombrados que eu vagueio para cima e para baixo do cânion gritando com o saco de dormir debaixo do braço: “O que foi que aconteceu comigo? E como o mundo pode ser assim desse jeito?”

Por acaso eu não sou um ser humano e não fiz o meu melhor tanto quanto qualquer outra pessoa? Sem nunca tentar machucar ninguém nem amaldiçoar o Céu? – As palavras que eu estudei durante toda a minha vida de repente me fazem sentir toda a morte séria e definida delas, nunca mais vou ser um “poeta alegre” “Cantando” “sobre a morte” e assuntos românticos correlatos, “Vai seu grão de poeira com o pó de um bilhão de anos, aqui está um bilhão de partículas de sedimento para ti, sacode isso para longe do teu shaker” – E toda a natureza verde do cânion agora ondulando ao sol da manhã como uma cruel convocação idiota.

Voltando até os adormecidos e fitando eles com olhos esbugalhados que nem o meu irmão uma vez me olhou no escuro por cima do berço, fitando eles não só com inveja mas com um isolamento solitário inumano por causa daquelas simples mentes adormecidas – “Mas olha eles tão todos mortos!” começo a fazer arruaça no meu cânion, “O sono é a morte, tudo é morte!”

O terrível clímax chega quando os outros enfim se levantam e começam a preparar um café da manhã todo perturbado, e eu já disse a Dave que eu não tenho como ficar aqui nem mais um segundo, ele precisa nos dar uma carona até a cidade, “Beleza mas vou te dizer eu gostaria de ficar aqui uma semana que nem a Romana tá a fim”, – “Bom você me dá uma carona e volta” – “Mas eu não sei se o Monsanto ia gostar a gente já escolheu o lugar que chega, na verdade você tem que cavar um buraco pra dar um jeito no lixo” – Billie se oferece para cavar o buraco mas ela cava uma sepultura minúscula perfeita em vez de um simples buraco qualquer – Até Dave Wain pisca os olhos quando vê – É do tamanho exato para enterrar o pequeno Elliott, Dave está pensando a mesma coisa que eu sei por causa do jeito que ele me olha – Todos nós já lemos Freud o suficiente para entender o que está acontecendo aqui – Além do mais o pequeno Elliott passou a manhã inteira chorando e levou duas surras sendo que nas duas ele acabou chorando e Billie dizendo que não aguenta mais e que ela vai se matar –

E Romana também percebe, a sepultura com os lados bem definidos de um

metro por um metro e vinte como se você estivesse prestes a pôr um caixão ali dentro – Me apavoro a tal ponto que eu pego a pá e começo a atirar o lixo lá dentro e meio que estrago aquela perfeição toda mas o pequeno Elliott começa a gritar e agarra a pá e se recusa que eu chegue perto do buraco – Então a própria Billie vai e começa a pôr o lixo lá dentro mas aí ela olha para mim de um jeito muito significativo (tenho certeza que às vezes ela quis me ver louco) “Você quer terminar o serviço?” – “Como assim?” – “Tapar de terra, fazer as honras?” – “Como assim as honras!” – “Eu disse que eu ia cavar o buraco e cavei, o resto não é com você?” – Dave Wain fica olhando fascinado, tem alguma coisa fodida acontecendo ali ele também percebe, alguma coisa fria e assustadora – “Bom então tá” eu digo, “eu vou tocar a terra ali por cima e depois bater bem” mas quando eu vou fazer isso Elliott está berrando “NÃO não não não!” (“Meu Deus, os ossos dos peixes tão naquela sepultura” eu também percebo) – “Qual é o problema eu não posso chegar perto do buraco! Por que você cavou o buraco no formato de uma sepultura?” Eu grito por fim – Mas Billie apenas sorri em silêncio direto para mim, por cima da sepultura, de pá na mão, o garoto chorando cutucando a pá, correndo para se meter no meu caminho, tentando me empurrar de volta com as mãozinhas dele – Não estou entendendo nada – Quando eu agarro a pá ele está gritando como se eu estivesse prestes a enterrar Billie lá dentro ou algo assim ou talvez até ele mesmo – “Qual é o problema com esse menino ele é retardado?” Eu grito.

Com o mesmo sorriso silencioso constante Billie diz “Ah você é mesmo neurótico pra caralho!”

Eu simplesmente fico puto da cara e ponho mais terra por cima do lixo e pisoteio aquilo tudo e digo “Pro inferno com toda essa loucura!”

Eu fico puto da cara e caminho batendo os pés pela varanda e me atiro na cadeira de lona e fecho os olhos – Dave Wain diz que ele vai descer a estrada para investigar um pouco o cânion e quando ele voltar as garotas vão ter acabado de fazer as malas e nós todos vamos embora – Dave sai, as garotas limpam e varrem, o garotinho está dormindo e de repente acabado sem nenhuma esperança eu fico lá sentado no sol quente e fecho os olhos: e a paz dourada formigante do céu bate nas minhas pálpebras – Ela chega com uma mão firme uma bênção suave tão grande quanto ela é benéfica, ou seja, infinita – Eu pego no sono.

Eu pego no sono de um jeito estranho, com as mãos enlaçadas atrás da cabeça pensando que só vou ficar lá sentado pensando, mas eu começo a dormir assim, e quando eu acordo um breve minuto mais tarde eu percebo que as garotas estão as duas sentadas atrás de mim em silêncio absoluto – Quando eu sentei elas estavam varrendo, mas nesse ponto elas estavam agachadas atrás de mim, olhando uma para a outra, sem dizer uma palavra – Eu me viro e vejo as duas lá – Naquele exato instante sinto um alívio abençoado – Tudo passou – Me sinto perfeitamente normal outra vez – Dave Wain está lá embaixo na estrada olhando os campos e as flores – Eu estou sentado sorrindo no sol, os passarinhos voltam a cantar, tudo está bem outra vez.

Eu ainda não consigo entender.

Acima de tudo eu não consigo entender o milagre do silêncio das garotas e

do garoto adormecido e o silêncio de Dave Wain nos campos – Mas uma bondade dourada se espalhou por todo o meu corpo e toda a minha mente – Toda a tortura sombria não passa de uma lembrança – Eu sei que agora eu posso ir embora daqui, nós vamos voltar para a Cidade, eu vou levar Billie para casa, vou me despedir decentemente dela, ela não vai se matar nem fazer nada de errado, ela vai me esquecer, a vida dela vai continuar, a vida de Romana vai continuar, o velho Dave vai dar um jeito, eu vou desculpar e explicar tudo (como estou fazendo agora) – E Cody, e George Baso, e McLear faminto e Fagan perfeito iluminado, todos eles vão passar de um jeito ou de outro – Eu vou ficar alguns dias com Monsanto na casa dele e ele vai sorrir e me mostrar como ser feliz por algum tempo, nós vamos beber vinho em vez de bebidas doces e passar noites tranquilas na casa dele – Arthur Ma vai chegar em silêncio para desenhá-lo ao meu lado – Monsanto vai dizer “Não tem segredo, vai com calma, está tudo bem, não leve as coisas tão a sério, já é ruim o bastante sem que você se afunde em concepções imaginárias como você mesmo sempre diz” – Eu vou pegar o meu bilhete e me despedir num dia florido e deixar toda São Francisco para trás e voltar para casa atravessando a América outonal e tudo vai ser como era lá no início – A simples eternidade dourada abençoando a todos – Não aconteceu nada nunca – Nem ao menos isso – Sta. Carolina à Beira Mar vai continuar sendo dourada de um jeito ou de outro – O garotinho vai crescer e se tornar um grande homem – Vai haver despedidas e sorrisos – Minha mãe vai estar me esperando contente – O cantinho do jardim onde Tyke está enterrado vai ser um novo templo perfumado a deixar a minha casa ainda mais minha de alguma forma – Nas noites amenas de primavera eu vou ficar no jardim sob as estrelas – Algo de bom ainda vai vir de todas as coisas – E vai ser um algo dourado e eterno desse jeito – Não é preciso dizer mais nada.

"MAR"

SONS DO OCEANO PACÍFICO EM BIG SUR

“MAR”

Quérson!

Quérson!

Você não só assobia

Dixie, Mar

Quérson! Quérson!

Caíamos os pais
aqui embaixo!

Luz na cozinha –

As máquinas russas

margulham por aqui –

Quando a rocha espumar

vou saber que o Havai

rachou & subir

pelas pernas da montanha

rumo ao pó de

milhões de anos –

Chuu – Chuá – Chhh –

Vamos morra luz de sal

Seu fura-pedra

bilenar

Marum

Ave,

Marinha!

Triste como esposa & morro

Amada como mãe & neblina

Ah! Ah! Ah!

Mar! Ai!

Onde está Netunoturno

agora?

As gentis páginas de polpa

que não têm nada a ver

com os teus rugidos,

falso mar, ah,

são feitas pra rocha

vira ave curte

passo alga oca

se bedarva

crach? Outra vez?

Vinho aqui é sal?

Maremoto na cozinha?

Máquinas russas

no papo macio –

Les poissons de la mer
parle Breton –
Mon nom es Lebris
de Keroack –
Parle, Poissons, Loti,
parle –
Parloceano areando
ruges rochas mil –

Carploch –
Porsche – puxe –
deus – ruge –

O molhe parece
um Collie de nariz comprido
com uma luz no
nariz, como o oceano,
seguindo as acomodações
da mente, estruge um
ritmo que pode
& vai mexer, com o teu
ritmo mental
arenoso –
– Ombros grandes pra caralho
naquele fiadaputa
Parle, O, parle, mer, parle,
Ah fala comigo, fala,
ó mar, tua prata, tua luz
No furo que abriu lá no Alasca
Gris – chh – vento no
Cânion vento na chuva
Vento que ruge e rola
Voando e t vedel
Mar
mar
Mar mergulha
Ó, ave! – la vengeance
De la roche
Cossez
Ah

Cru, ele cruzou o portão
cru lá em Quérson, Quérson,
caíamos os pais aqui embaixo
– a cruz marinha, com algas
de arrasto – Sorri refeita,

sono baixo – Onda – Ah, não,
chuch – Chirc – Bum plop
Netuno agora estende os braços
enquanto milhões de almas
ficam à luz de cavernas escuras
– Que latido ancião? A montanha-
cão? Lá no Motor
do Mar? Deus corre – Porsche –
Chó – Chu – Ah suspiro
a espera & o cabelo enredado que nem
cotovias – Pissit – Não pare
– Plopt, bi stec, cheques,
re tav, plo, aravau,
chirch, – Cochichos vêm de
lá – o sonso córrego da terra!
A névoa troveja – Nós temos
luz prata na cara – Nós
saudamos os heróis – Um bilênio
não é nada –
Ó cidades aqui embaixo!
Os homens com mil
braços! as traves desse
olhar altivo! o
coral da poesia! Os
dragões marinhos amaciados, carne
pros peixes parrudos –
Navark navark os peixes
do Mar falam bretão –
a orla suave como um sonho
humano – Gente
entra & sai da orla, dizem
orla, o mar diz
pich rip ploch – Os
5 bilhões de anos desde
a terra vimos chan
substancial – Chinesas são
as ondas – os bosques
sonhando

Não há palavra humana
pra tristezas mais antigas
que velha essa onda
quebrando aflige a
areia com o ploch
da ideia arenosa
torcida – Ah mudar

o mundo? Ah cobrar
o preço? São corda os
anjós pelo mar?
Ah lontra cordosa
coberta de cracas –
Ah gruta, Ah grosh!
Um mar emplumado

Curto demais – Onde
Miss Nop à noite?
Escrevito Kerarc'h
no labidálico
aristotélico parque
com gosma a meio
– E Ranti forner que
puxava pérolas com
corda ao trono
o Rei no
rumor do
bosque de sempremar?
Nem sempre mar, *ser* mares
– Cruzes
Crash

A mulher com o corpo
no mar – O sapo que
não move nunca & estruge, charch
– A cobra com o corpo
debaixo da areia – O cão
com a luz no nariz,
supino, de ombros tão
enormes que eles tocam a
fenda na chuva – As folhas correm
pro mar – Deixamos que
corram pra se molhar & promover
a velha mudança salgada, um
nu pensato vai mostrar
que elas vêm de Nós-Mar
afinal – Sem ribombantes fados
em tardes de domingo – Varamos a alma do morro,
abrimos cavernas, não soltamos
gosma ou gosmentos pingentes
pensantes –

Exércitos de
alga ancorada na

enseada recendem
a sal & gosma –
Vai, vai, tem folhas
que ficaram para
trás – rola, rolrona
o fundo tubaroso
um vêrdeo pali andarva
– Ah vem – Ah vai –
Ah chich – Bum, bora,
agora é hora – Veia nós
firmes – O mar é Nós –
Parle, parle, brame a
terra – Ari – Chau,
Chu, chuch, flut,
ravad, tapavada pau,
bufe, lufe, rufe,
Não, não, não, não, não, não –
Ah sim, sim, sim, só, yes –
Chhh –

Mas qual? Aquele? Qual
deles? O plochado –
O plochado? o mesmo,
ah bum – Quem é a formiga
formigáurea gigante mudansalgada
ampliando a minha montanha
de pés? Achante, achando a
mudança mental pra se unir
aos buns dependurados na
caverna a luz – E pronta a
casa em cima? Nada tema,
n'a de thème, les bretons qui
parlent la langue de la Mar
sont espagnol comme le cul
du Kurd qui dit le maha
prajna paramita du Sud?
Ah oui! Ca Vlum!
Mar-humorado, eu calado –

Elas não vão tentar
as formigas que gastam
túneis em uma semana
o túnel um milhão de anos
ganhos – não – Lá embaixo
o molhe emporca as algas,
a galinha do mar

faz yak! e dormem –
Arruge, arruge, arrá, arru –
Lontra, eu lontra, eu contra, eu mar
– eu último lago dentro de
mim, o mar – Divina é a
substância de todo o Mar –
Do espaço falamos com
pressa – Que boca alguma
engula o mar – Gavril –
Gavro – a Quérson Querida
& o Velho Marunho – Marulha
em teu ouvido? Marra má?
Virgem cê quer me
sondar

Velho Marasmo, você não tá
de saco cheio de toda essa merde?
desse bumbum incansável
& passeio na areia – vocês
rochas velhas até Fuegie
& nunca entristecem? Nem desesperam
como um alemão fajuto?
Só rum bumbum & verde
em noites de névoa – a névoa é parte
de nós –

Eu sei, mas cansei de
ficar escutando essa
majestade sonsa –
Bashô
Lao!
Pop!

Quem é esse peixe
desafundado? Corre
um tufão do Havaí vem esmagar
o peixe nas pedras – Vamos te melecar,
Homeleca, mostra a essencial
Meleca-do-mar – Rei
do Mar.

Nenhum Monarc'h irlandês?
Tchá viu o marlandês?
Ventos verdes no vale –
Joyce – James – Chhich –
Mar – Ssssss – sal –
– Varach
– mnavach la vache
écriture – o mar não diz

much'a coisa –

Nossa, ela,
arrasta, impele os homens
adiante, Ulisses e os demais
loiros ouens –
Tuplech, & que diferença
faz! Um pontinho
de luz branca!
Mãos tecidas com cabelo
Penélope cheira-
barco – Os cortesãos
s'passam por Telêmaco
dropedário dropedário
cruzes – Or –
Francouro rebrilha
o riachubmarino
onde peixes pescam
pescadores – Salmar
salmoura sudoestes molhados
das velhas Preces Portugueizac'h
'stá tudo enredado, mudado,
sal & solta a areia
& alga & cerebráguas
enreda – Ratos
de velhos gritadores venezianos
Ariel Calibanado
ao Porto de Roma –
Pou – espelho –
Fala parlador,
no parlamento da
minha mãe, lava as tuas
logachas quando
entrar, agradece
à lua enevoadá

Coragem, Topahta
agord – cinzemos
a rosa – Manhã
primordiosa vê
a ave do paravision
ao morrer pipila o flavo
boquicéu! Que doce
a terra, grita areia!
Xceto quando cai
bum!

Ó nós também esperamos
pelo Céu – tudo
em Um –
Tudo está
à nossa vista

Vou agora lavar
a velha Pavia lá embaixo,
& guardar o meu sal
para Alguma Cidade –
Penhascos Antigos
que não têm rosas,
a manhã viu
a ledra pose –
Bum de bum dei
o mar sou eu –
Nós somos mar –
Nem tudo é neve

Lavamos logo o monte
Fuji, & areia
avelinquente – Corremos
rocha – ag –
Longo curto –
Baixo e fácil –
Vento & muita bunda
fria e boassort –
Rappaport –
Endímion, sonhador
enredado, ama-me a coxa
– Rosa, De Shelley,
Rosa, ó Urnas!
Uruburnas no olho de peixe

Mar Cinco o mar Chico
Mar de molhes Magalhães
– Que pira sideral ele largou
dobrando o cavanhik marinho
sobre velhos bodes manuscritos
pra ver o avesso de Plano?
Redolha, vê você o meu fim?
Redora o quartão?
Aup caverna & chvrul –
areia & sal & cabelolhos
– Fortes o suficiente
pro café crescer em cabelos –

Que plantação pegou Netuno?
A de Atlas ainda lá,
As Hespérides seus pés, Sur seu granizo,
Dedimarlandês
& Cornualha a alma
badum

Choando – Enchoando – plop
bedoch – Esse suspiro velho
doido ao lado – Velhas
mãos rudes desgastaram o
pedigree, afundamos mais barcos
do que jamais verão em sonhos
– Chamas – Chamas – O mundo
em chamas & quer água
– Tira a anágua,
mágoa, espera & vê –
Tchoando, tchoando, Eu –
Rendas – Rendas –
as taras velhas tão
meninas –
Você não viu
sereias no meu mar de fato
– Você não viu bebês sem sexo
com seios majestosos –
Minha esposa – minha esposa –
O nome dela é Ah então
vidão

O Reino vulgar onde
rachamos erva, é beira
meu mar –
Josh – cuf – patra
Aí mo ploch –
Ssst – Vem me ler –
Postal francês – Ouriço-mar
Karash teu nome – ?
Quer nadar ou quer afundar?
Zouvidos zunem outra vez?
Mar vibra ritmo
estrondo na caverna
sopradores assobiando
cãorelha de volta – ao mar
Arri –
Birra Napoleão nada –
Nada

Come o mar Plutão –
Rum –
Mãos dobradas pelo mar –
*“On est toutes cachez, mange
le silence”, dit les poissons de la
mer – Ah Mar – Gott*
Thalatta – Merde – Marde
de mer – Mu mer – Maka vash –
O oceano é a mãe –
*Je ne suis pas mauvaise quand j’sui
tranquil – dans les tempêtes
j’cri! Come une folle!
j’mange, j’arrache toutes!*
Cloque – Leite Claque –
Mai! mai! mai! ma!
diz o vento e sopra a areia –
Plutão devora o mar –
Ami go – da – che pop
Vem – vai – Carc –
Caro – Kee ter da vo

Kataketa pow! Kekkekkek!

Kwakiut! Kik!

Alguns dessuntanto taratastos
presos acóí acuílá piesos
o anadondak ram ma lat
junto a Krul a Pat o lat
rat o anaakakalkado
romon t o t t e k
Kara VOOOM
frup –
Pés frios? vau – Inchaço mental?
bocado – pecado – Tesão? – fode o mar!
Cafona? vem pra mim –
Ussens cá não há
lá vamos nós, ka va ra ta
ploch, chhh,
e mais, outra vez, ke vlook
ke blum & lá vem o
grande Mister Trosh
– mais ondas vêm,
cada sílvaba um vento

Adulondulante
paralarle – paralelo
parle pé Senhor

Uma alma irrequieta
à toa não aguenta
o vazio – O mar só vai
me afogar – Essas palavras
são afetações
da mortalidade doentia –
Tentamos abrir caminho
com autoconfiança, a ajuda
nunca é rápida demais
de onde & qual querido
céu houver nos
acenado com promessas –

Mas ondas me assustam –
Eu vou morrer
desesperado –
Acordar onde?
Segundo fôlego da vida –
a atmosfera é mais querida
talvez mais próxima do Céu
– Ó Paraíso –
O mar é mesmo assim tão mau?
Vocês mandaram homens
aqui pra esse palhaço frio
& monstruoso comedor do
mundo? de cujo som
debocho?

Deus preciso acreditar em vós
ou viver na morte!
Pretendeis salvar-nos – a todos?
Logo ou já?
Enviai a vossa luz
ao nosso cérebro afogado
– Somos desgraçados, Senhor,
pedimos vossa ajuda!
Salvai-nos, Querido –
(Salva-vos, Deus-homem,
haha!)
Se você fosse Deus-homem
comandaria as ondas
a muito bem Tennyson para
& mesmo Tennyson
querido
já morto
Deixa isso pra luz

Te preocupa com o jantar,
& um olho

olho de alguém – a esposa,
a moça, o amigo, o bicho
– o sangue goteja –
ele pelo mar,
ele pelo fogo,
tu pelo teu desejo

“O mar me expulsou,
gritou ‘Vai pro teu desejo!’
– Eu subia pelo vale
e o mar ainda berrou:
‘E ri!’”

Nem mesmo o mar me impede de
escrever umas linhas pra ler na velhice
– Eis a carta das formas breves,
o mar a mais breve – Chiche-se –
Depois de um susto desses, Mar,
eu vou escoriar a tua favela – tuas
algas iodadas & aros de gosma,
até as tuas algas ocas secas
fedem – você todo fede –
Bum – Toma, credo –
O barquinho de pesca de Monterey
retorna, mais 24 quilômetros,
em casa peixe frito & ceva às cinco
Guia o mar os percursos das aves –
– Perda prateada sempre pra fora
– Do céu azul de humanas pontes
à densa pilha de nuvens no centro do
mar – ao cinza –
Tem quem diga azul-marujo,
ou cinza, mas eu digo
Guerra Civil das Rochas
– Rochas em ar, rochas em água,
& rochas rochas –
Kara tavira, mnach grand bach
– puch l’abas – cruch
L’a haut – Plash au pied –
Peeeee – Rolle test boules –
Manche d’la rache –
O elegante Rei subjuga
a cuca d’ave bum canora

“Crache tes idées”, cospe tuas ideias,
diz o mar, pra mim, muito
a propósi to –
Pss! pss! pss!
Ps! garota dentro!
Espuma de pés vermelhos, olhos de anciões
feiticeiros, unhas do pé penduradas
no barril do velho queijo
que o holandês esqueceu de comer a

tempestade
mil nove centos
e dez e seis –

Quando um navio torpedeou
Pedro no Vale
de um Milhão de Taxas?

Quando Magalhães zarolho
devorou os pés amazônicos –
E, Ah, quando Colombo cruzou!
Quando Drake sir francisou as ondas
alimentando os gaios-azuis
escuros – bateu o cervejeiro
tanque ao botaló,
guardou os pensamentos de Erik
o Vermelho o peralta groenlandês
& construtor de petribostas em New
Port – *Novo* – mas –
Velhiporto Piscicuca Indígena –
Velhiporto Tatuagem Kwakiutl Kukapostch –
Tabu potassa Coyotl potlatch?
Velha Columbia primitiva –
De nome Co lombó?
Nome pra Aruggio Vesmarica –
Ar! – Or! – Da!
E quanto a Verrazano?
ele zarpou! –
Verrazano ze voi & nós
estadiamos sua ilha em no fundo

em no dacho –
Tá podre o porco?
Pecadores homens bons todos
afundam nadam bebem o néctar
de Netuno o zal sotat –
Zal sotate nome pra crota?
Crota ta crotte, cê não

vai encontrar (Jesus Cristo!)
nenhuma bosta seca aqui embaixo –
Por que não?
Vai quebrar a rocha
desolada com teus dentes de filé mignon
& ver – Pra você, o aconchego,
o coração, o tufo de cabelos –
Pra mim, pra nós, o Mar,
o assassinato do tempo ao comer
rachaduras fegosas de ondas labiais
em éons de arte arenosa
até que reste só a dor
da recém-nascida velhice primordial
dos que sentam ao lado
da ave
inata
de rosas ainda intocadas –

Com alga as tuas rosas,
caranguejos teus murmúrios?
Com zunzum no mar!
Com corre-corre no fundo!
O Osh com o Cetro, o amplo trecho
que vai da pedra americana à pedra
Já Pão, esse instábulo
rolador rugindo tudo,
o pluchador na tua porta
Bostissecanguinolenta,
a boca argentibrânquia arrando a te pegar,
o purgador de consciência
arra por ti –
Não há rato aqui sem uma
certa alegria – e
a ré, ou arre, a arraia
às raias da alegria –
Ah lindo lindo oceano
eu –
Chega! baixa o cetro!
Outra vez você me aceita!

Respira nosso iodo, suja a tua bebida,
desmaia aos pés molhados, deixa
cair o teu perfil mexe ele no mar,
Adonais aguado algado
te deseja – & Shelley, ou seja,
somos três – arde em sal

com vagaríssima mudança –
Não tivemos vez na eternidade
nem mesmo passado um bilênio –
um grão de areia encerra
3 mil mundos de alegria –
sem falar de mim –
Ah mar

Ahssim – Ahssado –
cedo – cinto – mistura
ha vai – tara – ta ta –
curlurc – Kay ash – Ki
Pérolas pérolas no ocidente amarelo
– Céu amarelo até a China –
Pacífico aqui nomeamos
a água como sempre junto à
água – Pacífico Pacífico
Pacífico tápfico – garum –
Gadoch – gaka – gaya –
Tatha – gata – mana –
E as velas do bhikkus?
Dhikkus? Dhikkus!
Que balsa enviou Moisé
ao pomposo pombal?
o que salvou o Pretemoinho
da prancha de Kidd?
Que Vainseto aqui?
Seeeto! Seeeeeeeeeeee
eeeeee – kara –
Medita um yar –

Big Sur é essa areia
as rochas o córrego?
Raton Canyon de nome chove
Folhas coiotes & velhos Pomossos
& o velho pó dos Tomahawks
na tua boca figada –
Minha boca de sal vai salvar
Alfayates – cerzindo na sala
lá embaixo –
Cerzindo algas cragadas pra aventura
no leite em poeira –
Cerzindo em cruzezague
pra ter certeza – Sartos
estamos do Preço-Vitória
na Guerra Salgada contigo

& a tua tynta gosmenta!
Eis o mar que chamam aqui
De Mar Pacifico!
T a ki !
Meu dourispirito vazio vai
durar mais do que o teu sal
– meus Olhos gosmentos
& cabeça peixelenta espiam,
charuto à beira lábio,
algum desprezo –
Mas me apresso pra te ver
– tu te apressas pra comer-
me – Belo à vista
e gasto, mui bem –
Arrá! Arru!
Ger der va –
Sonsas cidades silentes no mar
têm filhos fazendo pasta
de papelão com um velho inglês
favo ensebado de espuma
de histórias lá embaixo –
Não há tormenta tão quieta & terrível
como a tormenta interior –
Bruxo hip! Budaterras
& Budamares!
Que velas Maudgalyayana usou
é só ele quem sabe
mas foi mordo aos gritos
berrando encosta abaixo
“Pra casa!
Já!”
– elornes djamas em cacos
Maudgalyayana foi morto pelo mar –
Mas o mar não diz –
O mar não mata –
Os meruditos
deviam saber
ou
voltar pra escola

Ouve lá o motor marinho?
Sente o splash dele?
Seis centopeias sonsas aqui, Machree –
Ah Ratatatatatat –
a metramarlhadora, bolas
rítmicas de vocês entrando

com suavee rosa-mosqueta
no cãozinho leitigree
tenor –
Tendão marcha arrá arru
arrac'h – arrache –
Kamac'h – monarc'h –
Kerarc'h Jevac'h –
Tamana – gavau –
Va – Vuvla – Via –
Mia – meu
mar
merda
Adeus, Sur –

Já falou pra ele
sobre o encontro entre água e água?
Ah então volta à lontra –
Termo – Termo – Klermo
Kermo – Kurna – Curva – Kurva –
Cacho – Cac'h – Cluque
Claque – Carnevai mar querer
fu fundo eu te vejo
Enoc'h
logo anarf
Na Velha Bretanha

*21 de agosto de 1960
Oceano Pacífico em Big Sur
Califórnia*

[1] Dramaturgo e poeta norte-americano, autor de *Complete Minimal Poems*.

[2] Os poemas completos escritos à beira mar estão no fim deste livro, no apêndice intitulado “MAR”: Sons do Oceano Pacífico em Big Sur. JK

SOBRE O AUTOR

JEAN-LOUIS LEBRIS DE KEROUAC nasceu em Lowell, Massachusetts, em 12 de março de 1922, o mais novo de três filhos de uma família de origem franco-canadense. Começou a aprender inglês aos seis anos de idade. Mais tarde, como jogava bem futebol americano, ganhou uma bolsa para a Universidade de Columbia, em Nova York. Nesta cidade conheceu Neal Cassady, Allen Ginsberg e William S. Burroughs. Largou a faculdade no segundo ano e foi morar com uma ex-namorada, Edie Parker; juntou-se à Marinha Mercante em 1942. Em 1943 alistou-se na Marinha, de onde foi dispensado por razões psiquiátricas. Entre uma e outra viagem, voltava para Nova York e escrevia o seu primeiro romance, *The town and the city*, publicado em 1950, sob o nome de John Kerouac. Em abril de 1951, entorpecido por benzodrina e café, escreveu em três semanas a primeira versão do que viria a ser *On the Road*. Kerouac escrevia em prosa espontânea, como chamava: uma técnica parecida com a do fluxo de consciência. O manuscrito foi rejeitado por diversos editores. Em 1954, começou a interessar-se por budismo e, em 1957, *On the Road* foi finalmente publicado. O romance exemplificou para o mundo aquilo que ficou conhecido como “a geração *beat*” e fez com que Kerouac se transformasse em um dos mais controversos e famosos escritores de seu tempo. Seguiu-se a publicação de *The Dharma Bums (Os vagabundos iluminados)* – um romance com franca inspiração budista –, *The Subterraneans (Os subterrâneos)*, em 1958, *Maggie Cassidy*, em 1959, e *Tristessa*, em 1960. A partir daí, Kerouac tendeu à direita, politicamente: criticava os *hippies* e apoiou a guerra do Vietnã. Publicou ainda *Big sur* e *Doctor Sax*, em 1962, *Visions of Gerard*, em 1963, e *Vanity of Duluo*, em 1968, entre outros. *Visions of Cody*, considerado por muitos o melhor e mais radical livro do autor, só foi publicado integralmente em 1972. Kerouac morreu em St. Petersburg, Flórida, em 1969, aos 47 anos, de cirrose hepática. Morava com a mãe e a mulher, Stela. Escreveu ao todo vinte livros de prosa e dezoito de ensaios, cartas e poesia.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Big Sur*

Tradução: Guilherme da Silva Braga

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Cornell Capa / Magnum Photos

Preparação: Bianca Pasqualini

Revisão: Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

K47b

Kerouac, Jack, 1922-1969

Big Sur / Jack Kerouac; tradução de Guilherme da Silva Braga. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET ; v.811)

Tradução de: *Big Sur*

ISBN 978.85.254.2169-2

1. Geração beat - Ficção. 2. Romance americano. I. Braga, Guilherme da Silva.

II. Título. III. Série

09-3741. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Copyright © Jack Kerouac, 1962. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br